





Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

OBRAS POSTHUMAS

DE

A. GONÇALVES DIAS.

—

V

S. LUIZ.—Imp. por B. de Mattos, Typ. rua da Paz, 5 e 7.

OBRAS POSTHUMAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

PRECEDIDAS DE UMA NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

VOLUME V.

DRAMAS.

I—LEONOR DE MENDONÇA.

II—BOAPIM.

SAN'LUIZ DO MARANHÃO.

1868.

A viuva de A. Gonçalves Dias reserva para si todo o direito de propriedade, que lhe confere a lei sobre estas e as obras já impressas do autor, e procederá contra quem vender exemplares das OBRAS POSTUMAS que não forem assignados pe'o impressor.—Bellarmino de Mattos.

B. de Mattos

LEONOR DE MENDONÇA,

DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS E CINCO QUADROS.

1846

AO SEU BOM AMIGO

O DR. JOSÉ HERMENEGILDO XAVIER DE MORAES,

OFFERECENDO-LHE SEU TRABALHO

O AUTOR.

PROLOGO.

Contentar a todos ninguem o alcançou, muitos se contentarão com aprazer a muitos. O autor tomará por grande honra satisfazer a poucos.

Prolog. da Com. de Bristol.

Idéas e factos ha que diariamente nos passam por diante dos olhos sem que nunca attentemos nelles; nós os reputamos cousa corrente e sabida por todos, que por vulgar nos não póde parecer sublime. Mas sobre essa idéa ou facto, que em a nossa memoria enthesouramos como substancia de flôres em favo de abelhas, a reflexão trabalha sem descanso, desbasta-o, e tanto se exercita sobre elle, que depois estranhamos de o ver brilhante, bello e muito outro do que a principio se nos antolhára.

Parece-nos de então que o devenios pesar e meditar com a nossa intelligencia, e ver depois as côres que nelle mais sobresaem e as roupagens que melhor se agei-

tam as suas fórmãs. A imaginação se incumbê de este trabalho, e desde esse instante está creada a obra artistica ou litteraria:—edificio ou symphonia; estatua ou pintura; romance, ode, drama ou poema; boa ou má; perfeita ou imperfeita—, o factô é que ella existe. Seja embora feia e falta de proporções, será como uma creatura imperfeita, como um aborto monstruoso, como uma anomalia; mas existirá sempre.

Ha porém entre a obra delineada e a obra já feita um vasto abysmo que os criticos não podem ver, e que os mesmos autores difficilmente podem sondar: ha entre ellas a distancia que vai do ar a um solido, do espirito á materia. A imaginação tem côres que se não desenham; a alma tem sentimentos que se não exprimem; o coração tem dôres superiores a toda a expressão. É por isto que aos homens de imaginação, que não são autores, pôde facilmente parecer que elles comporiam melhor tal obra do que tal mestre, que desenvolveriam tal assumpto ou que pintariam tal paixão melhor do que outros, aliás grandes, o tem feito. E é a razão porque elles compararam o fogo do seu coração, a viveza da sua imaginação, a profundeza do seu sentimento (essencias d'alma) com as expressões de um autor, com palavras que, por escolhidas e delicadas que sejam, tem sempre um—que—de material.

É ainda por isto que eu, inimigo de quanto é ou me parece prologo, nem só os escrevo, como tambem os leio com prazer, quando elles são feitos, não com o fim inutil de encarecer o merecimento de uma obra que já pertence á critica e ao publico, mas para que o autor nos revele qual foi o seu pensamento, qual a sua intenção, o que pertence exclusivamente ao autor e a arte:

o autor, para que o publico se não deixe dominar por juizes ou mal entendidos ou mal intencionados; á arte, para que os principiantes em tal carreira não desacoregõem com os seus ensaios, sem duvida imperfeitos, e não dêem de mão ás bellas-lettras pela desproporção que de necessidade acharão entre o seu pensamento e a sua expressão.

Direi pois, não o que fiz, mas o que prometti fazer.

A acção do drama é a morte de Leonor de Mendonça por seu marido: dizem os escriptores do tempo que D. Jayme, induzido por falsas apparencias, matou sua mulher; dizem-no porém de tal maneira, que facilmente podemos conjecturar que não forão tão falsas as apparencias como elles no-las indicão. O autor podia então escolher a verdade moral ou a verdade historica—, Leonor de Mendonça culpada e condemnada, ou Leonor de Mendonça innocente e assassinada—. Certo que a primeira offerecia mais interesse para a scena e mais moral para o drama; a paixão deveria então ser forte, tempestuosa e frenetica, porque fóra do dever não ha limite nas acções dos homens: haveria cansaço e abatimento no amor e reacções violentas para o crime, haveria uma luta tenaz e continua entre os sentimentos da mulher e os da esposa, entre a mãe e a amante, entre o dever e a paixão: no fim estaria o remorso e o castigo, e nelles a moral. Ha nisto materia para mais de um bom drama.

Leonor de Mendonça, innocente e castigada, será infeliz, desesperada ou resignada. Ora, o remorso é mais instructivo do que o desespero e do que a resignação, como o crime é mais dramatico do que a virtude: pena é que assim seja, mas assim é. Se em prova disto me

fosse preciso trazer algum exemplo, eu citaria o Faliero de Byron e o Faliero de Delavigne.

Porque então segui o peor? É porque tenho para mim que toda a obra artistica ou litteraria deve conter um pensamento severo: debaixo das flôres da poesia deve esconder-se uma verdade *incisiva* e aspera, como diz Victor Hugo,—em cada mulhier formosa ha sempre um esqueleto.

Foi este o pensamento — a fatalidade. — Não aquella fatalidade implacavel que perseguiu a familia dos Atridas, nem aquella outra cega e terrivel que Werner descreve no seu drama—Vinte e quatro de Fevereiro.—É a fatalidade cá da terra a que eu quiz descrever, aquella fatalidade que nada tem de Deus e tudo dos homens, que é filha das circumstancias e que dimana toda dos nossos habitos e da nossa civilisação; aquella fatalidade, enfim, que faz com que um homem pratique tal crime porque vive em tal tempo, nestas ou naquellas circumstancias.

Repito: não analyso o que fiz, digo apenas o que era meu desejo fazer.

Leonor de Mendonça não tem nem um só crime, nem um só vicio; tem só defeitos. D. Jayme não tem nem crimes nem vicios; tem tambem e sómente defeitos. Os defeitos da duqueza são filhos da virtude; os do duque são filhos da desgraça: a virtude que é santa, a desgraça que é veneranda. Ora, como o que liga os homens entre si não é, em geral, nem o exercicio nem o sentimento da virtude, mas sim a co-relação dos defeitos, a duqueza e o duque não se poderiam amar porque eram os seus defeitos de differente natureza. Quando algum dia a luta se travasse entre ambos, o mais forte espedaçaria o mais fraco; e assim foi.

Ha ahí tambem outro pensamento sobre que tanto se tem fallado e nada feito, e vem a ser a eterna sujeição das mulheres, o eterno dominio dos homens. Se não obrigassem D. Jayme a casar contra a sua vontade, não haveria o casamento, nem a luta, nem o crime. Aqui está a fatalidade, que é filha dos nossos habitos. Se a mulher não fosse escrava, como é de facto, D. Jayme não mataria sua mulher. Houve nessa morte a fatalidade, filha da civilisação que foi e que ainda é hoje.

Isto quanto ao principal da acção. Desenhei como pude uns caracteres, outros deixei quasi acabados, outros apenas esboçados.

Ha tres velhos, ou que pensam como taes: é o duque, o velho Alcoforado e Fernão Velho.

O duque é nobre e desgraçado; da nobreza tem o orgulho, da desgraça a desconfiança, e do tempo a vida e a superstição. O duque é cioso, e, notavel cousa! é cioso, não porque ama, mas porque é nobre. É esta a differença que ha entre Othello ¹ e D. Jayme. Othello é cioso porque ama, D. Jayme porque tem orgulho. Ambos são credulos e violentos; mas a credulidade de Othello forma-se e caminha a passos lentos, porque o seu amor duvida; a sua violencia, relevem-me a expressão, é vagarosa e caminha com a terrivel magestade das lavas de um vulcão. O duque crê quanto basta ao bom senso de qualquer homem, e a sua violencia é precipitada, porque elle não interessa com a innocencia de sua esposa. Othello mata a Desdemona, mas chora antes de a matar e depois de a ter morto; o duque mata a Leo-

¹ Falla do Othello de Shak-spere.

nor de Mendonça, mas sem lagrimas, porque o orgulho não as tem.

Se me é permittido continuar com o drama além dos seus termos naturaes, vejamos o que fazem estes dous homens depois de assassinaadas suas mulheres. Othello mata-se; e D. Jayme, convencido da innocencia da sua por tantos e tão grandes milagres que testemunharam o seu martyrio, irá batalhar contra infieis em expiação do seu crime, e voltará purificado para de novo casar-se. Assim, pois, quando o primeiro acaba a vida é que o segundo principia a viver.

O duque é severo porque é insensivel; o velho Alcoforado é tambem severo, mas ama. O primeiro é severo como nobre e como senhor; quando elle falla, manda, quando elle pede, manda ainda: é-lhe precisa a obediencia, porque não sabe pedir; elle a exige, porque não sabe mandar. Como porém é ao mesmo tempo urbano e cortezão, a duqueza tem de se mostrar livre e senhora da sua vontade, o que torna incomportavel a escravidão. O velho Alcoforado é severo como pai e como homem; é condescendente, porque ama; é feliz, porque é condescendente. Embalado pela voz de seus filhos, elle caminha lentamente para o sepulchro, e a sua modesta habitação respira amor e suavidade. Ha realmente contraste entre o duque poderoso e o modesto pai de familia, entre o palacio sumptuoso e a habitação singela: o que ha de mais naquelle falta nesta, o que nesta é necessario falta naquelle. O velho não quer senão viver e morrer entre os seus filhos, e o duque foge com prazer do seu palacio para viver uma semana na sua ermidão do convento do Bosque, ou com os seus capellães da serra de Ossa. Assim é com razão, porque o velho

tem para si que melhor que a sua vida só a bemaventurança, enquanto que para o duque fôra verdadeira bemaventurança viver a vida tranquilla do velho.

Fernão Velho é tambem severo e tambem insensivel, porém não é como o duque nem como o velho Alcoforado. É um domestico que não sente nem vive senão por outro e para outro. Elle ama sobretudo a seu amo, desvela-se no seu serviço, compraz-se com tudo que lhe diz respeito, alegra-se quando o vê alegre e soffre quando elle soffre.

Antonio Alcoforado é o que elle devia ser na sua idade, corajoso e dedicado; dedicado, porque a benevolencia da duqueza em favor delle se convertesse em gratidão; corajoso, para ter o direito de morrer sem defender-se, para que pudesse supplicar sem baixaza, mas antes nunca maior nem mais nobre do que quando curvado pedisse justiça para a mulher que não pudesse defender, e piedade para a que não pudesse salvar. Com aquella idéa, com aquella acção, com estes e outros caracteres quiz eu construir assim o drama.

No primeiro plano, o duque, a duqueza e Alcoforado. Alcoforado dedicado e estremoso, a duqueza agradecida e imprudente, e entre ambos o duque sombrio e desconfiado. Entre a duqueza e Alcoforado correr uma cadeia de benevolencia e de serviços, de extremos e de gratidão, fazer cahir o duque sobre ambos espedaçando a cadeia com a sua força, arrojando a cabeça do homem aos pés dos seus facaios, e empolgando a mulher como uma presa para nella cevar a sua vingança.

No segundo plano, Paula e Fernão Velho, ambos domesticos, e como taes revelando cada um a indole do seu amo. Paula boa e docil, porque a duqueza é affavel

e benevola; Fernão aspero e rude, porque o duque é orgulhoso e inflexível.

Ao longe, aquella boa familia dos Alcoforados. O velho robusto e valido, a filha amorosa e candida, e o filho dotado de boa indole, mas ainda sem character, porque o tempo e as circumstancias é que o hão de formar.

Prender á todos uns aos outros com o amor ou com a obediencia, ligal-os estreitamente entre si, junta-los, congloba-los, impellir uns sobre outros, e fazer brotar a dôr e a poesia do choque de todas essas almas e do choque das paixões o drama.

Cabe á critica avaliar até que ponto realisei a minha idéa.

Por ultimo, direi algumas palavras sobre a arte. No começo do theatro moderno havia apenas duas obras possiveis: a tragedia, que cobria as suas espadoas com manto de purpura, e a comedia, que pisava o palco scenico com os seus sapatos burguezes; era assim, porque a tragedia andava pelos grandes, enquanto que a comedia se entretinha com os pequenos, e ainda assim com o que nestes havia de mais comico e risivel. Hoje, porém, a comedia e a tragedia fundiram-se n'uma só creação. E de feito, se attentamente examinarmos as producções de hoje, que chamamos dramas, notaremos que ainda nas mais lyricas e magestosas ha de vez em quando certa quebra de gravidade, sem a qual não ha tragedia. Notaremos tambem que essa quebra provém de ordinario de uma scena da vida domestica, o que verdadeiramente pertence á comedia. Aquella scena, por exemplo, do segundo acto de Lucrecia Borgia entre Lucrecia e o duque de Ferrara é um bosquejo da

vida intima, é um facto que, mais ou menos modificado, tem lugar em toda a parte no concheço familiar; é uma scena que pertence á comedia, porque não é da sua essencia fazer rir. Descreva ella fielmente os costumes, e a arte ficará satisfeita.

Assim, pois, o drama resume a comedia e a tragedia. Ora, se a tragedia se não pôde conceber sem verso, assim tambem a comedia sem prosa não pode existir perfeita. Para prova disto basta que reflectamos que o melhor autor comico do mundo, o celebre Molière, foi o primeiro que, não sem difficuldade, introduziu a prosa no theatro francez. Antes d'elle, até os bons burguezes se envergonhavam de fallar a linguagem do povo e a dos sabios. Patearão-no, creio eu, bem que Racine seguiu o seu exemplo ¹. Porém, primeiro que estes excellentes dramaturgos, outro que ainda não foi excedido em arrojio e sublimidade, o afamado Shakspeare que inventou o drama descrevendo fielmente a vida, já havia achado a verdadeira linguagem da comedia usando nella da prosa. Nos seus dramas ou chronicas foi Shakspeare consequente comsigo, usou simultaneamente da prosa e do verso, porque simultaneamente creava em ambos os generos. Nós porque o não havemos de imitar? Quando elle quer exprimir uma cousa vulgar ou uma chocarrice, usa da prosa; quando quer exprimir um sentimento nobre ou uma exaltação do espirito, usa do verso, e não só do verso heroico como

¹ Esqueceu-me tratar de Antonio Ferreira. É digno do reparo que o classico portuguez não nos deixasse em prosa senão as suas duas comedias—O Cioso e Bristo—; é digno de reparo, digo, porque Antonio Ferreira, tão primoroso imitador dos antigos, não deixaria os seus modelos sem alguma razão que o persuadissem a innovar. Essa razão qual foi?...

de todos os mais da lingua ingleza: foi o estylo hespanhol, como tambem o que praticou Metastasio na Italia, e Gil Vicente em Portugal. Porque não faremos nós assim? Porque havemos de dizer em verso cousas vulgares, e em prosa cousas que só em verso podem ser bem ditas? Bem é que haja harmonia entre a expressão e o pensamento, que a poesia do espirito seja interpretada pela poesia das pâlavras, e que o prosaico da vida seja dito em linguagem prosaica.

Supponhamos que Shakspeare apresentava em scena uma daquellas personagens que elle se comprazia em enfeitar com todas as flores do seu genio, Hamlet, Lear, Othello ou Macbeth. Se no meio de um daquelles seus monologos, em que a belleza do verso rivalisa com a sublimidade do pensamento, lhe fosse preciso apresentar tambem um importuno, um servo, por exemplo, que viesse chamar seu senhor para a meza, com certeza que elle não poria versos na boca do villão, nem se cansaria em imaginar uma periphraasis para dizer em verso: «O jantar está posto.» Elle diria isto como vulgarmente se diz, como todos os dias o ouvimos, sem adorno mal cabido e sem magestade forçada. O prosaico da vida afugentaria a poesia do pensamento, e por consequencia o verso. O seu protogonista responderia com despeito, mas em prosa corrente e chã «não quero» ou cousa semelhante; e em taes circumstancias, e depois de um trecho de poesia sublime, um *vai-te secco* e simples é mais natural e me parece melhor e mais bello do que o mais estudado endecassyllabo bocagiano.

Façamos esta invocação enquanto não temos de lutar com prejuizos de uma escola, e enquanto não seguimos um systema por habito.

Não se diga que haveria dissonancia no uso simultaneo da prosa e do verso; tal não é, porque a prosa do Sr. Herculano é verso, e o verso do Sr. Garret parece prosa. O primeiro mostra-nos a sua força em toda a sua plenitude; no mesmo tempo em que admiramos a energia da phrase, o som das palavras vai de per si reboando nos ouvidos como se fôra o écho de uma tempestade. No segundo ha tanta graça, tanta singeleza, tão prodigiosa facilidade de movimentos que nós conjecturamos maravilhados a força incrível que elle parece adrede occultar. Perdoem-me a comparação, que não sei se é minha: é o cysne que pode ser aguia, e que mostra que o é, mas que, satisfeito de nós encantar com a sua graça, menospreza a força com que elle poderia remontar-se às nuvens para empolgar os raios do sol. A prosa de Bernardim Ribeiro casar-se-hia maravilhosamente com os versos do Sr. Garret, como os versos do Bocage com a prosa do Sr. Herculano.

A difficuldade não é invencivel, porque a distancia não é tão grande como parece.

Eu o repito: innovemos neste ponto. Se eu o não tentei, é certo ao menos que era essa a minha intenção quando imaginei este drama, tal qual é. Aquella desbotada imitação de Corneille, aquellas palavras que diz Alcolorado antes de receber a fita de que a duqueza lhe faz mimo, seria o estreamento da tentativa e continuaria com ella pelo decurso do drama. Quando, no quarto quadro, a duqueza começa a exaltar-se com o som das suas proprias palavras, fazendo subir de ponto a impaciencia do duque, a colera deste, instigada pela demora, devia trovejar-lhe nos labios em versos robustos, e o espectador comprehenderia optimamente

a razão da subita mudança. Daqui até ao fim do quadro continuaria sempre a poesia. A voz de Alcoforado supplicando a vida da duqueza seria como uma harpa em uma orchestra, a voz da duqueza como um acorde mavioso, e a voz do duque e dos da sua comitiva como um acompanhamento funebre e pavoroso. Não sei o que diga; mas está me parecendo que, se quando a platea esperasse anciosa o desfecho de uma scena, de um acto ou do drama, mudassem os actores repentinamente de linguagem, e trovejasse ao mesmo tempo o verso nos labios dos actores e a musica em todos os instrumentos da orchestra, haveria na platéa tal fascinação que devia esmorecer por fim n'um bater prolongado de palmas e n'um estrugir acalorado de bravos. Mas não é da musica que tratamos agora.

Talvez queira alguém saber o motivo porque não pratiquei aquillo mesmo que agora aconselho, e que digo ser conveniente fazer-se. Di-lo-hei francamente.

Não o fiz, porque, quanto a mim, toda a innovação deve ser intentada por alguém que já tenha um nome e sympathias que com mais ou menos probabilidade lhe garantam o successo. Neste caso, a mallogração é de pessimos resultados, não tanto para o autor, como para a arte; o publico tonia para si uma opinião bem ou mal fundada, os mais altos temem arrosta-la, e haverá no progresso da arte retardamento de um seculo ou de mais, até que de todo se apague a idéa da mallogração ou do ridiculo, e que outros homens estejam dispostos a receber idéas já rejeitadas por seus antepassados.

Foi esta a causa; porém outra ha que eu não sei se faço mal em a dizer.

O drama é feito para ser representado, e entre nós

só podem ser representados os que fôrem approvados pela censura competente; de maneira que o nosso conservatorio dramatico na côrte, e um delegado ou subdelegado de policia nas provincias, tem um *veto* omnipotente contra o qual não ha recurso, ou eu não o conheço. Quem nos dirá que na primeira folha do malfadado manuscripto não gravaria o conservatorio dramatico o seu *veto*? O *veto* é tanto mais facil de ser exarado, que a lei não exige o porque, tanto mais facil que delle não ha recurso senão para elle, e ainda tanto mais facil que ou elle se applica as producções estrangeiras, e o autor não póde ou não quer advogar a sua causa ou a nacionaes, e estes temem quebrar a suâ carreira; temor infundado, bem se vê, pois que o conservatorio é superior a estas ninharias; mas emfim é temor, e contra elle não sei que haja medicina. A culpa quem a tem não é o conservatorio dramatico, folgo de o poder dizer com verdade; o conservatorio tem homens de conhecimentos, de consciencia e de engenho, homens que são a flôr da nossa litteratura e os mestres do nosso theatro. Mal me estaria a mim, autor ephemero e desconhecido, querer levar mão de um só dos seus louros, que eu sei de quanto desinteresse carece, de quanta força de vontade, de que impulsão irresistivel do genio ou do fado, quem quer que entre nós se abalança a colhê-los no meio do indifferentismo da nossa gente e do sorriso quasi mofador, quasi compassivo dos que os não deviam desconhecer. Mas digo que esses litteratos e dramaturgos não podem ser uteis alli, porque executam fielmente a lei, que é um regulamento policial em vez de ser uma medida puramente litteraria. Digo que até os folhetins que se publicam no *Jornal do Commer-*

cio, sob o titulo—Semana Lyrica—, são em tudo de mais effeito e utilidade do que as censuras do conservatorio, mesmo quando a *Minerva* lhes dava tal ou qual publicidade. Quem tem a culpa é a lei; e tanto mais culpada é ella, que, se meia duzia de mancebos, de seu motu proprio, se reunissem para o mesmo fim, a sua pequena associação seria necessariamente mais vantajosa ás letras do que o instituto do conservatorio. Sem autoridade legal, os decretos dessa reunião ou associação, para que fossem de alguma importancia, deveriam ser fundados na boa razão, na justiça e na imparcialidade. A sua critica diaria, hebdomadaria ou mensal, publicada pela imprensa, chegaria ao conhecimento de todos, e, suscitando polemica, serviria para iniciar o publico nos segredos da arte, para formar-lhe o gosto, quando o não tivesse formado, e avigorar-lhe a opinião já creada, quando fosse a boa. Seria enfim uma instituição creadora em vez de não ser nem conservadora, fructifera em vez de ser esteril, e auxiliadora em vez de ser repressiva. O engenho não quer pês; é esta uma verdade já hoje tão vulgarisada, que não carece de demonstração. Bem é que de uma vez nos convençamos que deve haver liberdade de pensamento, não só para o jornalismo, mas principalmente para a litteratura, que não é de razão nem de justiça poder o inilimo dos mechanicos encarar o seu pensamento nas suas obras, e que só ao poeta dramatico não se permita deixar-se arrebatado livremente pela inspiração, mas antes seja constrangido, além de lutar com os nossos preconceitos, a meditar e a pesar a sua phrase para que algum Argos vigilante não descubra nella longes de feições que elle não conhece, ou resaiço de opiniões

que não são delle. A liberdade de pensamento no drama não é como nós a entendemos, a só faculdade de o crear, mas tambem a de o publicar: e a sua primeira publicação é a recita. Se o drama não fôr representado, será bom como obra litteraria, mas nunca como drama. Se o drama não póde ser representado, mas o promotor consente que elle corra livremente impresso, dizem alguns que fica salva a liberdade do pensamento, e eu entendo que ella é muito mal entendida.

Não digo que favoreçamos a litteratura, digo sómente que lhe não devemos pôr mais tropeços do que os que ella em si já tem.

Encanar na sua nascença um rio que, indigente de aguas, mal póde com ellas lavar seu leite, é trabalho de nenhum merecimento; porém, se elle no fim da carreira engrossa e precipita a corrente, e sobrepujando as ribanceiras, alaga as margens e inunda largamente os campos, em tão boa hora que o encanem, mas não lhe ponham diques, que fôra inutil além de perigoso.

Quando pois a lei fôr revogada, como eu creio e espero, poderá qualquer autor compôr um drama neste sentido, com a certeza de que a experiencia será inteira e o resultado decisivo. Será outro, que não eu. Appareço um dia no mundo litterario, e brevemente lhe direi o meu ultimo adeos. Vencedor ou vencido, não me tornarão a ver sobre a arena combatendo em favor das artes, e sendo por amor dellas o primeiro a applaudir e a exaltar os meus competidores.

ACTO I

PERSOVÁGENS.

D. JAYME. duque de Bragança.
LEONOR DE MENDONÇA. duqueza de Bragança.
AFFONSO PIRES ALCOFORADO. o velho.
ANTÓNIO, }
MANOEL, } seus filhos.
LAURA, }
FERNÃO VELHO, vedor do Duque.
PAULA. camarista da Duqueza.
LOPO GARCIA. capellão do Duque.
UM SERVO.
UM PRETO.
HOMENS D'ARMAS. PAGENS E CRIADOS.

A acção passa-se em Villa-Vieosa, a 2 de novembro de 1512.

ACTO I

QUADRO PRIMEIRO.

A scena repete enta uma sala com um toucador, portas lateraes, porta no fundo, um banco e mesa com bancaes de damasco, algumas cadeiras de espaldas; decoraçãõ da época.

SCENA I.

PAULA, só, acabando de compôr a mesa.

O que se havia de metter em cabeça áquelle pobre Alcoforado! E escolher-me a mim, logo a mim para sua confidente! Mas enfim elle é tão novo que não era de razão que eu o deixasse morrer assim sem mais nem menos. Que doudo aquelle!.. Foi logo offerecer offrendas e romárias áquella santa que por certo ll'as não ha de aceitar: porém que se me dá a mim que elle gaste cera com ruins defuntos em vez de a mandar benzer para se guardar dos trovões!

SCENA II.

PAULA. « DUQUEZA.

PAULA.

Jesus! seis vós, Sra. duqueza!

A DUQUEZA, sorrindo-se.

De que te admiras?

PAULA.

Tão cedo! apenas o sol acaba de nascer: acaso estais doente?

A DUQUEZA.

Não pude dormir: assim me aconteceu sempre em terras pequenas. Não tenho em que empregar os serões, deito-me cedo, e passo a noite a revolver-me no leito.

PAULA.

Como estais pallida! Realmente é-nos preciso ir para a côrte quanto antes; que se passais muitas noites como esta, não vos asseguro a vida por um ceitil.

A DUQUEZA.

Dizes bem; porém enquanto por cá andamos, não te esqueças de me tocar.

PAULA.

Sim, tocar-vos agota para terdes ao meio dia um toucado desfeito e sem graça.

A DUQUEZA.

Compô-lo-has de novo. Custa muito! Paula começa a tocar. Já hoje viste o Sr. duque?

PAULA.

Ah! o Sr. duque! está outro como vós! Esta manhã, ainda o sol não era nascido, senti um tropel à porta do palacio: cheguei-me á janella, e vi deus cavallos arreitados e promptos: pouco depois sahio o Sr. duque, cavalgou de um salto o primeiro que encontrou,

e quando Fernão Velho, o vedor, acabava de cavalgar o segundo, já elle se tinha sumido lá, bem longe, como quem vai caminho da tapada.

A DUQUEZA.

Pobre homem!

PAULA.

Pobre! bem terrivel que é elle

A DUQUEZA.

Terrivel porque? Não sabes tu que o duque tem alma grande e coração generoso?

PAULA.

Generoso e grande quanto quizerdes: o que todavia não obsta a que eu em sentindo os seus passos me não deseje a cincoenta braças pela terra dentro, ou a cincoenta leguas distante d'elle.

A DUQUEZA.

Devéras antes compadecer-te do muito que elle ha soffrido! Crés tu que a sua tristeza sombria e inexpugnável cifre-se toda nas rugas que lhe vês sulcar o rosto? Não. — mais funda é a sua raiz, tu a encontrarás no seu pensamento e nas recordações dolorosissimas que o esmagam.

PAULA.

Vão lá ter compaixão de um homem que amedronta a gente! — Apesar de me repetir a mim mesma quanto me dizeis, Senhora duqueza, não posso acabar comigo de antipathisar com elle

A DUQUEZA, *severa*

Fallas de meu marido?

PAULA.

Jesus! eu bem sei que elle é vosso marido; porem devo eu por isso faltar à verdade? Meu Deus! parece que nunca sentistes calar-vos pelos ossos uma sensação de frio quando elle firma sobre um rosto qualquer aquelles olhos negros e sombrios que parecem querer virar a gente de dentro para fóra.

A DUQUEZA.

Calá-te, *Mais baixo.* Eu mesma, Paula, eu mesma, quando advinho, não me é preciso ver, quando advinho que meu marido me encara fixamente, sinto o sangue arder-me nas faces e perturbo-me toda como se fosse criminosa: e todavia não tenho um pensamento, nem sequer um pensamento de que me deva accusar.

PAULA.

Vêde! até vós mesma.

A DUQUEZA.

Não posso escutal-o sem estar em continuo sobresalto: mesmo quando elle me falla eu temo a explosão da sua colera. A sua colera terrivel! eu a temo! eu a temo!... E contudo, para que o amasse bem pouco lhe seria preciso. elle não o quer.

PAULA.

Elle senhora!

A DUQUEZA.

O rei sen tio, a rainha sua avò, a duqueza sua mãt, todos o constrangêram a celebrar este casamento bem contra a sua vontade. Elle o não queria, a ponto de tentar evadir-se disfarçado. Reputa-me a causa de ha-

ver elle mentido a sua vocação, e ainda me não pôde perdoar.

PAULA.

Mas que culpa tendes vós?

A DUQUEZA.

Nenhuma; e contudo elle tem razão. Quem se não irrita de encontrar continuamente o mesmo obstaculo diante de si? Apesar disso elle trata-me com magnificencia real, tem para comigo deferencias e attentões, que eu bem sei que mais são filhas da urbanidade que do coração: mas outro fosse elle que facilmente se esqueceria na sua vida intima das maneiras de cortezão. Sempre é certo que elle é bem melhor do que o suppões.

PAULA.

Não vos contradirei, Senhora duqueza. Prouvéra ao céo que elle fosse tão bom como vós sois.

A DUQUEZA.

Que! já aprendeste a lisongear?

PAULA.

Pois devêras, Senhora duqueza, sou eu a primeira em dizer-vos consas tão simples como isto?

A DUQUEZA.

Certo, és a primeira.

PAULA.

Pasmado com o que me dizeis. Permittis-me que vos falle toda a minha verdade?

A DUQUEZA.

Dize-a.

PAULA.

Olhai, senhora: se sou a primeira em dizer-vos que sois bella e que tendes bom coração, muitos outros que pensam como eu callam-se prudentemente para que não tomeis a verdade por offensa, nem por lisonja o louvor merecido.

A DUQUEZA.

Boa Paula! julgas que todos me vêm com os teus olhos e que em mim pensão com a tua alma?

PAULA.

Não, senhora: com melhores olhos que os meus, com alma mais ardente que a minha. Um sobre todos.

A DUQUEZA.

Quem?

PAULA.

Aquelle bello mancebo que todas as manhãs passa por defronte do vosso balcão montado em um formoso gineco mazzello que elle parece soffrear não com esforço, mas só por força da sua gentileza.

A DUQUEZA.

De quem fallas tu?

PAULA, continuando.

Ainda não cinge espada de cavalleiro, mas,

A DUQUEZA.

Ah!

PAULA.

Mas quando elle a honver cingido, vereis... vereis que doue terá o Sr. Alcolorado! Ha de ser alguma

cousa assim como Hermigues o Traga-Monros, ou Leonardo o cavalleiro namorado.

A DUQUEZA.

És mais habil do que eu, que ainda lhe não pude descobrir partes de cavalleiro.

PAULA.

Oh! é porque ainda lh'as não quizestes descobrir, ou porque talvez ainda não attentastes bem nelle

A DUQUEZA.

Muito te interessas por elle, minha boa Paula.

PAULA.

Muito: porque vos hei de eu mentir?. Gosto muito delle. Sabeis o que o outro dia me aconteceu?

A DUQUEZA.

Que foi?

PAULA.

O outro dia tinha eu na mão aquella vossa fita de setim raso aleonado, e elle, que me viu com ella, veio direito a mim, e sem me dar tempo para dizer ai! cortou um pedaço e levou-o!

A DUQUEZA, levantando se.

Imprudente! não sabes que tenho por costume de a trazer, e que todos em palacio já me viram com ella?

PAULA.

Não vos estou dizendo que não tive tempo para dizer ai! E depois, que mal ha nisso? uma fita já toda amarrotada!

A DUQUEZA, severa.

Seja o que fôr, senhora, cousas que me pertençam

não as quero por mãos de estranhos. Quando para aqui viemos, eu pedi ao Sr. duque que me livrasse da etiqueta cortezã, da numerosa companhia das damas do meu serviço, e que a vós só fosse licito acompanhar-me. Não deveis, portanto, abusar da minha condescendencia, nem comprometter-me com a vossa leviandade. Não sabeis que genio tem o duque.

PAULA.

Mas que querieis vós que eu fizesse? Elle julgou que a fita fosse minha.

A DUQUEZA. *menos severa.*

Estais certa disso?

PAULA.

Pois de quem a havia elle de julgar? Vin-me com uma fita nas mãos, e pensou, muito naturalmente, que era minha.

A DUQUEZA, *à parte.*

Vaidosa! *Alto.* Bem: o Sr. duque não pensará tão naturalmente como vós: e assim é mister que a torneis a haver.

PAULA.

Eu lh'a pedirei, Senhora duqueza; e se elle a recusar — oh! então nós o faremos julgar contumáz e rebel, e como tal degradar para a alguma das sete parti-das do mundo, com barço ao pescoço e prêgão que diga:—Cavalleiro descortez e descomedido degradado por amor.

A DUQUEZA.

Se elle vos não quizer attender, recorreremos a ou-

tra justiça, menos pomposa, porém mais segura. Sentase e com a mão faz-lhe signal que se retire.

PAULA, a parte.

Jesus, Senhor! Abre a porta do fundo e olha a furto para dentro. Ainda não!

A DUQUEZA.

Que dizes tu?

PAULA.

Nada, Senhora; estava agora lembrando-me daquelle pobre cavalleiro!

A DUQUEZA.

Está bem, está bem. Repete-lhe o signal. Paula sahe: momento de silencio. Não gosto de ouvir fallar nelle, e não posso pensar em outra cousa. Porque? Torna-se pensativa.

SCENA III.

ALCOFORADO, DUQUEZA.

ALCOFORADO.

Senhora duqueza!

A DUQUEZA, levantando-se.

Paula! Paula!

PAULA, entrando.

Que me quereis, Senhora duqueza?

A DUQUEZA, em voz baixa.

Não sabias tu que elle vinha? porque me deixaste só?

PAULA.

Não o sabia, Senhora.

A DUQUEZA.

Não importa; ficarás comigo.

PAULA.

Quereis que elle presuma que delle vos arreceiais?

A DUQUEZA.

Ah! Não. Que fazias tu?

PAULA.

Ia para junto dos vossos filhos.

A DUQUEZA.

Está bem: podes ir. Paula sabe.

SCENA IV

ALCOFORADO, a DUQUEZA.

ALCOFORADO.

Senhora duqueza.

A DUQUEZA, sem olhar para elle.

A que vindes, senhor?

ALCOFORADO.

Saber se alguma cousa vos apraz mandar do meu
CAVIÃO.

A DUQUEZA.

Nada, Senhor: podeis retirar-vos, Alcoforado encara a tristemente por alguns segundos, vai para sahir. A duqueza observando-o. Pobre mancebo! bastou uma só palavra minha para o entristecer àquelle ponto!. Sentando-se. Sr. Alcoforado! Voltando se para elle. Como vai a vossa boa irmã, senhor?

ALCOFORADO.

Vós sois boa, Senhora duqueza. Sois severa de vez

em quando, porém também tendes accents que são como alívio para quem o escuta.

A DUQUEZA, admirada.

Mas quando eu vos fallo de vossa irmã, a que proposito vem a minha bondade?

ALCOFORADO.

A que vem, senhora? É que vós me vistes triste e pensativo, temendo ter incorrido no vosso desagrado, e não quizestes que eu me fosse da vossa presença com aquelle espinho no coração. Sois boa e generosa: pois não é generosa a mão que, podendo colher uma flôr para a desfolhar no seu caminho, a deixa verde e orvalhada balancear-se na sua haste? - Não é generoso o pé que, podendo calcar um insecto, resalva-o para lhe não fazer mal algum?

A DUQUEZA.

Enlouqueceis, senhor?

ALCOFORADO.

Que sei eu, Senhora duqueza? Eu mesmo não sei o que digo; mas já principiei a dizer-vos destas cousas que não comprehendo, e que todavia não posso esconder-vos por mais tempo. deixai que as diga por uma vez, e podeis depois ordenar-me que não mais appareça diante de vós. Oh! não: dai-me um castigo bem rigoroso, mas não me exileis da vossa presença.

A DUQUEZA.

Inquietais-me.

ALCOFORADO.

Escutai-me, senhora duqueza. As peccas da vo sa

gerarchia tem ás vezes necessidade urgente de um homem resoluto e discreto que marche afoutamente por meio das trevas sem temer os golpes de um punhal traçoeiro, nem a morte obscura e sem gloria, que em meio dellas o poderá alcançar; tem ás vezes caprichos imperiosos, e para os satisfazer é preciso todo o appellido da tortura e todo o horror do cadafalso. Assim m'o disserão. Se alguma vez tiverdes um desses caprichos ou uma dessas necessidade, dizei-me:—vai! e eu andarei por meio das trevas;—soffre! e eu me sujeitarei á tortura;—morre! e eu subirei ao cadafalso.

A DUQUEZA.

Sr. Alcoforado, não queira Deos dar me taes pensamentos, nem tenha eu a criminosa vontade de manchar em seu começo a vossa vida que promette ser tão bella. A vossa patria tem necessidade de almas puras, de braços esforçados e de homens que sabiam morrer por ella; não de morte infamante como a quereis, mas da morte gloriosa do valente na arena do combate! Será d'ora avante meu cuidado abrir diante de vós uma **senda** nobre e grande por onde marcheis desasombrado e a passos de gigante.

ALCOFORADO.

Não vos pedi em que me não exilasseis da vossa presença?

A DUQUEZA.

Ah! chamais a isto exilio!. Bem sei que na vossa idade ha sempre motivos fortes que nos prendem á terra em que vivemos; porém é bem melhor que vos

vades afazendo á idéa de que cedo ou tarde os haveis de romper, e por motivos talvez mais ponderosos. Attentando no barrete. Tendes um lindo barrete, Sr. Alcoforado.

ALCOFORADO.

Um mimo de miulha irmã, senhora.

A DUQUEZA.

Deixai-m'o ver?. É lindo!. E esta fita tambem foi vossa irmã quem vo-la deu?

ALCOFORADO, a parte.

Céos!. Alto. Não, senhora.

A DUQUEZA.

Agora me lembra! A miulha camareira queixou-se-me lia pouco de que impolidamente lhe haveis cortado uma fita que ella trazia na mão. Desprendendo a fita. E como essa fita era minha, não levareis a mal que eu della me aposse de novo. Dá-lhe o barrete e põe a fita sobre a mesa. Momento de silencio. Vós partireis, Sr. Alcoforado.

ALCOFORADO.

Poderia eu desobedecer-vos, senhora!

A DUQUEZA.

Partireis. O Sr. rei D. Manoel abriu aos seus campeões as portas da Asia e derribou as da Africa; lá ireis ganhar as vossas esporas, e desde já vos asseguro que eu me alegrarei a cada noticia que me chegar de algum feito brioso que honverdes praticado, porque então conhecerei que sois digno de toda a minha protecção.

ALCOFORADO.

E as pequenas palmas que eu collier no campo da

gloria, poderei, senhora, poderei depôr aos pés da minha protectora?

A DUQUEZA.

Quem vo-lo obstará? As nossas donas ainda se não esqueceram de sentir emoção ao aspecto de um rosto queimado pelo sol da Africa, de uma fronte coroadada de louros ou de um peito coberto de cicatrises. D. Manoel é magnifico; quando vemos uma commenda ao peito de um lidador, bem sabemos que ella esconde uma ferida gloriosa.

ALCOFORADO.

E para que eu não desfalleça na senda perigosa que ora vou trilhar sózinho e sem conselhos.

A DUQUEZA.

Quereis uma memoria, não é assim?

ALCOFORADO.

Não me atrevia a pedi-la.

A DUQUEZA, brincando com a fita.

Dar-vos-hemos uma memoria, Sr. Alcoforado: uma memoria que em nossa ausencia vos aconselhe e que vos diga que assim como estimaremos o vosso triumpho, uma acção má que praticardes nos será motivo de grande nojo e nos desconceituará perante nós mesma. Momento de silencio. A duqueza levanta-se e estende-lhe a fita. Não é isto o que desejais possuir?

ALCOFORADO, com enthusiasmo.

Momos e Africanos! atravessarei os mares para vos ir atacar impavido nas vossas espeluncas, para vos acocar nos vossos páramos ardentes, para vos ir desafiar

da porta das vossas fortalezas espedaçando o cajado dos vossos alarves. E quando d'entre as vossas ruínas, do cimo de algum panno de muralha, a minha espada ensanguentada e fumegante apontar para o Occidente rutilando sobre vós outros como um meteoro aziago, o écho do meu nome atravessará de novo os mares, e vós direis por ventura com orgulho que eu era digno, cahindo-lhe aos pés e tomando-lhe a fita da vossa protecção.

SCENA V

OS ¹mesmos, UM PAGEM.

O PAGEM.

Senhora duqueza! Alcoforado levanta-se confuso. O duque, meu senhor, manda saber de vós se lhe permittis visitar-vos.

A DUQUEZA.

Dizei ao Sr. duque que sou bem feliz quando elle se digna de me honrar com a sua presença. O pagem sahe. Sr. Alcoforado, os fidalgos da comitiva do meu nobre esposo e senhor d'ora em diante só me poderão fallar no salão do palacio.

ALCOFORADO.

Mercê, Senhora duqueza!

A DUQUEZA.

E isto começa desde já a effeituarse

ALCOFORADO.

Mandais, senhora. Curva-se e retira-se.

A DUQUEZA, pensativa.

Fui imprudente!

SCENA VI.

O DUQUE, DUQUEZA.

O DUQUE.

Minha duqueza, venho hoje feliz e venturoso.

Olhando em redor de si com desconfiança. Não fallaveis a alguém?

A DUQUEZA.

Ao Sr. Alcoforado que se retirou neste momento.

O DUQUE.

É um gentil mancebo o Sr. Alcoforado. Nós promettemos ao seu velho pai fazer delle um brioso cavalleiro, e por S. Thiago, não nos falta vontade de cumprirmos com a nossa promessa. Que pretendia elle?

A DUQUEZA.

Quasi nada: que lhe permittissem entrar n outra carreira deixando o vosso serviço, e que impetrassem d'el-rei vosso tio uma recommendação aos fronteiros d' Africa para.

O DUQUE, interrompendo a.

Para que o fratem com mil attentões, deixando-o vegetar na sua barraca de campania com uma flôr n uma estufa, não é isso?

A DUQUEZA.

Não, senhor: para que lhe assignem um posto perigoso, onde elle possa alcançar morte honrosa ou nome glorioso.

O DUQUE.

Bem, muito bem. Apraz-nos sabê-lo desse acordo, que é de um animo generoso revelar tal hardimento em tão verde juventude! Nós lhe abriremos essa estrada, e talvez que um dia nós mesmo, fronteiro das terras d'entre Douro e Minho, fuja-mos da vossa muito amada companhia para irmos além-mar com os nossos vassallos acommetter os idolatras ao grito de Bragança e Portugal!. O Sr. rei D. Manoel, que nos não quiz ver professar na religião de Malta, permittirá sem duvida á nossa espada dilatar-lhe o imperio por terras de infiéis. *Momento de silencio.* Não é para isto que vimos ter convosco. Sentai-vos. Dizei-me, duqueza, não vos apraz esta vida um pouco rustica que viemos aqui buscar neste desterro?

A DUQUEZA.

Não é do meu dever seguir-vos para onde vos aprazer levar-me?

O DUQUE.

Não vos fallo do vosso dever; trata-se de vós, do vosso gosto; pergunto-vos se não amais esta vivenda.

A DUQUEZA.

Duque, poderia eu estar melhor algures que na vossa companhia?

O DUQUE.

Sempre boa, affavel e condescendente! Mas certo que deveis amar esta vida que aqui passamos em Villa-Viçosa. Tendes a alma um pouco propensa á tristeza e á melancolia: é um contagio em todos os que

me cercão e que vivem da minha vida. Para essas almas, duqueza, a vida cortezã é pesada e odiosa. Eu mesmo. Há momentos na minha vida em que eu daria de boa mente honrarias, brazões, títulos, nome e tudo para que aldeão simples e humilde me deixassem viver obscuro e feliz longe do clamór das turbas e do bulicio do mundo. Não imaginais com que profundo prazer parto sempre para viver uma semana na serra d'Ossa com os meus capellães, alimentando-me com a doutrina daquelles santos padres, ou exercendo as praticas mais severas da sua religião: ou então, e bem melhor, para habitar o meu oratorio no convento do Bosque. O meu oratorio, sabeis o que é? Uma ermidazinha humilde e vergonhosa ali escondida entre as ramas do arvoredado frondoso como um pensamento de virgem, aformoseado pelo silencio e pelo pudor. Os pensamentos que aqui me perseguem, dolorosos como a realidade, lá me apparecem doces e tristes como uma recordação.

A DUQUEZA.

Eu concebo, Sr. duque, que vós partais sempre com a felicidade no coração, e que sempre torneis.

O DUQUE, atalhando-a.

Mais feliz do que parti. Tenho a certeza de encontrar sempre a vossa inalteravel doçura, a vossa alma compassiva e angelica, e o vosso rosto sereno e tranquillo. Não é comvosco que as minhas recordações

Alertando a cabeça. Sempre ellas!

A DUQUEZA.

Soffreis, Sr. duque?

O DUQUE.

Muito. Esta noite não sei que negros pensamentos me atormentáram. A morte lastimosa de meu pai, a minha infancia desvalida, o meu envenenamento, o meu exilio por terras estranhas, erão eventos dolorosíssimos que, sem cessar, me passavam por diante dos ollios roubando-me o somno. e a razão, creio eu.

A DUQUEZA.

E não vos distrahiestes com o passeio desta manhã?

O DUQUE.

Sim. A corrida afanada, o tresfolgar dos cavallos e a aragem fresca do romper d'alva tiveram forças para me chamar a realidade em poucos instantes. Respirei profundamente o ar purissimo dos campos, vi o sol bordar o horizonte com uma franja de purpura, derramar pelo céu alvacentos listões de fogo vivissimo, e destacar dos montes, como uma columna de incenso, a neblina pegajosa que ali se balançava como um penacho de guerreiro em dia de batalha. Vi a natureza sorrir-se em redor de mim; e eu extasiei-me de a sentir tão fundamente, e fui feliz! Tão feliz como no dia em que o senhor rei houve por bem mandar abrir as portas do meu palacio, fechadas com estrondo por um vento de morte. Tão feliz como no dia em que eu arranquei o crepe funebre que enlutava o meu escudo. pregado ali pela mão do carrasco levantando-se, quando meu pai. . . Pagem! pagem!

A DUQUEZA.

Que tendes vós, senhor?

O DUQUE.

Não vêdes que me é preciso sahir ainda, que me é preciso matar este pensamento com algum exercicio?
O pagem entra.

SCENA VII.

OS mesmos, UM PAGEM.

O DUQUE.

Fernão Vellho que mände sellar os gmetes, que faça apromptar a matilha e os falcões, e que abra a sala de armas para que os meus pagens e os senhores do meu serviço que me quizerem acompanhar se apparelhem para a caça. O pagem vai-se.

SCENA VIII.

O DUQUE DUQUEZA,

O DUQUE.

Não vindes, Senhora duqueza?

A DUQUEZA.

Se me permittis, D. Jayme.

O DUQUE.

Vamos á deveza de Villaboim que, como sabeis, abunda em caça: tem alguns javalis, mas creio que delles vos não arreceiais: e demais, é occasião de experimentardes o vosso bello palafrem andaluz que ha pouco vos chegou de Hespanha. Quereis vir?

A DUQUEZA.

Mandais.

O DUQUE.

Não, peço-vos.

A DUQUEZA.

Mas. — desejas ao menos levar-me na vossa companhia?

O DUQUE.

Ser-me-hia prazer se para vós não fosse incommodo.

A DUQUEZA.

Irei, D. Jayme

O DUQUE.

Eu vo-lo agradeço, minha bella guerreira, e de volta fallaremos do vosso protegido.

A DUQUEZA.

Meu protegido!

O DUQUE.

Sim, não vos interessais por elle

A DUQUEZA.

Como cousa que, por assim dizer, vos pertence.

O DUQUE.

É ser cruel, duqueza! Pois nem ao menos quereis que tenha a presumpção de haver retribuido com outra a vossa cortezia? Como quizerdes, é certo que me não peza de vos ficar obrigado. Elle partirá. Vireis já, não é assim?

A DUQUEZA.

Creio que vos não farei esperar.

O DUQUE.

Então sêde breve. O duque vai-se.

SCENA IX.

A DUQUEZA, só.

Elle irá tambem connosco: eu o advinho. Vê-lo-
hei pela ultima vez.

FIM DO PRIMEIRO QUADRO.

QUADRO SEGUNDO.

A scena representa o mesmo aposento do quadro primeiro.

SCENA I.

A DUQUEZA, PAULA.

PAULA.

Como estais, Senhora duqueza?

A DUQUEZA.

Boa. Não veio alguém saber de mim?

PAULA.

Um pagem do Sr. duque da parte de seu amo.

A DUQUEZA.

Tu que lhe disseste?

PAULA.

Que descansaveis; e elle tornou para dizer-me que o Sr. duque seria convosco logo que acabasséis de repousar.

A DUQUEZA.

Está bem. Momento de silencio.

PAULA.

Senhora duqueza, é certo o que se diz que vos ia acontecendo?

A DUQUEZA.

O que?

PAULA.

Um desastre?

A DUQUEZA.

É certo.

PAULA.

Mas podia elle ser de morte?

A DUQUEZA.

Que sei eu? Talvez fosse: felizmente o meu bom anjo me não desamparou.

PAULA.

O vosso bom anjo?

A DUQUEZA.

Sim. Foi um momento horrivel, Paula. O duque se havia embrenhado pela floresta com a sua comitiva, e alguns cavalleiros que me guardavam insensivelmente me foram abandonando, seguindo o vôo de um falcão que tinham soltado: de repente o meu palafrem arrancou comigo pulando troncos, pedras e valados.

PAULA.

E não cahistes?

A DUQUEZA.

Quiz ver de que se tinha elle espantado: voltei a cabeça e vi. — foi horrivel! um javali que vinha sobre mim!

PAULA.

Jesus, Senhor!

A DUQUEZA.

Perdi o tino: em vez de lhe soltar as rédeas, puxei-as com força: elle tropeçou, cahiu, e eu caí com elle.

PAULA.

Virgem Santissima!. E como vos salvastes?

A DUQUEZA.

Houve-me por morta, porém não tive tempo para ter medo. Escrava da minha sorte e sem tentar escapar-lhe, fechei os olhos, senti o zunido de uma cousa que cortava os ares e um braço que me enlaçava pela cintura quando eu ia a cair por terra.

PAULA.

Foi o Sr. duque!. Bom homem!. que muito que lhe eu já quero só pelo bem que vos ha feito.

A DUQUEZA.

Não foi elle. Abri os olhos para ver o protector que o céu tão opportunamente me enviára. Era Alcoforado quem me tinha salvado a vida. Por esforço de coragem sobrenatural, que ainda não sei como a achei em mim, quiz-me interpor entre elle e o animal, que pouco havia não tinha ousado affrontar: porém ao tropel de alguns cavalleiros, olhei naquella direcção, e vi meu marido que de nós se approximava: senti como uma nuvem diante dos olhos e caí desmaiada.

PAULA.

Nobre mancebo!

A DUQUEZA.

Quando tornei a mim já elle tinha desaparecido: vi

sómente o javali com um venabulo que o atravessava de parte a parte. Foi preciso vê-lo para me convencer de que o que eu suppunha um sonho tinha sido uma realidade.

PAULA.

Então, Senhora duqueza! Não é com razão que vos digo que o mancebo, em quem ainda não podestes descobrir partes de cavalleiro, será em algum tempo guerreiro de nomeada?

A DUQUEZA.

Tens razão, boa Paula. A estas horas que seria de mim se elle não fosse?

PAULA.

E bem que vos deu elle desmentido tão cavalheiroso! Ainda quereis que lhe eu peça a vossa fita?

A DUQUEZA.

Quando outra cousa não fosse, ser-me-hia bastante desairoso negar cousa tão pouca a quem tanto fez por meu respeito: não lhe falles nella! *silencio.*

SCENA II.

OS *mesmos*, o DUQUE.

O DUQUE, *sombrio.*

Como ides, senhora?

A DUQUEZA.

Foi um sobresalto, Sr. duque; um deliquio passageiro que não merecia a vossa solícitude.

O DUQUE.

Folgamos de vos achar perfeitamente restabelecida. Pezar-nos-hia que por nossa causa soffresseis graves incommodos.

A DUQUEZA.

Quando eu os soffresse, D. Jayme, não terieis razão para vos culpardes a vós mesmo. É verdade que fostes vós que me pedistes de ir a esta caçada; porém o acontecimento, que teve lugar, estava tanto acima da providencia humana, que não era de ser prevenido.

O DUQUE.

Sim, duqueza, estava muito acima da providencia humana, porém não dos meus presentimentos. Já fallastes ao vosso salvador?

A DUQUEZA.

Não, Sr. duque.

O DUQUE.

Convém que lhe falleis. A pessoas da nossa gerarchia não está bem dever favores a quem quer que seja; porém quando tal aconteça, deve-se-lhe uma remuneração tal, que elle se não lembre do favor prestado, se não do galardão recebido. Fallai-lhe, promettei-lhe quanto vos aprouver, que nós de antemão subscrevemos a tudo quanto lhe pronitterdes: antes mais que menos. Paula, na antecamara da Senhora duqueza deve estar algum dos nossos pagens: dissei-lhe que chame o Sr. Alcoforado, e trazei-nos depois um copo d'agua. Paula sabe.

SCENA III.

O DUQUE, DUQUEZA.

O DUQUE, rompendo o silencio.

Quereis ir para a côrte, Senhora duqueza?

A DUQUEZA.

E vós tambem ides?

O DUQUE.

Comigo ou sem mim, isso que importa?

A DUQUEZA.

Duque, morarei de bom grado onde quer que mo rardes: o lugar pouco me importa.

O DUQUE.

Mas não se dirá que sou um esposo colerico e despótico, que entorpeço a vossa vontade, que embargo as vossas acções, que ponho obstaculos aos vossos mais innocentes, mais intimos desejos? Por Deos, senhora, tende sequer por um instante, sequer uma vez um desejo vosso, uma vontade vossa, livre e independente de outro desejo e de outra vontade. Não vos mostréis como victima adornada para o sacrificio, e levada para ali máo grado sen: mostrai-vos senhora, que realmente o sois.

A DUQUEZA.

Irei, Sr. duque.

O DUQUE.

Fallai assim, que vos entenderemos. A côrte tem muitas festas, muita pompa, muitos divertimentos, pretsats delles, bem o sabemos.

SCENA IV

OS mesmos, PAULA, com um copo d'agua.

O DUQUE, continuando.

Com o vosso genio careceis de distrações, e fazeis hem em vos distrahirdes, ou dia virá em que, como eu, máo grado vosso, sereis victima da vossa imaginação. Tomando o copo machinalmente. Sei que esta vida não deve quadrar com a vossa vida, e assim approvo inteiramente a vossa resolução. Levando o copo aos labios e logo arrojando-o ao chão. Esta agua! . . . Esta agua.

A DUQUEZA, levantando-se assastada.

Ah!

PAULA.

Agua rosada, senhor: não é o que costumais beber?

O DUQUE, tomando vivamente as mãos da duqueza.

Oh! perdão, perdão, duqueza! A Paula. Ide-vos, Paula sac.

SCENA V

O DUQUE, a DUQUEZA.

O DUQUE.

Contra a minha vontade vos atemorisei; foi um movimento rapido, impetuoso, violento. . . não tive tempo para o conter.

A DUQUEZA.

Fizestes-me bem mal, senhor!

O DUQUE.

Bem o vejo. Desastrado que eu sou! Mas vós que tanto tempo ha me conheceis, por que vos não rides dos meus arebatamentos, das minhas desconfianças, dos meus accessos de colera? Porque vos não rides, senhora?

A DUQUEZA.

Não posso.

O DUQUE, sentando-se.

Já comprehendéis a razão porque vos não desejo comigo? É porque mais que nunca os meus ataques multiplicam-se, acabrunham-me, perseguem-me, e contudo já os não devieis temer; não vos devieis atemorisar quando vos não compadecesteis de mim.

A DUQUEZA.

Oh! senhor!

O DUQUE.

Sim, compadecer-vos, porque eu sou mais infeliz que máo. Apenas me levantei do berço, que em vez de meu pai vi um cadafalso por cima da minha cabeça: apenas no exilio, fomos envenenados eu e meu irmão: elle morreu, e eu continuei a arrastar a minha vida sobre a terra. Despojado violentamente de quanto ha no mundo de mais precioso e caro, continuadamente contrariado nas miúbas inclinações as mais intimas as mais santas; ainda hoje! hoje que sou homem, duque, poderoso e respeitado, como dizem, soffro de ter nascido nobre em vez de ter nascido villão, de ser senhor em vez de ser vassallo, de ser livre em vez de ser escravo!

A DUQUEZA.

Não digais tal, senhor.

O DUQUE, pegando-lhe na mão.

Digo-vos isto porque é este o meu sentimento: e porque, se assim não fôra, eu não sentiria, mesmo agora, a vossa mão tremer na minha, fria e gelada, como que já não tendes vida.

A DUQUEZA.

Foi terror momentaneo; já o não sinto.

O DUQUE.

Ouvi. Esta manhã, quando vos eu vi por terra, sózinha e sem defesa contra o javali que vos ia espedaçar, julguei que vos havia perdido, e por minha culpa; quando vi o Sr. Alcoforado arrojear o seu venabulo, da distancia em que eu estava, e como vos visse cabir, pareceu-me que o ferro vos tinha offendido, e que morrieis d'elle. Felizmente que nada vos aconteceu, graças á mão certa do mancebo, que tomou a seu cargo desmentir os meus presentimentos. Bem sabeis quanto sou supersticioso! A minha insomnia desta noite, as duas mortes de que escapastes, fazem-me crer que uma fatalidade sobrevirá hoje á minha familia. Não o duvideis!. Será o terceiro golpe o mais terrivel! a victima não escapará. Quando levei aos labios aquelle copo de agua rosada que a vossa camarceira meofferecia, a morte de meu irmão me passou por diante dos olhos como um relampago, e eu me esqueci de mim, de vós, de tudo, para só me lembrar do que já soffri com o veneno que me deram. Atemorisei-vos. Bem contra a minha vontade

A DUQUEZA.

Mas porque pensais em cousas tão tristes? Porque vos não distrahis?

O DUQUE.

Posso eu pensar n'outra cousa que nisto não seja? . . . Posso eu achar prazer senão em afundar-me nos meus pensamentos e em torturar-me a mim mesmo? . . . Partireis, duqueza; joven, nobre e formosa, não é com um homem como eu que deveis passar a vida. Ireis para a companhia de minha mãe, que tambem é vossa, por ella fostes educada. *Entra Alcoforado.* Quem ousa interromper-nos?

SCENA VI.

OS *mesmos*, ALCOFORADO.

ALCOFORADO.

Sr. duque . . .

O DUQUE, *severo.*

O que nos quereis?

ALCOFORADO, *concentrado*

Serei acaso algum mendigo?

O DUQUE, *mais severo.*

O que nos quereis, senhor?

ALCOFORADO.

Inferno! ser assim tratado na presença della!

O DUQUE, *levantando-se.*

Mancebo, não costumamos a repetir as nossas ordens.

Cabeças mais nobres, presumpções mais bem fundadas que as vossas, nós as temos por mais de uma vez curvado até se nivellarem com o solo. Rompei o silencio, senhor, ou por S. Thiago. . .

ALCOFORADO.

Eu me retiro, Sr. duque. . .

A DUQUEZA.

Duque, não fostes vós quem o mandastes chamar?

O DUQUE.

Ah! sim, sim. Que miseravel cabeça que eu tenho! Perdoai, meu joven amigo; outros pensamentos agora nos occupavam, porem o salvador da nossa nobre esposa e senhora será sempre bemvindo, qualquer que seja o lugar em que estivermos. Sentai-vos.

ALCOFORADO.

Sr. duque, se m'o permittirdes, eu escutarei de pè as vossas determinações.

O DUQUE.

Como vos aprouver. A duqueza nossa esposa vos quer agradecer a destreza e coragem com que hoje lhe salvastes a vida. Nós nos retiramos; vinde porém ter comosco antes de vos partirdes para a Africa, e onde quer que estiverdes lembrai-vos que tendes um amigo no duque de Bragança e Guimarães. Estende-lhe a mão, Alcoforado hesita. Tomai-a, Sr. Alcoforado; mais nobre que ella a de el-rei; mais leal nenhuma. Alcoforado toma-lhe a mão. Adeos. Sahe.

SCENA VII.

A DUQUEZA. ALCOFORADO, PAULA.

PAULA, espreitando da porta.

Já se foi? Andando para o meo da scena. Viva Deos!. Está hoje terrivel o Sr. duque.

A DUQUEZA, levantando-se e levando a Paula para um canto da scena.

Paula, não saías de junto de mim!

PAULA.

Porque, senhora?

A DUQUEZA.

Não saías. Vindo sentar-se. Sr. Alcoforado, quando esta manhã vos offerecemos a nossa protecção, de mão grado a aceitastes, e cedo tivestes occasião de nos provar que bem mais util nos seria a nós o vosso braço do que a vós a nossa protecção.

ALCOFORADO.

Foi um acaso. Senhora duqueza; não fallemos mais delle.

PAULA.

Mas devêras, senhor, que vos portastes com toda a gentileza.

ALCOFORADO, em voz baixa.

Paula, quero dever-te um grande favor.

A DUQUEZA.

Foi um acaso, é verdade, mas um acaso que nos podia ser funesto se ali felizmente não deparassemos com vosco.

PAULA, a Alcoforado em vós baixa.

O que quereis de mim?

ALCOFORADO.

Se não fosse eu seria outro; em vez daquelle incidente haveria outro qualquer, porque é bem de ver que não podieis morrer assim. Em vós baixa a Paula. Deixa-nos sós.

PAULA.

Oh! sempre é certo que tendes o coração bem generoso e a mão certa e leal como vós sois. Em voz baixa. Ella pediu-me que a não deixasse: tentarei.

A DUQUEZA.

Mas. peza-vos acaso que em o nosso reconhecimento vos devamos alguma cousa?

ALCOFORADO.

Oh! não, senhora. Se eu vos devesse a vida haveria por isso de estima-la em menos? O evento desta manhã foi realmente um acaso, um acaso bem indifferente para vós, bem venturoso para mim.

PAULA.

Permittis, Senhora duqueza, que eu me retire por um instante?

ALCOFORADO, em voz baixa.

Não voltes!

PAULA, em voz baixa.

Deixai-me!

A DUQUEZA, em voz baixa.

Louca! e o que te eu disse?

PAULA, em voz baixa.

É só por um instante.

A DUQUEZA.

Vai, mas não te esqueças. *Paula sahe.*

SCENA VIII.

A DUQUEZA, ALCOFORADO.

A DUQUEZA, depois de um momento de silencio.

Quando hoje tornei a mim do meu desmaio procurei-vos entre as pessoas que me cercavam, não tanto para vos agradecer, como para convencer-me por meus proprios olhos que nenhum mal haveis soffrido por meu respeito.

ALCOFORADO.

E certo que entre as pessoas que vos cercavam nenhuma houve que vos pudesse dar noticias minhas?

A DUQUEZA.

Não me atrevi a perguntal-o.

ALCOFORADO.

Ah! não vos atrevestes! De certo, fôra pasmoso que donas como vós inquirissem em publico de pessoas como eu.

A DUQUEZA.

Não foi por esse motivo. *Hesitando.* Queria saber de vós mesmo se estaveis perfeitamente bom.

ALCOFORADO.

Eu vo-lo agradeço, senhora. Infelizmente nada soffri.

A DUQUEZA.

Infelizmente!

ALCOFORADO.

Infelizmente. Se algum desastre me houvesse acontecido, talvez que por um instante vos esquecesseis da vossa nobreza para derramar um olhar de compaixão sobre o misero, que por vós se houvesse sacrificado: talvez que por um instante vos esquecesseis da prudencia, essa virtude divina que é o movel das vossas acções, não para verter lagrimas sobre mim, mas ao menos para desatar uma palavra do coração, para soltar um grito que me convencesse de que tambem experimentais o que tão profundamente fazeis sentir.

A DUQUEZA.

Não vos comprehendo, senhor!

ALCOFORADO.

Mas acreditais o que ainda hoje vos disse: comprehendes ao menos que eu vos serviria de joelhos toda a minha vida, para que do alto da vossa grandeza deixas-seis calir sobre mim triste e mesquinho uma palavra de commiseração: que eu daria a minha vida por um sorriso vosso, que eu daria a minha cabeça ao carrasco: se me fizesseis um acceno, e se me promettesseis chorar sobre a minha estrella, sobre mim, ainda quando só fosse no silencio da noite, quando nenhuns olhos podessem interrogar os vossos olhos, orvalhado com lagrimas, quando nem uma voz podesse desafiar a vossa voz, embargada pelos soluços? Comprehendeis ao menos isto, Senhora duqueza?

A DUQUEZA.

Não, senhor. Que sou eu para vos merecer tão alta dedicação?

ALCOFORADO.

Que sois vós! Sei-o eu por ventura? Sois o objecto que me fere continuamente os sentidos, a idéa que tenazmente me occupa a alma, a imagem que veio sentar-se imperiosamente á minha cabeceira, e dizer-me: «não terás olhos senão para mim,» a voz que me brada a todo o instante: «não terás ouvidos senão para mim,» o phantasma que me prende, que me enlaça, que me eleva nas azas da esperança, que me abate no abysmo da desesperação e que me repete sempre e sempre: morrerás por mim!» Tentei resistir a esta idéa, a esta imagem, a este phantasma: não o pude, que mais podia a fascinação do que a minha vontade. Evoquei o amor de familia, as affeições que eu ha pouco sentia ardentemente por meu pai, nobre velho cuja mão descança sobre a minha cabeça como no bordão da sua vellice: por meu irmão, joven esperançoso, que vai no caminho da vida medindo os seus passos sobre os meus passos: por minha irmã, donzella estremosa que se apegou ao meu destino como hera ao muro mal construido, que está prestes a desabar; e as minhas affeições foram mudas, e os meus olhos cegos, e os meus ouvidos surdos. Só essa imagem scintillava na minha vida como uma santa n'uma capella ardente, cercada de thurybulos e envolta em ondas de incenso. Deixei-me arrastar por ella. Cedi: perdi-me

A DUQUEZA.

Eu devia tê-lo adivinhado! Resolutamente. Estais salvo, senhor: partireis, para Africa.

ALCOFORADO, *amargamente.*

Não é essa a vossa vontade?

A DUQUEZA.

Partireis, senhor: não escuteis uma palavra, não volteis a cabeça para trás. Parti amanhã, esta noite, agora mesmo, parti!. Embrenhai-vos pelos esquadrões dos inimigos sem temor da morte, que ella respeita os valentes: e quando vos tornardes do vosso delirio, a santa, que ha de scintillar no meio das vossas esperanças, não será a imagem de nma mulher: será a gloria, e estareis salvo.

ALCOFORADO.

Partirei, Senhora duqueza; mas juro-vos que me não hei de esquecer. Terei eu tempo para isso? A minha vida pende de um fio, não sei qual: sei que ha de romper-se, e que não tardará muito!

A DUQUEZA.

Longe os mãos agouros, Sr. Alcoforado; partireis cheio de vida, e voltareis carregado de louros.

ALCOFORADO.

Que farei delles? A minha imagem, dizeis vós, se terá apagado como um sonho ou como o fumo nos ares; meu pai terá desaparecido da face da terra, que os seus dias já não podem ser muitos: meus irmãos!. sei eu por ventura o que será delles durante a minha peregrinação?

A DUQUEZA.

Pensareis então diversamente, Sr. Alcoforado. Eu

porém vos não quero demorar: deveis partir precipitadamente se quereis partir.

ALCOFORADO.

Partirei amanhã, Senhora duqueza.

A DUQUEZA.

Talvez seja tarde!

ALCOFORADO.

Com bem ancia me quereis longe de vós, senhora!

A DUQUEZA.

Ouvi. Disse-me o Sr. duque que vos promettesse o que me aprouvesse, que elle guardaria a minha palavra. O que quereis vós?

ALCOFORADO.

Nada, Senhora duqueza.

A DUQUEZA.

Nada! reflecti bem. O vosso arrependimento seria tardio, ou a demora vos poderia prejudicar. Que posto quereis no exercito?

ALCOFORADO.

Nada, nada quero, e comtudo. Senhora duqueza, poderia eu pedir-vos mercê mais especial?

A DUQUEZA.

Fallai.

ALCOFORADO.

Julgais na vossa consciencia que me deveis um serviço, não é assim?

A DUQUEZA.

A vida, Sr. Alcoforado: e somos bem feliz em o poder confessar altamente.

ALCOFORADO.

Pois bem, um serviço feito a vós, sois vós quem o deveis galardoar. não é verdade? E de feito, que tenho eu com o Sr. duque?

A DUQUEZA.

Conclui, senhor.

ALCOFORADO.

Dizer mais. O homem que arriscou a sua vida so por amor de vos salvar, e que não esperou pelo vosso agradecimento, nem sequer por uma palavra vossa, que todavia elle quizera escutar, mesmo a troco de seu sangue, julgais que seja capaz de vos faltar com o acatamento que vos é devido?

A DUQUEZA.

Não o cremos; mas.

ALCOFORADO.

Ainda uma palavra. E se não julgais que elle vos possa faltar ao decóro, podereis julgar que elle queira abusar da vossa gratidão ou arriscar a vossa honra?

A DUQUEZA.

Em a nossa consciencia, Sr. Alcoforado, que vos temos por um mancebo llano e cortez, incapaz de faltar com o respeito ás donas, de as offender por gestos ou acções, ou de sacrificar a sua honra a um capricho irreflectido. Conclui. Que vos podemos nós fazer que seja recompensa de favor tamanho?

ALCOFORADO.

É uma entrevista que vos peço.

A DUQUEZA.

Uma entrevista!

ALCOFORADO.

Sim: uma hora, um instante em que eu vos possa, sem testemunha e sem temor de ser escutado, dizer-vos tudo quanto sinto, tudo quanto soffro, e partirei, esperançoso senão feliz, resignado senão contente. Será a ultima vez que nos veremos. Senhora duqueza, a ultima, e não mais ouvireis fallar de mim!

A DUQUEZA.

E não estamos a sós?

ALCOFORADO.

Mas posso ser interrompido de momento a momento; e que o não podesse! Quando o homem soffre como eu soffro, é-lhe preciso morder com força os labios entre os dentes para não emittir um som. — e ai delle! se deixa escapar um gemido, porque depois dos gemidos virão os gritos, e depois dos gritos a desesperação!. Concedei-me a entrevista, senhora duqueza: não ouvireis da minha boca uma só palavra que vos faça córar, nem um só gesto que vos possa offender; eu vo-lo juro; é só para que vejais as lagrimas que eu tenho, as dôres que eu padeço, e para que vos compadeçais de mim!. Oh! senhora, é de joelhos!

A DUQUEZA.

Levantai-vos, levantai-vos. Esta manhã quasi que vos sorprendêrão a meus pés. Meu Deus! que terror que eu tenho!

ALCOFORADO.

Vede!. dizeis que estamos a sós, e toda vos atemorizais por cahir eu a vossos pés.

A DUQUEZA.

Não seria isso imprudencia?

ALCOFORADO.

Muito prudente sois vós, Senhora duqueza! Quando o meu sangue corresse em ondas sobre o soalho da vossa habitação, fôra prudencia, e até delicadeza, mandar limpá-lo bem depressa para que os vossos pés se não manchassem nêlle.

A DUQUEZA.

Sois injusto!

ALCOFORADO, despeitoso.

Serei, senhora.

A DUQUEZA.

Não percebeis vós que a prudencia é para ním um dever?

ALCOFORADO.

E tambem para o homem; comtudo, se eu só houvesse consultado a prudencia, não teria ha pouco arremessado o meu venabulo, porque em vez de vos salvar poderia errar o tiro e atravessar-vos com elle; se eu houvesse consultado a prudencia, não me teria interposto entre vós e o javali, porque o javali poderia espedaçar-me; se eu houvesse consultado a prudencia... oh! não me teria em corpo e alma dedicado a uma pessoa de alta nobreza, que eu sei que não tem amor senão aos seus titulos, que não tem olhos senão para as suas louçanias.

A DUQUEZA.

Insensato! julgais que é o medo que me faz pru-

dente, e que é por attenção a mesquinhezas que vos não estendo a mão caroavel e bemfazeja quando vejo que soffreis e que careceis de mim!. Já pouco prudente tenho eu sido mostrando-vos por vezes que me não sois inteiramente indifferente. Bem pouco prudente, Sr. Alcoforado! porque um volver de olhos, um signal mais expressivo, uma protecção decidida da minha parte vos abriria a sepultura mais depressa do que o podeis imaginar. D. Jayme é cioso: o seu orgulho tem olhos de lynce, a sua colera é terrivel e a sua vingança é estrepitosa como o trovão, e fulminante como o raio. Se a menor suspeita lhe atravessasse o espirito. . . farieis bem em cahir de joelhos e pedir a Deos perdão das vossas culpas.

ALCOFORADO.

Tempo foi na minha infancia em que, acordando pelo meio da noite, sentia verdadeiro terror quando escutava no silencio das trevas o estridulo de alguma ave nocturna; hoje porém os seus pios agoureiros rebentam-me por baixo dos pés, e eu vos confesso que os escuto sem sobresalto nem terror.

A DUQUEZA.

Dizem comtudo que ha ás vezes nesse canto um annuncio de morte.

ALCOFORADO.

Seja embora: porém a morte não aterra senão a quem não está affeito a lidar com os seus terrores: eu desde a infancia que os experimento.

A DUQUEZA.

Então, senhor. apesar de tudo.

ALCOFORADO.

Eu vo-lo supplico!

A DUQUEZA.

Vereis que não sou medrosa. Paula vos transmittirá o que eu houver determinado; porém lembrai-vos. . . lembrai-vos que á vossa honra me confio, e que eu me escudarei com a vossa protecção. *Vai-se.*

SCENA IX.

ALCOFORADO, só.

Confia na tua innocencia e na palavra de um homem honrado que daria a sua vida para te poupar um desgosto.

FIM DO SEGUNDO QUADRO E DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II

ACTO II.

QUADRO TERCEIRO.

A scena representa uma sala modesta em casa do velho Alcoforado.

SCENA I.

MANOEL, ALCOFORADO.

MANOEL, *sentado.*

Eis a terceira vez que te faço a mesma pergunta e, ainda me não respondeste.

ALCOFORADO.

Ah! fallavas comigo?

MANOEL.

Pois com quem havia eu de fallar? Pergunto-te o que tens.

ALCOFORADO.

Nada tenho, irmão: estou um pouco preocupado.

MANOEL.

Bella resposta! — isso vejo eu. Com o que? é o que te eu pergunto.

ALCOFORADO.

Com a minha partida. Não sei como terei forças

para me separar de tantas affeições que deixo atrás de mim, e que talvez não tornarei a encontrar.

MANOEL.

Não te dê isso cuidado. Nós somos novos, tu, eu e nossa irmã, nosso pai é que é um pouco velho, porém ainda robusto, e espero em Deus que nos enterará a todos um por um.

ALCOFORADO.

E crês que para o homem morrer careça de ser velho?

MANOEL.

Se não é, parece. O que eu sei é que em teu lugar estaria bem contente por ir tão novo ganhar as minhas esporas. Sabes tu um receio que eu tenho?

ALCOFORADO.

Qual?

MANOEL.

O de não ter forças quando fôr homem para usar daquellas longas espadas de que usam os cavalleiros d'elrei. Não o digas a ninguem, menos ainda a Laura, que senão a travêssa me não deixará descansar.

ALCOFORADO, *distrahido.*

Terrivel presentimento!

MANOEL.

Ahi o temos outra vez.

ALCOFORADO.

Quem poderá aventar o segredo desta entrevista? Ninguem o ouviu, ninguem o sabe: só Rozeimo que me trouxe a missiva de Paula. Rozeimo é fiel: que posso eu temer?

MANOEL.

Já me estou impacientando.

ALCOFORADO.

A noite vai escura e feia!

MANOEL.

Ainda mais feia te ha de parecer.

ALCOFORADO, vivamente.

Que dizes?

MANOEL.

Quando os dobres começarem.

ALCOFORADO.

Que dobres? que dizes tu?

MANOEL.

De que te espantas?... Não é amanhã o dia de finados?

ALCOFORADO.

Tens razão. *Pensativo.* Ainda outro máo agouro! *Momento de silencio.* Irmão, és tu corajoso?

MANOEL.

Homem, eu creio que sim; porém com certeza que tens muito mais coragem do que eu, que também para isso és o mais velho.

ALCOFORADO.

Se pois me acontecesse algum desastre?

MANOEL.

Onde? lá na Africa!

ALCOFORADO.

Se aqui, se hoje, por exemplo, me acontecesse algum desastre, não terias tu a coragem de esconder as

tuas lagrimas para não affligir com ellas o nosso bom pai?

MANOEL.

Estás hoje sombrio, irmão!

ALCOFORADO.

Pois não terias tu coragem para isto? Não acompanharias o nosso velho pai até á sepultura, não ampararias com desvelos e sollicitudes a nossa boa irmã, que tanto precisa da protecção de nós todos? Não serias bom filho e bom irmão, a ponto de que ambos se esquecessem de que eu tinha existido?

MANOEL.

Posso-o eu por ventura?. Nosso pai é robusto; porém quem sabe quanto o abateria a dôr de te haver perdido, a ti sobre quem elle esteia a sua velhice? . . . Nossa irmã Laura, joven e formosa que te ama sobre tudo, porque és o nosso irmão mais velho, sentiria profundamente perder-te; quem sabe o que seria della?. Eu mesmo, terei coragem por ventura quando me faltares ou quando te houver perdido para sempre?

ALCOFORADO.

Assim pois, um desastre que me sobreviesse abalaria a todos, e talvez alguma cahisse sobre o meu sepulchro.

MANOEL.

Meu Deus! que pensamentos são esses?. Estás bom, partirás amanhã, e fallas em morrer hoje?

ALCOFORADO.

Como estas horas se arrastam vagarosas!. Chegou-

do-se á janella. O céo está coberto de nuvens: a noite vai escura e medonha.

MANOEL.

Felizmente que estamos em casa, porque talvez tenhamos alguma tempestade.

ALCOFORADO.

• Não no céo; na terra, talvez.

MANOEL.

Estás-me causando medo.

ALCOFORADO.

Irmão, se meu pai se demorar, partirei sem vê-lo: tu lhe pedirás a sua benção por mim, que por ventura carecerei della.

MANOEL.

Vás sair?

ALCOFORADO.

Sim, a uma devoção.

MANOEL.

Ah! vejamos! . . . Gibão de fustão prateado, collar e pontas de velludo rôxo, calças vermelhas, cinta de couro preto com guarnição de prata, borzeguins. Não, não são esses os vestidos de quem vai á noite lançar-se aos pés do altar. Engañas-me. Antonio: é outra a tua devoção.

ALCOFORADO.

Será: mas não me interrogues, que nada te poderei dizer.

MANOEL.

Attende: a noite vai escura, bem o viste: alguma ci-

lada te podem armar. Leva contigo o nosso velho criado.

ALCOFORADO.

Não: elle pôde demorar-se.

MANOEL.

Se elle se demorar, sahirei contigo.

ALCOFORADO.

Não: é um segredo que não deves saber.

MANOEL.

Leva ao menos a tua espada.

ALCOFORADO.

Não a levarei.

MANOEL.

A minha espada é fiel, o sangue ainda a não enfeijou: a sua folha ainda me não traiu. A tua espada ou a minha. — escolhe.

ALCOFORADO.

Não levarei a tua espada, não levarei a minha.

MANOEL.

É favor que te peço: quero que a minha espada te acompanhe uma noite, a derradeira que passarás com-nosco: será essa a lembrança que me deixarás por despedida. Tu a levarás.

ALCOFORADO.

E tu restituirei tão pura como sahir das tuas mãos, vai por ella.

MANOEL.

Então espera-me!

ALCOFORADO.

Esperarei. Manoel sahe.

SCENA II.

ALCOFORADO, só, sentando-se.

Hoje enfim eu a verei sózinha! Talvez que ella por um instante se dispa dos seus preconceitós de orgulho e de nobreza para ouvir as palavras singelas do mancebo que a tão alto onsou elevar o seu pensamento; talvez que ella enfim se compadeça dos meus soffrimentos, soffrimentos terriveis que eu tenho supportado sem murmurações, sem lagrimas. As murmurações poderiam despertar algum echo, e as lagrimas trahir-me!. Dir-lhe-hei tudo, e depois que me assassinem, que me assassinem aos pés della, se o quiserem, que eu a bemdirei morrendo. Torna-se pensativo.

SCENA III.

ALCOFORADO, O VELHO ALCOFORADO.

O VELHO ALCOFORADO.

Antonio!

ALCOFORADO, levantando-se.

Meu pai! Beija-lhe a mão.

O VELHO ALCOFORADO.

Em que pensaveis, filho?

ALCOFORADO.

Em vós, meu pai, em os meus irmãos, nas pessoas que me estimam, naquelles que eu amo, nesta casa em que nasci, enfim, em tudo que vou deixar, e que talvez não encontre, mesmo se a morte me não coller por lá.

O VELHO ALCOFORADO.

Se por lá morrerdes, meu filho, eu soffrerei tanto como quando vossa mãe nos deixou sózinhos na vida para ir gozar a bemaventurança dos céos. No entanto, eu vo-lo digo, estimarei mais a morte do meu filho que morrer pela sua patria, do que a vida tranquillã do homem que vive sem nome, e que morrerá sem gloria. Grande são os vossos deveres, Antonio, que tambem para isso sois nobre.

ALCOFORADO.

Meu pai!

O VELHO ALCOFORADO.

Sim, mancebo: sois nobre, nobre com a nobreza aqui da terra, e nobre com a nobreza d'alma que é a melhor de todas, porque directamente nos vem do Senhor. Comprazo-me em pensar que sereis sempre digno do vosso nome, e que os vossos feitos terão sempre o cunho da acção que hoje praticastes — hardimento e dedicação.

ALCOFORADO.

Não fallemos nisso, senhor

O VELHO ALCOFORADO.

Por em que havemos nós de fallar? Quando errais,

eu vos digo bem severamente que errais e que nisso fazeis mal; porém quando praticardes bem, também vos direi com a sinceridade de um amigo e com a complacencia de um pai que vos portastes bem e que vos estimo pelo bem que praticastes: nem quero que com isto vos vanglorieis, que vos não gabo a vós quando áprecio uma virtude. Antonio, é bem doce ao velho, que lentamente caminha para a sepultura, parar de vez em quando para derramar os olhos obscurecidos sobre o caminho que elle decorren na vida, e ver seus filhos que promettem honrar o seu nome e consolar a sua velhice. Sim, meu filho, eu vos digo que quando hoje arriscastes impavidamente a vossa vida para salvar a esposa do vosso protector, fizestes como faria o vosso velho pai quando elle tinha a vossa idade, e sentia o sangue que lhe girava nas veias. *Momento de silencio.* Que vos disse o Sr. duque?

ALCOFORADO.

Escreveu algumas cartas para os fronteiros d'Africa e capitães do exercito do ultramar.

O VELHO ALCOFORADO.

Agradecestes: não foi assim?

ALCOFORADO.

Sim, meu pai. Rendi-lhe acções de graças, tanto pelas que elle teve a bondade de escrever, como pela que eu me atrevi a aceitar.

O VELHO ALCOFORADO.

Como! pois recusastes alguma?

ALCOFORADO.

Todas, menos a que em meu nome pedia um posto

arriscado e perigoso, que só podesse ser confiado à lealdade de um homem valente e resolutivo.

O VELHO ALCOFORADO.

Fizestés bem e. talvez fizestes mal. Eu amo a juventude hardida e corajosa que só põe a sua confiança em Deos e na sua espada; mas a juventude é inexperienced: e ella não sabe que neste mundo nada se faz sem protecção: era este o ditado de nossos avós, que também será o dos nossos netos. Que fareis vós sem ella, encontrando a cada passo estorvo e difficuldades? Ella nos é precisa: não para que sobremaneira se exaltem os nossos serviços, mas para que elles sejam devidamente avaliados. É para o que serve aquella protecção que é impetrada sem baixeza e nobremente concedida. No entanto não vos reprehenderei: fizestes bem.

SCENA IV

OS me-mos. LAURA.

LAURA.

Emfim, eis-me aqui!

O VELHO ALCOFORADO.

Boa noite, Laura.

LAURA.

A vossa benção, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO.

Deos te abençõe, filha. Pois sahiste a deshora cozinha?

LAURA.

Levei comigo a velha Martha, e o nosso velho criado nos acompanhava.

O VELHO ALCOFORADO.

E onde foste?

LAURA.

Primeiro á sepultura de minha mãe!

O VELHO ALCOFORADO.

Boa filha! não te esqueceste que amanhã é o dia de finados! E depois?

LAURA.

Fui visitar as minhas amigas para lhes dizer que o nosso Antonio se partia amanhã. Talvez me demoras-se mais tempo; mas como pensei que estaveis cá sem mim, voltei mais que depressa para a vossa companhia.

O VELHO ALCOFORADO.

E Deos sabe quão pesada me seria a velhice sem ti, minha Laura! Os meus ouvidos já se afizeram a ouvir a tua voz affectuosa, e os meus olhos descansam com prazer sobre o teu rosto. És boa filha, Laura.

LAURA.

Sois vós que sois bom pai!

O VELHO ALCOFORADO.

E porque não bom amigo?

LAURA.

Oh! e um amigo bem indulgente. Não dizes nada, Antonio?

ALCOFORADO.

Que te direi eu, minha irmã?

LAURA.

Não ouvis que pergunta é aquella, meu pai? O que me dirás tu? Que tens muita pena de nos deixar, e que voltarás bem depressa para a nossa companhia.

ALCOFORADO.

Boa irmã! sentirás muitas saudades minhas!

LAURA.

Muitas. Mais baixo. Antonio, não sejas temerario; não morras por lá!

ALCOFORADO.

Terias muito pezáu?

LAURA.

Talvez te não sobrevivesse

O VELHO ALCOFORADO. severo.

Laura!

LAURA, ajustando-se.

Perdão!

O VELHO ALCOFORADO.

Só o pobre velho é que não precisa de nenhum dos seus filhos bem anados que lhe cerre os olhos na sua hora derradeira!

LAURA.

Perdão, meu pai! Vós sois forte e prudente, e não soffrereis com a morte de dous dos vossos filhos que se esquecerem de vós para só cuidar de si.

O VELHO ALCOFORADO

Ingrata! de que me servirá a minha prudencia contra o esquecimento de meus filhos? De que me servirá a minha força quando não fôrdes todos em redor

de mim, vós que fortaleceis a minha velhice e que sois a minha só consolação? .Porém de que me queixo eu? . . . O bom filho é aquelle que trata a seu pai com respeito: que o não ame, pouco importa.

ALCOFORADO.

Sois injusto, meu pai!

O VELHO ALCOFORADO.

Tendes razão, Antonio; eu me esquecia de vós. Seja Deos louvado, que ainda tenho um filho!

LAURA.

Meu pai, olhai para as minhas lagrimas. e vêde se ellas não merecem compaixão.

O VELHO ALCOFORADO.

Eis-me tambem a chorar como uma criança. Levantate, filha: o pobre velho tresvariou com as vossas palavras loucas e fui injusto para contigo. Tu és uma boa filha e amas bem a teu pai!

LAURA.

De todo o meu coração.

O VELHO ALCOFORADO.

E em todo tempo te has de lembrar que elle precisa da tua vida nos poucos dias que lhe restam para vegetar sobre a terra. Não é assim?

LAURA.

Sim, bom pai.

O VELHO ALCOFORADO.

Deos foi misericordioso para comigo! Lèdo e tranquillo, são de corpo e de espirito, vou caminhando para a eternidade acalentado pela voz de meus filhos.

O prazer que desfruto é precursor da vida celeste, e a minha velhice é a aurora da bemaventurança. Louvado seja o Senhor!

SCENA V

OS mesmos, MANOEL.

MANOEL.

Eis a espada, meu irmão. Boas noites, Laura.

LAURA.

Boas noites, irmão.

MANOEL.

A vossa bênção, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO.

Deos vos abençõe. Trocastes a vossa espada?

MANOEL.

Não, meu pai, emprêsto-a.

O VELHO ALCOFORADO.

Como! pois ides sahir, Antonio?

ALCOFORADO.

Sim, meu pai: estava só à espera da vossa bênção e da vossa permissão.

O VELHO ALCOFORADO.

Ides.

ALCOFORADO, hesitando.

Vou. .

O VELHO ALCOFORADO.

Concebo a vossa hesitação. Como é amanhã o dia de

finados, ides orar pelos mortos, como é de um bom christão.

ALCOFORADO.

Não. Senhor.

O VELHO ALCOFORADO.

Não!. Ah! sim! Como sois bom filho, ides talvez antes de vos partirdes, orar sobre a sepultura de vossa mãe.

ALCOFORADO.

Não, senhor!

O VELHO ALCOFORADO.

Não!. Ah! bem. Como sois bom amigo, ides talvez despedir-vos dos vossos amigos.

ALCOFORADO.

Não, senhor.

O VELHO ALCOFORADO.

Não! então a que sahis?

ALCOFORADO.

Não me interrogueis, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO, com desconfiança.

Ides sózinho?

ALCOFORADO.

Sózinho.

O VELHO ALCOFORADO.

E não quereis levar o nosso criado na vossa companhia?

ALCOFORADO.

Não o posso levar.

O VELHO ALCOFORADO.

Pois eu vos digo que não sahireis sem que me digais primeiro o que vos obriga a sair.

ALCOFORADO.

Peço-vos que me não interrogueis, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO, levantando-se.

Que vos não interrogue! Pretendeis sair a deshoras e sem testemunhas, de espada e com os vestidos concertados, e não quereis que vos interrogue! Onde ides vós, senhor?

ALCOFORADO.

Eu vo-lo supplico.

O VELHO ALCOFORADO.

Oh! isto merece uma explicação. Retirai-vos.

SCENA VI.

O VELHO ALCOFORADO, ALCOFORADO.

O VELHO ALCOFORADO.

Vêde a que me obrigam os vossos mysterios, que oxalá não sejam escandalosos! Fazeis que um pai expulse seus filhos da sua presença, porque elle terá talvez de vos dizer algumas dessas rigidas verdades que por elles não devem ser ouvidas. Onde ides, mancebo?

ALCOFORADO.

Senhor, não o posso dizer.

O VELHO ALCOFORADO.

Vós não ides cumprir com os deveres de amigo.

nem de filho, nem de christão; ao que ides pois? Passar talvez a noite em algum lupanar, ou sobre a banca do jogo, ou em orgias de homens intemperantes e envelhecidos, ou escalar algum muro como ladrão nocturno para roubar a honra de alguma familia honesta, ou bater surratelymente á alguma porta humilde para pagar a recepção cordial que durante o dia vos fez algum homem honrado e franco com a traição de um libertino. É infame.

ALCOFORADO.

Meu pai!

O VELHO ALCOFORADO.

Dizei, senhor, dizei na vossa consciencia que não ides praticar alguma acção criminosa.

ALCOFORADO.

Em consciencia não o sei.

O VELHO ALCOFORADO.

Sei-o eu, senhor!. Sei que o homem que marcha tredo e cautellosamente apalpaudo as trevas, e que não ousa confessar altamente as suas acções, muito se assemelha áquella ave de máo agouro, cujos olhos não podem supportar a luz do dia, cujo canto é um annuncio de desventura; sei que tão grande mysterio póde eucobrir uma virtude muito preclara, ou um vicio muito vergonhoso. Dizei que ides praticar uma dessas virtudes cobertas com o precioso manto da modestia, diaphano para Deus, impenetravel para os homens.

ALCOFORADO.

Nunca vos menti, senhor.

O VELHO ALCOFORADO.

E se o houvesseis feito, a Providencia Divina que vos guiasse no caminho da vida, porque terieis morrido para mim. Talvez me julgueis severo por me crerdes pouco sensivel, ou por suppondes talvez que o tempo, que gelou o sangue nas minhas veias, já me fez esquecer da quadra em que fui da vossa idade, em que tambem fui novo e cheio de esperanças na vida, e em que tambem dizia comigo o que agora lá vós estais dizendo comvosco: —além naquelle marco deixarei este caninho e tontarei outra vereda. Não: sou indulgente e pouco severo a ponto de vos confessar que tambem fui novo, e que alguns erros commetti quando tinha a vossa idade. Pois quem é perfeito neste mundo? — Mas eu vos asseguro que a minha vida escripta, comquanto em parte me pe_zasse della, não me traria um só remorso, nem me desconceituaria a minha vellice: asseguro-vos ainda que, em vespervas de um dia duas vezes sanctificado pela religião e pelo sentimento, nunca abandonei em o tecto de meus pais, como homem sem crença e filho pouco respeitoso, para me entregar às caricias de uma criatura sem pejo. Ha limites em tudo, mancebo.

ALCOFORADO.

Senhor, porque me suppondes capaz de tão negro feito, ou porque vos mereço tal conceito? Acaso me tenho eu mostrado rebel aos vossos conselhos, ou terei desaprendido as vossas lições? Não, senhor: se não vou praticar uma virtude tambem não é o vicio nem

o crime quem lá fóra me está chamando. Não é criminosa a acção que vou praticar: juro-vos.

O VELHO ALCOFORADO.

Jurai, senhor, jurai! No meu tempo o homem que ambicionava uma espada, ou que já a podia trazer consigo, tinha o juramento por uma coisa veneranda e sagrada, e usava d'elle apenas nas circumstancias de momento. Era o vassallo que jurava lealdade a seu rei: era o cidadão que jurava amor á sua patria; era o guerreiro que jurava morrer com o seu companheiro d'armas. Por isto o juramento era entre elles uma religião, e os mais altos como os mais humildes não se atreviam a quebra-lo. Hoje porém fizeram d'elle uma fórmula para os usos da vida, e a criança desde o berço aprende a balbuciar essa palavra vazia de sentido, que n'outro tempo foi symbolo de fé e era condão de prodigios.

ALCOFORADO.

Como vos poderei eu confiar um segredo que me não pertence? Ha bem tempo que vô-lo teria dito, se elle fosse todo meu, e se a minha confissão a ninguem mais compromettesse. Eu vos respeito como meu pai, eu vos amo como amigo, eu vos estimo como homem probo e cheio de integridade; sei que é impossivel trahirdes um segredo: mas devo eu trahi-lo primeiro? Aconselhai-me, vós que tendes experiencia da vida: dizei-m o, vós que sois meu mestre: posso eu fazê-lo?

O VELHO ALCOFORADO.

O segredo é inviolavel: tendes ração.

ALCOFORADO.

Deixai-me então sair, bom pai. Oh! se soubesseis quanto soffro por vos não poder confiar tudo!. Sêde indulgente mais uma vez, talvez a derradeira. Esta demora me tem martyrisado: largos annos tenho vivido nestes curtos instantes! Deixai-me partir.

O VELHO ALCOFORADO.

E não ha perigo?

ALCOFORADO.

Nenhum, nenhum! eu vo-lo asseguro.

O VELHO ALCOFORADO.

E aquélla espada?

ALCOFORADO.

Foi um capricho de meu irmão que não sabe a que vou. Dir-lhe-lia um segredo que vos não digo a vós? Bem vêdes que nada arrisco: deixarei a espada, e é até melhor que eu vá desarmado.

O VELHO ALCOFORADO.

Levarás a espada!

ALCOFORADO.

Bom pai, quanto vos agradeço!

O VELHO ALCOFORADO.

Vai, e Deos seja contigo.

ALCOFORADO.

Irei e voltarei bem depressa cingindo a espada. O mais depressa que eu puder. Vereis que nada me acontece. Meu Deos! como partiria em tão alegre, se de alguma cousa me arreceiasse!

O VELHO ALCOFORADO.

Vai, meu filho.

ALCOFORADO.

Nada receeis. Adeos, hom pai. Vai-se.

O VELHO ALCOFORADO, ficando pensativo: alguns dobres ao longe.

Meu filho! meu filho!. Vai-se.

SCENA VII.

Uma camara no palacio do duque.

O DUQUE, entrando desalinhado e com os cabellos em desordem.

O javali esteve a despedaçá-la. . . o venabulo roçou-lhe o rosto. e eu vejo ainda o cadafalso de meu pai!. Crime ou fatalidade. um delles me está immi-nente; mas qual? Isto não é superstição, é um presagio, uma intuição do futuro. Vejo o relampago, o raio não tardará a cair mas sobre quem? Porque? .. não o sei, mas é inevitavel!. Oh! venha embora o azar maldito, que não será peor que esta anxiedade!.

SCENA VIII.

O DUQUE, FERNÃO.

FERNÃO, da porta, com uma carta.

Sr. duque!

O DUQUE.

Entraí, Fernão. Senta-se.

FERNÃO.

Senhor que tendes vós?

O DUQUE.

Nada: dai cá. Lê a carta e atira-a sobre a mesa. El-rei nos concede os dizimos do pescado em Lisboa e não sei em que outras terras: para que os quero eu?

FERNÃO.

É uma indemnisação do que tão desgraçadamente soffreu o senhor vosso pai, e do que vós mesmo haveis soffrido na vossa fazenda.

O DUQUE.

Velho, não assististes a meu pai no seu derradeiro instante?

FERNÃO.

Fui eu, senhor: não vos contei já essa historia?

O DUQUE.

Sim: eu porem gosto de me recordar dessa desgraça para adormecer a minha dôr com o excesso do soffrimento. Meu pai, moço, nobre, leal e valente, foi decapitado e exposto no cadafalso como se fosse um miseravel! Fernão, conheceis alguém mais desditoso.

FERNÃO.

Vós, senhor

O DUQUE.

Eu! que sabeis vós?

F

F

FERNÃO.

Senhor, eu vos hei servido leal e fielmente. Quando vosso pai ouviu a sua sentença, tomou-me á parte e me fez jurar que eu vos salvaria a custo da minha propria vida. Quando acabaram de commetter aquella sanguinolenta injustiça, fui buscar-vos, e com vosso irmão

fugimos, e caminhiámos noite e dia. Foi sómente quando pizámos a terra hospitaleira de Hespanha que eu tive lagrimas para chorar, e algumas palavras para vos dizer.

O DUQUE.

Sois fiel, Fernão.

FERNÃO.

Depois disso eu vos tenho sempre acompanhado no desterro como na opulencia, e nunca vos pedi premio, nem sequer míngado, não de serviços relevantes, mas dos longos annos que vos hei servido.

O DUQUE.

Sois fiel e desinteressado, Fernão, mais amigo do que servo. Mas o que quereis com isso?

FERNÃO.

Assim pois, senhor, se me escapar algumas palavras incompatíveis com o respeito que vos é devido, vós desculpareis a franqueza do velho, que vos respeita como a seu senhor, e. perdoai-lhe, que vos ama como a seu filho!

O DUQUE.

Fallai! fallai!

FERNÃO.

Eu vo-lo direi de joelhos para que perdoeis o arrojado vosso servo. Senhor, não é bem desgraçado o nome trahido na sua honra?

O DUQUE.

Vossas palavras são profundas e contadas, vós sois prudente e cauteloso: eu vos escuto!

FERNÃO.

Senhor, não confiastes a alguém a vossa honra?

O DUQUE.

A ninguém. Somos o primeiro a velar sobre ella, e não a liamos de ninguém.

FERNÃO.

Senhor, não a confiastes a alguém?

O DUQUE.

A ninguém! . Ah! Levanta-se, batendo com a mão na testa, e agarrando no braço de Fernão. Que sabes tu da duqueza?

FERNÃO.

Sêde prudente, senhor, eu vo-lo supplico.

O DUQUE.

Falla!

FERNÃO.

Não vos arrebateis, senhor: ouvi-me primeiro!

O DUQUE.

Falla!

FERNÃO.

Oh! que bem me arreceiava eu de vos confiar este segredo!

O DUQUE.

Falla, carraço!

FERNÃO.

Ea vo-lo direi. O pagem que esta manhã foi annunciár a vossa visita á Sra. duqueza em tron Alcorado a seus pés.

O DUQUE.

Outra prova!

FERNÃO.

O vosso rosto me atemorisa!

O DUQUE.

Continúa!

FERNÃO.

O Sr. Alcoforado traz no barrete um laço da tita que a Senhora duqueza costumava de trazer ao collo.

O DUQUE.

Eu a vi! fui eu quem lh'a dei. Ouve-se o dobre ao longe.
Abre aquellas janellas.

FERNÃO.

Senhor, a noite vai fria.

O DUQUE.

Abre-as; gósto daquelles sons. Fernão vai abrir as janellas.
E eu o elogiei diante della! muitas vezes o chamei à sua presença! e ainda hoje!. Que sabes mais?

FERNÃO.

Rozeimo, o pagem da Senhora duqueza, levou-lhe hoje uma carta.

O DUQUE.

Morte e sangue!

FERNÃO.

Senhor! senhor, sède corajoso: não vos deixeis arrebatar pela vossa colera, pesai a vossa justiça. A carta era de Paula!

O DUQUE.

Algoz, e que me importa Paula?

FERNÃO.

O pagem assim o julgou. e abriu-a indiscretamente.

Dizia a carta que à meia noite uma corda estaria pendente do balcão da senhora duqueza.

O DUQUE.

Estupido ! estupido ! estupido !

FERNÃO.

Senhor ! senhor !

O DUQUE.

Julguei-o leal, porque era novo: julguei-o generoso, porque o vi arriscar a vida, e não conjecturei logo que se não arrisca a vida por generosidade !. Chama esse pagem !. Não. não. Com voz baixa. Seria divulgar a minha vergonha !

FERNÃO.

Senhor, as minhas palavras não são evangelho: pôde ser que me illudissem: moderai-vos !

O DUQUE.

Nasceste em minha casa, acompanhaste a meu pai na sua ultima hora, acompanhaste-me no meu desterro, e encaneceste no meu serviço: pois juro-te que, se esta noite o infame não fôr encontrado neste palacio, morrerás como um cão !

FERNÃO.

Elle virá, senhor.

O DUQUE.

Virá !. Tu me insultas, velho !

FERNÃO.

Perdão ! perdão !

O DUQUE.

O cobarde ! o cobarde !

FERNÃO.

Vós empallideceis, senhor; as vossas mãos estão frias!

O DUQUE.

Não te importes. Escuta. Eu posso morrer antes da meia noite.

FERNÃO.

Não digais tal, senhor.

O DUQUE.

Escuta. Encobre a minha morte, distribue gente armada pelo parque; deixem-no entrar: entrado elle, toma as saídas; tomadas ellas, vai ao quarto da duqueza, arromba as portas.. assassina-os, assassina-os!

FERNÃO.

Senhor, eu vo-lo peço de joelhos: não me obrigueis a commetter um crime no fim da minha velhice.

O DUQUE.

É justiça: jura que o farás.

FERNÃO.

Senhor, é justiça tomada por vós, mas não tomada por mim!

O DUQUE.

Jura, ou eu te apunhalo!

FERNÃO.

Eu o juro!

O DUQUE.

Vai. Fernão sahe.

SCENA IX.

O DUQUE. só.

Eu estava suffocado! Corre a meu armario, tira algumas armas
que arrojá sobre a mesa. Sangue!. sangue!. sangue. Cale.

FIM DO ACTO SEGUNDO DO TERCEIRO QUADRO.

ACTO III

ACTO III

QUADRO QUARTO.

A scena representa a camara da Duqueza; um leito de cortinados, cadeira e mesa.



SCENA I.

PAULA, só, entrando com uma luz.

Ainda não veio!. Com effeito, para um namorado é ser bem esquecido. Ah! se fosse comigo, eu lhe cantaria uma ladainha bem comprida para o ensinar a ser descortez com senhoras. Chegando se á janella. Como está escura a noite! Recuando. Jesus Senhor!. parece-me que vi lampejo de armas por entre as folhas do bosque. Observando de novo. Já nada vejo!. foi illusão. Fecha a janella.

SCENA II.

A DUQUEZA, PAULA.

A DUQUEZA.

Ainda não veio?

PAULA.

Não. Senhora duqueza: e todavia é quasi meia noite!

A DUQUEZA.

Está bem. Vê se todos descansam em palacio.

PAULA.

Nada mais quereis de mim?

A DUQUEZA.

Nada mais. Paula sahe.

SCENA III.

A DUQUEZA, só, sentando-se.

Alcoforado tem alma de fogo: porém é respeitoso e comedido! Pobre moço! — quiz dizer-me adeos sem que nos vissem, e partirá feliz com a ideia de que por elle me interesse. Podia eu fazer menos em favor de quem tão generosamente me salvou a vida? Não, mas talvez fui imprudente —

SCENA IV

A DUQUEZA, ALCOFORADO, saltando pela janella

A DUQUEZA, assustada.

Ah!

ALCOFORADO, fechando a janella.

Sou eu, senhora, não vos assusteis

A DUQUEZA, sentando-se.

Vindes armado!

ALCOFORADO.

Nada receeis da minha espada, Senhora duqueza! foi um capricho de meu irmão e uma ordem de meu pai que me obrigáram a trazê-la. Põe a espada sobre a mesa. Permitti-me, senhora, que eu vos agradeça bem sincera, bem cordialmente o sacrificio que hoje por mim fizestes. Favor tão grande não vos posso eu pagar com palavras, nem o meu sangue, todo que fosse, bastára para o resgatar.

A DUQUEZA.

Está bem, senhor.

ALCOFORADO.

Deixai que vos diga tudo quanto me inspira o meu reconhecimento para que não fiqueis julgando que abrigastes a um ingrato. Depois que condescendestes com o meu pedido, e quando me partia da vossa presença, aventei todo o perigo que nesta entrevista podia haver para vós, que eu por mim nada receio: e eu vo-lo confessarei, pasmei do meu desmarcado arrojo em vo-la pedir, e admirei-me da vossa muita bondade em mi-a concederdes, quando me poderieis ter feito expulsar da vossa presença como um lonco, e de feito eu o era; porém certo que, se me negasseis esta graça, eu me haveria por mui desgraçado. por mui digno de lastima e de compaixão.

A DUQUEZA.

Deixemos isso, senhor: partireis sempre amanhã?

ALCOFORADO.

Partirei amanhã: irei espalhar as minhas magoas por terras longinquas; irei por clima estranho em busca de um nome que algum dia possais pronunciar como o de um amigo, que não como o de um servo.

A DUQUEZA.

Senhor!

ALCOFORADO.

De um servo, sim. Para vós, filha do primeiro duque de Hespanha, mulher do primeiro duque de Portugal, o que é um moço fidalgo que está ao serviço da vossa casa? Julgais acaso que eu não tenha pensado nestas cousas durante muitas horas, durante noites bem compridas? Pois em verdade vos digo, senhora, que eu tenho muitas vezes amaldiçoado a minha estrella que me fez nascer tão baixo, quando a sorte vos collocou tão sobranceira aos outros, que o meu nome por mim famigerado que venha a ser, jámais não poderá ser equiparado ao vosso. É desdita; mas de que vale queixar-me?

A DUQUEZA.

Não vos comprehendo, senhor!

ALCOFORADO.

E fôra maravilha que me comprehendesseis!.. Falar-vos-hei pois claramente. Bem sabeis que eu parto amanhã: o que porém vós não sabeis é que desde criança um pensamento fatal se enraizou profundamente na minha alma. Não viverei muito!. A outra por certo não diria eu isto, que se riria da minha

credulidade: digo-vos porém a vós, porque vos fallo sem reboço, e porque quero que leiais na minha alma como em um livro aberto que podeis folhear á vontade. Partirei e não voltarei mais.

A DUQUEZA.

Temos boas esperanças de que haveis de voltar, Sr. Alcoforado.

ALCOFORADO.

Não voltarei! Assim pois, no ultimo dia que me é dado passar convosco, permiti-me que vos revele um segredo: não vo-lo confiaria a não ser esta circumstancia; eu o guardaria comigo até o ultimo da vida, eu o encobriria a todos os olhos, e a terra, que me ha de tragar o coração, inteiro e não sabido o tragara tambem.

A DUQUEZA.

Dizei.

ALCOFORADO.

Quando o houverdes escutado, Senhora duqueza, podereis calcar-me aos pés, que vos não opporei resistencia: podereis enxovallhar-me o rosto sem que eu descerte um suspiro: podereis rasgar-me, espedaçar-me o coração Cabindo de joelhos. Eu vos amo!

A DUQUEZA, levantando-se.

Senhor!

ALCOFORADO.

Não fujais, senhora, não fujais. Eu sou uma criatura fraca e inoffensiva, que eu não sei senão soffrer silenciosamente e verter lagrimas não vistas. Notai que se

eu vos revelo este segredo é porque tenho certo que a minha presença nunca mais offenderá os vossos olhos, nem ha de attrahir o sangue á flôr do vosso rosto. Parto e morrerei: mas dizei, dizei ao menos que vos compadeceis da minha loucura, e que não amaldiçoareis ao mísero que se deixou render por um amor insensato!

A DUQUEZA.

Levantai-vos: e depois de me ouvirdes conhecereis que é da vossa honra fugir de mim, e que me convém, não vos tornar a ver. Eu vos amo, senhor!

ALCOFORADO.

Potestades do céu!

A DUQUEZA.

Não vos illudais: vinde, vede o que está nesse leito.

ALCOFORADO.

Vossos filhos!

A DUQUEZA.

Sim, meus filhos. É á cabeceira de meus filhos que eu vos direi que vos amo: eu vos amo porque sois bom, porque sois nobre, porque sois generoso; eu vos amo porque tendes um braço forte, um coração estremo, uma alma innocente; eu vos amo porque vos devo a vida, porque não tendes mãe, e eu vos quero servir de mãe porque soffreis, e eu quero ser vossa irmã. É um amor compassivo e desvelado, que poderá ser reprovado na terra, mas que eu não creio que o sejam os céos. Entendeis-me agora?

ALCOFORADO.

Oh! Senhora duqueza, vós sois bella, pura como os

mjos, sois boa e grande como Deos; vossas palavras são como um balsamo de vida.e tornam o homem superior a si mesmo. *Dobres.*

A DUQUEZA.

Meu Deos!

ALCOFORADO.

Que tendes, senhora?

A DUQUEZA.

Aquelles sons. não ouvis?

ALCOFORADO.

Que importam! Quando o homem é feliz, parece que toda a natureza se esmera em proclamar a sua ventura que vale a voz do trovão quando o contentamento nos mora dentro d'alma?

A DUQUEZA.

Não os quizera escutar.

PAULA, de fóra.

Andam homens-armados pelos corredores. Acautelai-vos!

ALCOFORADO, correndo á janella.

Cortáram a corda! E fui eu quem vos lancei neste abysmo.

A DUQUEZA.

Trata-se de vós, senhor; vejamos se vos podemos salvar.

ALCOFORADO.

Estais salva. Dizei sómente que me perdoais para que eu morra consolado.

A DUQUEZA.

Que ides vós fazer?

ALCOFORADO.

Oh! nada! Lançar-me-hei do vosso balcão abaixo, e talvez que ainda me sobrem forças para ir morrer fóra do vosso parque.

A DUQUEZA.

Tendes alma sublime, Alcoforado; eu comtudo não posso aceitar o vosso sacrificio, que a vossa morte seria terrivel testemunho contra a minha innocencia.

ALCOFORADO.

Quem se atreveria a responsabilisar-vos pela morte de um miseravel que apparecesse sem vida por baixo das vossas janellas? Não é este o ultimo recurso?

A DUQUEZA.

Não, esperai. Vai á janella e recêa aterrada. Meu Deus! o parque está todo illuminado. Que eu não commettesse culpa nem crime e que tenha de ver manchada a minha reputação!

VOZ, de fóra.

Abri! abri! Senhora duqueza.

ALCOFORADO.

Maldito! maldito!

A DUQUEZA.

Calai-vos! Quem bate?

VOZ, de fóra.

O Sr. duque vos quer fallar.

A DUQUEZA.

Deixai-me vestir. Alcoforado, aqui, escondi-vos aqui por detrás desta aleatifa; não appareçais senão em ultimas circumstancias. promettei-m'ó. A vossa espada, o vosso barrete — tomai tudo.

ALCOFORADO, de joelhos.

Oh! senhora, ainda é tempo, deixai-me precipitar
daquella janella, e sereis salva.

O DUQUE, de fóra.

Duqueza!

A DUQUEZA.

Céos! meu marido!

ALCOFORADO.

Perdão! perdão! Calhe-lhe o barrete.

O DUQUE, de fóra.

Arrombai essa porta!

A DUQUEZA.

Esperai. Alcoforado, não leveis mão da vossa espada
contra meu marido; eu vo-lo supplico por mim, por
meus filhos, por Deos, por tudo o que mais amais.

ALCOFORADÓ.

„Não usarei della.

O DUQUE, de fóra.

Arrombai! Pancadas na porta.

A DUQUEZA.

Escondei-vos!. Senhor, sêde comigo! Abre a porta.

SCENA V

O DUQUE. A DUQUEZA.

O DUQUE, attentando na agitação da duqueza e olhando para todos
os lados com desconfiança.

Está aqui!

A DUQUEZA, a parte.

Já sabe tudo!

O DUQUE, em voz baixa e rouca.

Onde está elle?

A DUQUEZA.

Elle quem, senhor? Vós me appareceis pelo meio da noite ameaçador e terrivel: vindes tumultuosamente, acompanhado pelos vossos escravos para fazer arrombar a porta da minha camara: porque, senhor? Sou eu acaso alguma mulher sem consideração, alguma creatura vil e desprezivel para que nem sequer vos lembrasseis que a vossa suspeita me desacreditaria no conceito dos vossos lacaios? Sr. duque.

O DUQUE.

Onde está elle?

A DUQUEZA.

Fizestes illuminar o vosso parque, mandastes armar os vossos homens d'armas, alvoroastes todo o palacio: para que senhor? Eu sou mulher, e vós bem me podeis fazer morrer sem ser á força de escandalo e de vergonha, sem me acabrunhar com todo o peso do vosso poderio. Vindes cercado de nma turba vil e mercenaria, a quem basta um só aceno vosso para me cuspir no rosto, porque sou mulher e fraca, enquanto que vós sois homem e temido. É isto ser nobre?

O DUQUE.

Onde está elle?

A DUQUEZA.

Onde está elle! está aqui, senhor; está aqui no meu

leito, Correndo as cortinas. SÃO VOSSOS filhos: elles que vos attestem a minha innocencia.

Ó DUQUE, apanhando o barrete.

A fita! a fita!

A DUQUEZA.

Meu Deos!

O DUQUE, arrojando o barrete ao chão e calcando-o aos pés.

Morrerá!

A DUQUEZA.

D. Jayme, escutai-me pacientemente: eu vos explicarei este azar funesto que me faz parecer culpada.

O DUQUE.

Ambos! ambos!

A DUQUEZA.

Escutai-me, Sr. duque: vós ides commetter uma injustiça.

O DUQUE.

Injustiça! Sois bem disfarçada e atrevida arrostando o olhar de um homem ultrajado sem cahir por terra, de joelhos, de mãos postas, clamando perdão para o vosso delicto e piedade para o que haveis de soffrer!.. Injustiça! Um villão que acha no seu leito dous adulteros, duas viboras, pôde esmaga-los impunemente, e eu não o poderei fazer? Porque o não poderei? Porque sou herdeiro jurado do throno, duque de Bragança e Guimarães, senhor de Ourem, Borba, Chaves, Barcellos e Villa-Vieosa? Porque sou o primeiro duque da Europa, e o mais poderoso entre os

nobres depois da nobreza coroada? Por S. Thiago que vos desenganaremos!

A DUQUEZA.

Por S. Thiago que vos enganais: podeis sem duvida matar-me, senhor: mas vós vos arrependereis, e o vosso arrependimento será tardio: conhecereis a minha innocencia, já tarde, e o remorso vos não deixará.

O DUQUE.

Justificai-vos perante todos os da minha casa: não quero que se diga que eu mato uma innocente. Olá!

A DUQUEZA.

Senhor, eu leio a minha condemnação nos vossos olhos: vejo que me não haveis de perdoar, nem fazendo o céo um milagre para me salvar e para vos mostrar a minha innocencia. A minha vida tem sido constantemente um estorvo para os vossos projectos, e eu conheço que occultais a vossa convicção para mais facilmente vos livrardes de mim, eu o sei e o vejo: porém se me quereis matar, Sr. duque, se é esse o vosso proposito, como eu o creio, matai-me vós mesmo, barbaramente se o quizerdes: manchai embora o meu nome com uma nodoa infamante, mas não me humilheis na presença dos vossos servos. O meu nome é o vosso, Sr. duque: não os podeis separar.

O DUQUE.

Assim é, senhora: liguei o meu nome ao vosso, e vós tomastes o trabalho de m'o infamar: trabalho bem facil para vós, impossivel para o mundo. Quando pois o vosso nome se tornar synonymo da infancia, o meu

se converterá em ludibrio da população, que folga, a vil, com o dezar dos grandes. Assim fôra, se me não viesse á mente fazer seccar a mofa e o escarneo nos labios do mais atrevido com o sentimento do terror. Bem dissestes vós. eu posso matar-vos a ambos, martyrisar-vos, espinliar-vos. nada me seria mais facil. Mas esta vingança, que bastaria talvez para satisfazer a um villão, não me satisfaz a mim. Oh! livesse eu a certesa que esta fragoa de odio, que me devora, não me consumirá inteiro dentro de algumas horas; podesse eu contar com a vida até ao raiar do sol. fôra outra a minha vingança!. Esta noite eu faria erguer em Villa-Viçosa dous patibulos, um em frente do outro, e daria amanhã um espectáculo de sangue aos meus bons e leaes burguezes. Convidaria a todos para um festim de rei, far-vos-hia arrastar pelas ruas como dous miseraveis criminosos: e máo grado as justiçaes d'el-rei. eu vos faria subir ao cadafalso, á luz do sol, á vista de todos e á face do mundo. Mas já que não posso contar com a vida, tomarei outra vingança, se menos esplendida, igualmente aterradora. Entrai.

A DUQUEZA.

Senhor, é de joelhos que eu vo-lo peço: não me obrigueis a córar morrendo, nem a supportar a piedade hypocrita dos meus inferiores, que em torno de mim se estarão rindo interiormente com o meu supplicio e com a minha desdita!

O DUQUE.

Entrai.

SCENA VI.

O DUQUE, A DUQUEZA, FERNÃO, HOMENS ARMADOS, PAGENS com luzes.

A DUQUEZA, cobrindo rosto com as mãos.

Ah! são elles!

O DUQUE.

Traidores não merecem contemplação.

A DUQUEZA, erguendo-se.

Nem o sou, nem meus pais o foram nunca, senhor, podeis empunhar o cutello do algoz, podeis cobrir o rosto com a mascara da justiça, podeis fazer-me assassinar traioceiramente: só não podereis descobrir labêo na minha vida, nem crime nas minhas acções.

O DUQUE, aos da sua comitiva.

Procurai por toda a parte um vil que deve estar neste palacio.

SCENA VII.

OS mesmos. ALCOFORADO, sahindo detrás do leito.

ALCOFORADO.

Se. duque!

O DUQUE.

Emfim! A Fernão. Fernão, dize ao preto cozinheiro que traga o mañchil da cozinha: dize a dons dos meus capellães que venham confessar dons penitentes. Fernão sahe.

ALCOFORADO.

Esqueceis que ainda tenho a minha espada?

O DUQUE.

Usai della: folgaremos com isso.

A DUQUEZA, baixo.

A vossa promessa. lembrai-vos!

ALCOFORADO, ao duque.

Eu prometti que não levaria mão da minha espada contra vós, e que o não promettesse! Vale por ventura a minha vida um combate? Depondo a espada. Ah! tendes a minha espada, Sr. duque.

O DUQUE, dando com o pé na espada.

Cobardia!

ALCOFORADO.

Senhor!

O DUQUE.

Calai-vos!. Digo-vos que sois cobarde porque sois traidor, e o traidor não póde deixar de ser cobarde.

ALCOFORADO.

Ainda hoje mostrei que o não era!

O DUQUE.

Silencio! que mostrastes vós? Que já na vossa idade tendes a astucia de uma serpente: e de feito tendes enganado a todos com falsas apparencias de nobreza e de candura: mendigastes a minha protecção, introduziste-vos em minha casa, alliciastes meus servos, seduzistes minha. nem eu sei como a chame!.
Morrerão ambos!

ALCOFORADO.

Assim é, Sr. duque: eu sou um cobarde, um falso, um infame, não pelo que dissestes, mas porque envolvi na minha ruína uma creatura innocente como os anjos: porque, depois de a ter obrigado a descer ao fundo da minha ignominia, não a pude defender das vossas affrontas, nem dos doestos que lhe assacastes, cousas que não eram para dizer: por isso mereço a morte. Estou em vosso poder, Sr. duque: fazei de mim o que vos aprouver, mas até o meu derradeiro instante ouvireis a minha voz bradar cada vez mais alto:— A duqueza é innocente!

O DUQUE.

Mentira! o cobarde deve mentir.

ALCOFORADO.

Ainda quando a mentira houvesse escolhido os meus labios para sua morada, não vos mentiria eu no meu derradeiro instante para que a maldição divina não passasse eternamente sobre minha alma. Não é por mim que vos supplico a vida, Sr. duque: fôra indigno de viver quem tão baixamente a supplicasse. Estou no vosso poder, nem disso me queixo: depuz a minha espada a vossos pés antes que me viesse a tentação de a arrancar contra vós: curvei a cabeça na vossa presença, e de joelhos e á hora da morte eu vos digo que ella é innocente, que por isso me tenho envilecido, e que por isso me envileço ainda.

A DUQUEZA, a parte.

Nobre mancebo!

O DUQUE, encarando a fixamente.

Tredos! fizesse eu correr o mar entre ambos, que de um lado a outro voaria o pensamento do adulterio!
 Mar de sangue correrá entre ambos.

ALCOFORADO.

Sacia a vossa vingança no meu sangue que será bastante para apaga-la: puni o criminoso, mas não vos deixeis cegar pela vossa colera, não mistureis o sangue do innocente com o sangue do peccador. Não sabeis quantas victimas cairão commigo na sepultura?

Minha irmã enlouquecerá!. — meu pai. — oh! eu vos juro que será um desenganho terrivel para o bom do velho o feretro que amanhã lhe fôr enlutar a habitação, quando elle tropeçar em um cadaver, em vez de abraçar seu filho, seu filho bem amado que elle ainda espera abençoar, e manda-lo ás terras d'Africa pugnar pela religião de seus pais, bauhando a espada no sangue de infieis!. — Quando lhe chegar aos ouvidos noticia de morte tão desastrada, o desgosto lhe quebrará violentamente a vida. — O pobre velho morrerá!.

Se quereis mais victimas, victimas, senhor, se innocentes vos são precisas para o vosso sacrificio, sereis amplamente satisfeito. O velho e a danzella, ambos morrerão: e todavia não é por mim, não, é por elles que imploro a vossa compaixão! Sêde justo, senhor: salvai-a.

O DUQUE.

Entra, escravo. Entra o preto com um machetil. Envilecer-se-hia o braço do homem livre que vos cortasse a cabeça.

e a espada que no vosso sangue se tingisse se tornaria infame: não morreréis por mão de um homem livre, nem aos golpes de uma espada. Vede — vede também, senhora!

A DUQUEZA.

Oh! senhor!

O DUQUE, á duquesa

Vede: será o seu carrasco um escravo, um preto...
Alargando os braços e ella caindo de joelhos.

A DUQUEZA.

Meu Deus! compadecei vos de mim!

O DUQUE, á Alcorado

E o instrumento da vossa morte será um machil grosseiro tão vil como VÓS sois!

QUADRO QUINTO.

A scena representa um aposento no palácio do duque. do lado direito um altar paramentado de tella branca. e sobre elle um crucifixo, do outro lado mesa e cadeira; portas no fundo.

SCENA I.

A DUQUEZA só, nos degraus do altar.

Não posso orar!. . . o meu coração não pôde despegar-se da vida, minha alma não pôde elevar-se até Deos. e a religião me não pôde consolar!. . . Quizera ter alguém que me fallasse. porque me parece que isto é um sonho! um sonho horrivel que me está suffocando!. . . *causa.* Tenho frio!. . . Mas porque aterrar-me assim? Se eu tenho sempre de morrer, que importa que me venha a morte agora ou logo, hoje ou passados annos? A vida *causa,* e Deos tem um sorriso mais carinhoso para aquelle que mais soffre sobre a terra, e eu tenho soffrido muito! Em vão, em vão! apesar do soffrimento, eu quizera ser como as outras, viver a minha vida até o fim, e morrer com a morte que Deos manda! *causa.* O duque é bem cruel! e todavia eu sou como elle sou talvez mais do que elle, e morrerei!. . . morrerei porque sou fraca, mor-

rerer porque sou mulher!. Deos foi misericordioso para comigo em me não ter dado uma filha; que se eu a tivesse, por muito que a amasse, e ainda que ella fosse a unica. meu Deos! commetteria hoje um crime. matava-a. seria talvez condemnada por toda a eternidade, porém ella seria livre no céu! Mas porque será irrevogavel a minha condemnação? Eu sou esposa sua, a mãe de seus filhos. por ventura quiz elle punir a minha imprudencia, só com o terror, e a estas horas já elle terá pensado que o meu martyrio deve acabar. O duque é generoso: se elle tem sempre esmola para os mendigos, porque não terá tambem piedade para os que soffrem? Eu soffro tanto!

SCENA II.

A DÚQUEZA, PAULA.

PAULA.

Senhora duqueza!

A DÚQUEZA.

Quem me chama?... Paula!

PAULA.

Deixai-me chorar a vossos pés!

A DÚQUEZA.

Já me havia esquecido de ti, boa Paula: bem hajás tu que em tanta tristeza te vieste fazer lembrada, e que te não esqueceste da misera condemnada que algumas horas apenas tem de vida. Encostando-se ao hombro della.

quando eu era feliz, e já me parece que foi ha muito tempo, tinhas sempre um sorriso para desfazeres as minhas preoccupações; e hoje! achaste no teu coração algumas lagrimas que vens derramar sobre o meu infortunio. Bem hajas tu.

PAULA, chorando.

• Vós, que sois innocente, senhora, porque haveis de morrer?

•

A DUQUEZA.

Dize, dize que não é para me consolar que assim me fallas; jura-me que acreditas na minha innocencia: preciso que alguém creia nella para não morrer de desespero.

PAULA.

Não tenho eu vivido sempre na vossa companhia? Não leio no vosso rosto como na minha alma? Não sei eu que, se podesseis commetter um crime, nenhuma haveria que não fosse criminosa?

A DUQUEZA, tristemente.

Os meus também hão de acreditar na minha innocencia, mas já tarde; talvez romperão lanças em favor della, mas eu já serei morta! Oh! se as lagrimas do arrependimento e do remorso podessem dar vida a um cadaver, não me pezára morrer, porque eu teria certã a minha resurreição! Oh! boa Paula, é bem mal permitido que o homem, que não pôde dar vida, tenha o poder de matar: é bem injusto que uma miseravel creatura possa apagar a luz preciosa da existencia que só Deos pôde accender! É bem injusto, meu Deos!

PAULA.

É destino, Senhora duqueza: que lhe lavemos nós de fazer!

A DUQUEZA.

Tens razão: temos todos o nosso calvario, carregamos todos com a nossa cruz: e porque não haveria eu de soffrer tambem? Mas, ó Senhor! bem aviltador é o meu calvario, e a minha cruz é muito pesada para mim!. Morrerei, Paula. O ultimo favor que te pedir, cumpri-lo-has tu?

PAULA.

Dizei, Senhora.

A DUQUEZA.

Quando me apparelharem para o meu infame supplicio, hão de cortar-me os cabellos: creio que assim se faz. Tu os ajuntarás, Paula: vai depois ao meu guarda roupa, e lá encontrarás os meus vestidos que eu trouxe da Hespanha: era então uma criança!.. Fira um delles e manda-o á minha irmã com uma tranca dos meus cabellos, farás isto?

PAULA.

Eu o farei.

A DUQUEZA.

Ben quizera eu deixar-te uma lembranca, boa Paula, mas que posso eu agera? Entrar para esta casa coberta de velludos, e hei de sair vestida com a mortalha, entrar nova e cheia de innocencia, e hei de sair ainda nova, mas infamada!. A vossa pobre duqueza, mas polve do que vós outras nada tem para recompensar

os bons serviços dos seus fiéis servidores. Escuta: quando eu fôr morta, tomarás para ti o meu livro de orações, e escreverás na primeira pagina o meu nome com o meu sangue: não creias que elle seja vil porque o hão de derramar vilmente!. Não lhe ponhas título nenhum, só o meu nome de baptismo; e quando rezares lembra-te da infeliz Leonor, e dá-lhe uma das tuas orações.

PAULA.

Seja-me Deus boa testemunha em como, se morrerdes, eu me irei sepultar em algum convento para ali passar a minha vida em orações e penitencias, não por vós, mas por elle que vos assassina. Como que se lembra, levantando se. Ah!

A DUQUEZA.

Assim me deixas?

PAULA.

Esperai, esperai! Sahe.

SCENA III.

A DUQUEZA, só.

Nunca me julguei com forças para soffrer tanto, nem que en tivesse tantas lagrimas para chorar. No entanto soffro como se nunca houvera soffrido; choro como se nunca houvera chorado. Pausa. Sinto passos!... Quem sabe se não será o carrasco? . . . o carrasco!

Môve com terror pelos degrãos até encontrar-se ás paredes do altar.

SCENA IV

A DUQUEZA, PAULA, os dous MENINOS.

A DUQUEZA, correndo para elles.

Mens filhos! meus pobres filhos!. Beijando-os abraçan-
do-os. Vossa mãe ia morrer sem vos abençoar na hora da
morte sem beijar-vos, sem acariciar-vos, mais esta vez,
sem vos bantar o rosto com as suas lagrimas!...
Mens pobres filhos! que fareis vós no mundo sem o
amor de vossa mãe?. Talvez que uma estrangeira
venha deitar-se no meu leito para delle vos expulsar!...
Que sereis vós sem mim!. Inocentes! pobres in-
nocentes!.. Elles vos dirão que eu fui uma grande
criminosa e que me havia tornado indigna de viver:
não os acrediteis, meus filhos!. Quando vos disse-
rem mal da vossa pobre mãe, lembrai-vos de hoje e
das minhas lagrimas, e adivinhareis então que eu fui
bem infeliz, ouvistes? Oh! elles não comprehen-
dem as minhas palavras, e até do meu nome se hão
de esquecer!. Paula! Paula! porque me trouxeste
meus filhos?. Eu me resignaria a morrer, e agora
é impossivel! Attende-me: vai ter com o Sr.
duque, dize-lhe que lhe quero fallar uma hora, um
instante antes de morrer. Deixa-me meus filhos...
não, leva-os: dir-lhe-has que é em nome delles que
eu lhe peço um instante para lhe fallar: e elle não me
poderá negar merce tão pequena. Paula sale com os meninos

SCENA V

A DUQUEZA, LOPO GARCIA.

A DUQUEZA, só no meio da scena.

Elle me perdoará!

LOPO GARCIA.

Senhora!

A DUQUEZA.

Lopo Garcia! Ah! que me acordais bem cruelmente meu padre!

LOPO GARCIA.

Resignai-vos, minha filha.

A DUQUEZA.

Resignar-me a que? Não carecerei de vosso mister, meu padre; já mandei chamar a D. Jayme, que me não poderá recnsar uma entrevista.

LOPO GARCIA.

Resignai-vos!

A DUQUEZA.

Mas não estais vendo que é impossivel que eu morra assim?... Não sabeis vós que meu pai é o duque de Medina Sidonia? O Sr. duque não pensou nisso: elle me perdoará.

LOPO GARCIA.

Não o fará!

A DUQUEZA.

Como! vós que sois um bom e santo padre pondeis um freio injurioso á bondade daquelle que folga em

sua justiça de amolgar o coração mais endurecido, e de reparar o mal por mão daquelle mesmo que o praticou?

LOPO GARCIA.

Não o esperéis! A esperança engana sempre que não esperamos a morte. Preparai-vos no santo tribunal da penitencia para subirdes á presença do Senhor: confessai as vossas culpas e contristai-vos!

A DUQUEZA, chorando.

Ah! meu padre, sois bem cruel em me despojarasum das minhas ultimas esperanças. Deos vos perdõe a dôr que me causais.

LOPO GARCIA.

Que merece a vida, minha filha? É um sonho mais ou menos longo, alegre ou triste, que o acordar da morte só vale dissipar. Consolai-vos! Deos é misericordioso, e vos perdoará em favor do vosso arrependimento.

A DUQUEZA.

A vida! a vida, meu padre!

LOPO GARCIA.

Não vos rebelleis contra o Senhor, nem o irriteis com a vossa desobediencia! Curvai a cabeça perante a sua justiça, e confessai-vos para que a morte vos não collha impenitente.

A DUQUEZA.

Que vos hei de eu confessar?

LOPO GARCIA.

A vossa vida. Qual é o justo que vive sem peccado

durante o período da sua existência? Recordai-vos de quanto haveis feito, dito ou pensado, e attendai que, se é o sacerdote quem escuta as vossas palavras, é Deus quem recebe a vossa confissão.

A DUQUEZA.

A minha vida. é um tecido de dôres, bem pequenas que talvez não comprehendais, e que todavia me têm martirisado.

LOPO GARCIA.

Contai-a.

A DUQUEZA, depois de alguns instantes de silencio.

Criança me trouxeram de casa de meus pais, prendêram-me a uma camara forrada de velludo, envolvêram-me em alcaifas de seda, em reposteiros de damasco, e eu disse adeos ao meu prado florido, ao meu jardim encantado, ás flôres que eu amava, a tudo, meu padre, a tudo!. Disseram-me então que eu pertencia a um homem, e que o devia amar por que elle era meu esposo. Affiz-me á idéa de que lhe pertencia, fiz esforços incriveis para o amar, a elle que eu só via de quando em quando rodeado de largá turba de cortezãos, polido e respeitoso para comigo, porém nunca estremoso. Nunca elle teve franqueza para comigo, nunca eu a pude ter para com elle: nunca o pude amar. E se elle o quizera! bem pouco lhe seria preciso, porém jámais se deu elle a esse trabalho. Nunca, meu padre, nunca estive com elle sem receiar um accesso de sua colera, sem tremer na sua presença como uma escrava. Dizei, meu padre: sou eu culpada em o não ter podido amar?

LOPO GARCIA.

Continuai.

A DUQUEZA.

Quizestes escutar a minha vida. já vo-la contei. Não tive flôres na minha infancia, nem descanso na minha juventude. Outras culpas terei eu de que me não recordo. Deos m'as perdoará.

LOPO GARCIA.

Não mintais á hora da morte!. E o mancebo que foi ha pouco encontrado no vosso aposento?

A DUQUEZA.

Ah! sim! meu padre, a acção pertence á creatura, mas as circumstancias vêm. talvez do céu. Serei criminosa para Deos, porém sou innocente perante os homens. Ouvi. Na minha soledade houve um mancebo que se compadeceu de mim. talvez porque adivinhou os soffrimentos que eu curtia silenciosa: desenvolveu-se no meu serviço, cercou-me de sollicitudes, velava incessantemente sobre mim. E eu conheci que elle era respeitoso e cheio de extremos, e que o seu amor era nobre, innocente e puro, como sua alma. Dizei-me: fiz mal em o não expulsar da minha presença?

LOPO GARCIA.

Continuai!

A DUQUEZA.

Por algum tempo me deixei embalar por esse novo affecto, que então principiava a sentir: veio-me depois a idéa que eu o não devia entorpecer na sua carreira.

e pedi ao Sr. duque que o dispensasse do seu serviço e que o mandasse para Africa ganhar nome no serviço d'el-rei e salvação em guerras de infiéis. Dizei: fiz mal intercedendo por elle?

LOPO GARCIA.

Continuai.

A DUQUEZA.

Hontem o Sr. duque quiz que o acompanhasse a uma caçada: acompanhei-o. No meio della um javali ia espedaçar-me; esse mancebo salvou-me a vida. Dizei: fiz mal dizendo-lhe que lhe devia a vida?

LOPO GARCIA.

Prosegni.

A DUQUEZA.

Elle ia partir para Africa, mais por força das minhas instancias do que por vontade sua. Cheio de funestos presentimentos, que ainda mal, se realisaram, elle se lançou a meus pés pedindo-me que o escutasse. O Sr. duque nos podia surprender, algum pagem nos podia escutar, e elle estaria perdido; fui prudente. Pedio-me uma entrevista para esta noite, que elle devia partir ao amanhecer. Eu conhecia a sua nobreza e honradez; concedi-lh a. Dizei: fiz mal em ser prudente para não ser uma ingrata?

LOPO GARCIA.

Acabai.

A DUQUEZA.

À noite en o recebi na minha camara: meus filhos descansavam no meu leito. Elle disse que me amava:

eu disse que o amava tambem como a um irmão, como a um filho. Fui nisto criminosa?

LOPO GARCIA.

Nada mais?

A DUQUEZA.

Nada mais! Foi ser boa, affavel, generosa, agradecida e prudente, tudo isto que na terra se diz virtudes, e que por ventura tambem se chama virtudes no cêo: foi tudo isto que me perdeu!

LOPO GARCIA.

Deos vos receberá na sua gloria, minha filha.

A DUQUEZA.

Mas não comprehendéis vós que, se eu morrer, o mundo me julgará criminosa? Não vedes que eu não quero morrer porque amo a vida, que o não posso porque sou innocente?

SCENA VI.

LOPO GARCIA, O DUQUE. A DUQUEZA.

O DUQUE.

Acabai com a vossa confissão!

A DUQUEZA. *levantando-se.*

Dai-me forças, meu Deos!

LOPO GARCIA.

Escutai-me um instante, Sr. duque!

O DUQUE.

Não vos podemos attender, meu padre!

LOPO GARCIA.

Bem sei que o segredo da confissão é inviolavel e sagrado; porém Deos me perdoará se obro mal com isto, porque o faço para vos poupar um crime. Sr. duque, a vossa esposa é innocente!

O DUQUE.

Não commettais um sacrilegio, meu padre: perfizestes o vosso mister; podeis retirar-vos.

LOPO GARCIA.

Eu vo-lo repito, senhor, ella é innocente! . . . A duqueza terá cahido em faltas que hão de achar graça na presença de Dēos, e Deos é justo. Vós que sois homem, Sr. duque: não sejais mais rigoroso do que elle . . . perdoai-lhe.

O DUQUE.

Meu padre, não aprouve ao Senhor dar-nos o condão da paciencia. retirai-vos. *Lopo Garcia sahe.*

SCENA VII

O DUQUE, A DUQUEZA.

O DUQUE.

Findou-se o prazo, Senhora.

A DUQUEZA.

Senhor, mais um instante.

O DUQUE.

Mais dez minutos.

A DUQUEZA.

É pouco, senhor: tenho tanto para vos dizer!

O DUQUE.

Tendes um quarto de hora.

A DUQUEZA. depois de um instante de silencio.

Assim pois, Sr. duque, não quizestes dar credito as palavras de um moribundo que sobre a condemnação eterna de sua alma vos assellava a minha innocencia com um pé sobre o sepulchro!

O DUQUE.

Mentio: eu vi a fita!

A DUQUEZA.

A fita! Mas se ella fosse um presente vergonhoso, não a recataria elle cuidadosamente em vez de a trazer tanto ás claras? Não vos parece que seria isso uma loucura, Sr. duque?

O DUQUE.

Que sei eu? A alma do villão embriagou-se com a posse de uma duqueza; quiz fazer alarde dos seus amores, quiz escarnecer de mim. enganou-se!

A DUQUEZA.

Se não quereis acreditar nas palavras do moribundo, dai credito ao menos ao santo sacerdote. Não vos disse elle que eu era innocente?

O DUQUE.

Mentiste vós: elle lá estava comvosco.

A DUQUEZA.

Meus filhos tambem lá estavam, senhor.

O DUQUE.

Escandalo maior, senhora, escandalo maior! Quando mentistes ao sacerdote na vossa ultima confissão,

condempastes a vós mesma; se tão sómente profanasseis o vosso leito, o crime ficaria ainda convosco! Fôra isso apenas impiedade n'uma christã, infamia n'uma esposa!. Ha muito disso. Mas que a esposa se lembrasse dos filhos para encobrir o seu adulterio, que o crime se lembrasse da innocencia para vestir a sua nudez, que a mãe se lembrasse dos filhos para os industrialiar no crime!. Eis o que é horroroso, senhora; eis o que é estupendo e inaudito, eis o crime por que haveis de morrer!.

A DUQUEZA.

Imprudently me prodigalisais impróperios e convicios, Sr. duque. Foi criada em vossa casa, foi vossa mãe quem me educou. Attentai que parte de quanto me dizeis recahe sobre quem se encarregou da minha educação.

O DUQUE.

Porque? Conheço almas faceis que se persuadem que ser virtuosa é ser fugida, e que para ser impune basta ser habilmente criminosa. Outras ha que nascem propensas para o crime e com o instincto do vicio no coração. Ha creaturas assim!

A DUQUEZA.

Sr. duque, vós sois poderoso e escusais de subterfugios contra mim. Ninguem vos pedirá contas da minha morte, senhor, e escusais de torcer os vossos juizos para me calumniar. Podeis dizer, e disse-o francamente que ninguem nos escuta: «Morrerás porque assim o quero!» É uma razão que todos comprehen-

dem, a razão do mais forte, se não é a do mais nobre. Contra a vossa vontade me offereceste mão de esposo, e tendes sempre vivido constrangido considerando-me como um estorvo para a vossa vocação, porque premeditáveis ser frade ou cousa semelhante. Bem opportunamente vos sorri este ensejo para de mim vos desfazerdes. Aproveitai-vos d'elle, e agradecei ao azar sem ostentardes de justiceiro. Não me falleis em justiça humana, senhor, porque eu me poderei lembrar que vosso pai também foi humanamente justificado!

O DUQUE.

Deos vos encontre tão pura como elle, Sra. duqueza.

A DUQUEZA, de joelhos.

Perdão, senhor, perdão. Não era isso o que eu vos quizera dizer; mas sei eu por ventura o que digo?.. Estou quasi louca, não penso, não meço as minhas palavras. Perdoai-me!. Eu amo a vida. Sr. duque: porque vos hei de eu mentir? Sou uma mulher fraca e sem forças: choro porque a amo e porque me dôe perdê-la. Sou eu acaso algum homem para ter coragem?. Amo a vida, amo tudo o que me cerca, amo tudo o que me era indifferente. sou nova e não me posso resignar sou innocente e não devo morrer. Perdoai-me! Que vos importam algumas palavras descuidadas que me escaparam? Não pensei nellas, nem foi minha intenção offender-vos. Vós me aborreceis e com razão.. O que era eu para merecer o nome de vossa esposa?.. Que sou eu para vos merecer o vosso amor? A mim também casaram-me sem que eu sou-

besse o que era o matrimonio. E que culpa tenho eu em não ter resistido á obediencia a que desde criança me afizeram?. Como o poderia eu imaginar!.. Ainda então não sabia que o homem, que é forte, pôde ser obrigado a casar-se contra o seu querer, a casar-se com uma mulher que elle não ama!

O DUQUE.

Quem me poderia obrigar, Senhora?

A DUQUEZA.

Tendes razão: eu é que sou uma louca em vos dizer destas cousas; mas tenho eu consciencia do que vos estou dizendo? Digo-vos tudo quanto me vem a cabeça para que vejais quanto soffro e para que me perdoeis, Sr. duque.

O DUQUE.

Levantai-vos, Senhora duqueza: o meu proposito é irrevogavel.

A DUQUEZA.

Muda-lo-heis, senhor: muda-lo-heis quando aventardes que molina que eu sou, e que embarços a minha morte vos pôde acarretar. O conde de Urenha, meu cunhado, e o marquez de Cazaca, meu irmão, virão reptar-vos para o duello, appellando da vossa sentença para o juizo de Deos.

O DUQUE.

Atrever-se-hão elles!.

A DUQUEZA.

Meu Deos! como lhe hei de eu fallar! Eu vos digo estas cousas sem consciencia, sem intenção de

vos offender. En é que sou a medrosa, vós sois forte e valente e de nada vos arreceiais. Com effeito, de que vos podeis temer? Que vos importam meus irmãos, ou que vos podem elles fazer? Bem podeis vós calcar-me, bem podeis matar-me e fazer de mim quanto mais vos aprouver; mas que gloria vos virá dali, Sr. duque?

O DUQUE.

Confrontai estas vossas palavras com as que ainda ha pouco em a vossa camara me dissestes!. Com o gesto irritado, com o olhar sobranceiro pedistes-me contas do meu proceder taxando-me de pouca lisura e commedimento! Agora porém confessais a minha prepotencia, e tendes sem duvida para vós que, se como homem me injuriastes, eu como senhor me vingó!. Apesar de vos abaixardes tanto. Senhora!..

A DUQUEZA, levantando-se.

Sr. duque!

O DUQUE.

Apesar de quanto tendes feito para alcançar a vida, apesar de tudo quanto me haveis dito ou me possais dizer, não será menos certa a vossa morte. Acreditai que me não deixarei amolgar pelas vossas preces e que nem as vossas lagrimas torcerão a minha justiça. Morrereis!

SCENA VIII.

OS MESMOS. UM PAGEM.

O SERVO.

Sr. duque!

A DUQUEZA.

É elle!

O DUQUE.

Viestes opportunamente Findou-se o prazo.

A DUQUEZA.

Meu Deos!

O SERVO.

Perdoai o meu arrojô, Sr. duque, e não me tenhais má vontade, porque uma só vez vos desobecerei.

O DUQUE.

Fallai.

O SERVO.

Não vos posso servir nesta occasião, senhor!

O DUQUE.

Porque?

O SERVO.

Aquelle santo padre que ha pouco sahiu desta camara disse-nos que a senhora duqueza era innocente, e que excommungado seria quem em mal della vos obedecesse!

A DUQUEZA.

É possível!

O DUQUE.

Por nosso respeito não desobecereis ao santo padre, nem ireis contra os dictames da vossa consciencia! Entre os nossos vassallos mais do que um haverá que neste ensejo nos acuda em vossa falta. Chamai-os.

O servo abre a porta e faz signal para dentro.

SCENA ULTIMA.

O DUQUE, A DUQUEZA, servos, homens d'armas.

O DUQUE.

Este homem que aqui vêdes nos obriga, em circumstancia bem melindrosa, a experimentar a vossa lealdade. Precisamos de um executor de alta justiça, e dar-lhe-hemos com a nossa protecção cem peças de ouro.

A DUQUEZA.

Inspirai-os, meu Deos! inspirai-os!

O DUQUE.

Nenhum se move!. Pensais talvez que mais vale a cabeça de uma duqueza. nós lhe daremos mil peças de ouro e o primeiro lugar entre os meus servidores.

A DUQUEZA.

Hão de tentar-se!. Nenhum! nenhum!

O DUQUE, concentrado.

O padre!. Porque o deixei sahir quando precisava de um algoz? Baixo ao primeiro servo. O estrado e o cepo?

O SERVO.

Estão promptos.

O DUQUE.

E o cutelo?

O SERVO.

Está afiado.

O DUQUE, como que fallando consigo.

Uma duqueza não deve morrer como uma mulher vulgar.

A DUQUEZA.

Estou salva.

O DUQUE, em voz alta.

A filha de D. João de Gusmão, duque de Medina Sidonia, conde de Niebla, marquez de Cazaça e senhor de Gibraltar merece contemplação pela sua hierarchia. À duqueza. Não vos parece?

A DUQUEZA, tímida.

Foi talvez inspiração do céu a que tornou esses homens surdos á voz do interesse.

O DUQUE.

E do céu é que vem esta inspiração, Senhora duqueza. Alegrai-vos. tereis um duque por carasco!

A DUQUEZA.

Vós! senhor!

O DUQUE, travando-lhe o braço.

Vinde!

A DUQUEZA.

Oh! ainda um instante!

O DUQUE.

Nada mais!

A DUQUEZA.

Eu tenho ainda tanto para vos dizer Escutai me até o fim, e certamente me haveis de perdoar.

O DUQUE.

Não vos perdoarei.

A DUQUEZA.

O que é um instante para vós que ficais desfruc-

tando a vida? Por Deos! dai me um só instante!

O DUQUE.

Não vos escuto!

A DUQUEZA.

Um instante, senhor!

O DUQUE, sahindo com ella pela porta do fundo.

Morrereis!. . . morrereis.

FIM DO DRAMA.

ADVERTENCIA DO AUTOR.

Aqui extractarei de uma das chronicas portuguezas o trecho que a este acontecimento diz respeito, para os que o quizerem saber n'um e simples tal qual o refere a historia: ver-se-ha que a segui fielmente. Quanto a mim, creio que adoptei o mellhor dos factos, quer considerados como verdade historica, quer como circumstancias dramaticas; apenas a suppri emquanto me foi preciso para encadear as partes do drama entre si, e inverti-a nas minuciosidades alheias ao meu trabalho, e por isso mesmo de pouca importancia para o meu fim; assim é que digo ter sido Fernão Velho quem salvou os filhos do duque D. Fernando, quando o encarregado desta missão foi Fernão Rodrigues Pereira, e ter D. Manoel feito a D. Jayme doação dos dizimos do pescado em Lisboa em 1512, quando tal mercê foi feita no começo deste reinado.

Ajuntarei mais um fragmento do summario a que o proprio duque mandou proceder por esta occasião, e que o Sr. Moraes Sármento (autor do Romanceiro Portuguez) diz ter encontrado na torre do Tombo. Póde servir como indicação de scena e vestuario, se algum dia ou em algum lugar tór este drama representado.

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA. VIDA DO DUQUE D. JAYME.
TOM. 5.^o, CAP. 8.^o, PAG. 576.

... «Foy o motivo deste injusto crime Antonio Alcaforado, moço fidalgo de poucos annos, que ainda não cingia espada, filho de Affonso Pires Alcaforado, que na casa do duque tinha o mesmo foro de moço fidalgo, e servia no paço do Duque, e a quem a Duqueza tinha mostrado estimar em algumas occasiões.

com que augmentando-se os falsos indícios, chegarão ao ponto da mayor fatalidade. Não quiz o Duque ser o executor da sua morte, e assim mandou chamar a Lopo Garcia, seu capellão, para a confessar, depois por um negro com um machil da cozinha lhe foy cortada a cabeça. A Duqueza, que ignorava o que se passava, ouvindo um grande ruido, assustada do estrondo, foy em busca de seus filhos, e sobre a cama em que elles estavam achou o Duque, e vendo a vultou e mandou entrar o capellão para a confessar, e tendo-o feito, entrou o Duque, a quem a Duqueza animosamente perguntou porque a queria matar? E dizendo-lhe o Duque, porque lhe fôra traidora, ella lhe respondeu: nem eu sou traidora, nem meus avós forão nunca; e com outras muitas razões lhe disputou a accusação com tanta constancia, que o Duque se deu quasi por convencido, e das persuasões do capellão que clamava pela sua innocencia... e sendo o executor da morte, com cinco feridas lhe tirou a vida.»

Segue-se o summario.

•Anno, etc. Aos dous dias do mez de novembro de 1512, duas horas ante manhã pouco mais ou menos, em Villa Viçosa, nas casas do Reguengo, onde ora pousa o Sr. duque de Bragança, foi chamado o bacharel Gaspar Lopes, ouvidor de sua senhoria, e João Alvares Mouro, juiz ordinario na dita villa. Pelo dito Sr. duque, etc., foi dito ao dito ouvidor e juiz, perante mim tabellião, que elle tinha morto a Senhora duqueza sua mulher D. Leonor, e assim Antonio Alcoforado, filho de Attonso Pires Alcoforado, moço fidalgo de sua casa, por os achar ambos, achar que dormião ambos lhe commetterem adulterio; pelo que o dito ouvidor e juiz se forão a uma camara onde a dita senhora solia a dormir, e ali jazia morta a dita Senhora duqueza, e assim o dito Antonio Alcoforado junto na dita camara, um junto do outro, o qual foi vista a dita Senhora por o dito ouvidor e juiz, e Gonçalo Lourenço, tabellião, que era presente, e eu Alvaro Pacheco; e tinha uma grande ferida por baixo da barba, degollada, que cortara o peçoço a cerca todo, e outra grande ferida por detras, na cabeça, que lhe cortava a cabeça quasi toda, que lhe apparecião os miolos, e junto com a dita ferida tinha outras tres muito grandes feridas. E dito Alcoforado tinha o peçoço cortado; e em a cama da dita Senhora estava um barrete, dobrado de volta, preto, que dizião esses que ali estavam que era do dito Alcoforado, e o ouvidor e juiz mandarão fazer este auto, para por elle perguntarem algumas testemunhas sobre o dito caso, e mandarão ao dito Gonçalo Lourenço e a mim tabellião que assignassemos este auto; a qual dita Senhora duqueza estava vestida e tinha uma cota de velludo negro barrado de setim preto com uns perfis de tafetá amarello, e um sainho de velludo negro, e uma cinta de setim raso alconado; assim o dito Antonio Alcoforado estava vestido; e tinha um gibão de fustão prateado com meias mangas e collar e pontas de velludo rôxo, e umas calças vermelhas, uns borzeguins pretos, e sapatos, e um saio preto, e uma cinta de couro preto com uma guarnição de prata.»

BOABDIL

DRAMA EM CINCO ACTOS.

ACTO I.

PERSONAGENS.

BOABDIL, rei de Granada.

AYXA, sua mãe.

ZORAYMA, sua mulher.

ABEN-HAMET, por outro nome—IBRALIM.

ALHAMUR, chefe do Abencerrages.

MULEY-HASSAN, chefe Gomeles.

MURA.

UM DEREVIZ.

UM PAGEM.

UM EUNUCO.

1º

2º

3º

} GOMELES.

UM ABENCERRAGE.

2º DITO.

3º DITO.

CAVALLEIROS, DAMAS, PAGENS, GOMELES, ZEGRIS, E ABENCERRAGES.

ACTO I.

Pateo escuro no Alhyacin; veem-se os jardins esplendidamente illuminados--passeiam damas e cavalheiros a musica vai gradualmente enfraquecendo.

SCENA I.

AYXA MULEY HASSAN.

Entram ao mesmo tempo um da esquerda, outro da direita.

MULEY.

Apenas ouvi que alguma coisa querieis mandar do meu serviço. não me demorei: vim eu mesmo receber as vossas ordens: aqui estou rainha.

AYXA.

Vê se alguém se aproxima.

MULEY.

Ninguém: estão todos embebidos com os folgares do saráu.

AYXA.

Viste-o, Muley?

MULEY.

A quem. Senhora?

AYXA.

O Saráu—não fallavas delle?

MULEY.

Para chegar té aqui foi-me preciso passar por entre os convivas, onde mais bastos se apinhavam; mas não o quiz ver:—não o vi.

AYXA.

Doeu-te certo o coração guerreiro de vêr como assim se malbaratam thesouros a tanto custo adqueridos.

MULEY.

Talvez foi isso, rainha. Creado e educado entre os homens do povo, acostumado a levar-lhes soccorros por vós e em vosso nome, sabendo qual miseria é a sua, pensei commigo que ao menos por commiseração dever-se-lia poupar-lhes tão desapiedados espectáculos que não podem senão exarcerbar os padecimentos desses homens já tão decimados, já tão sagrados pelas nossas mal terminadas dissensões. Quando entrei na fortaleza offuscou-me o resplendor das luzes, aturdiu-me aquelle rumor de festa, mas senti como que se me apertava o coração de vêr o que se fazia aqui dentro—e o que lá fóra se passava. Foi então o meu primeiro pensamento voltar aos meus antigos companheiros, e leval-os para fóra de Granada a fim de que não morressem de miseria e de fome, mas antes de morte gloriosa combatendo os infieis que adoram o Christo. Certo o fisera: porém vós me esperaveis,—e eu jámais esquecerei que vos devo quanto sou e quanto valho.

AYXA.

E não te arrependers, Muley: escuta— aqui— mais perto. Quando nasceu Boabdil, meu filho, que agora reina, sabes que negras palavras leram os astrologos na sua estrella.

MULEY.

Terriveis— diziam.

AYXA.

Não tratemos disso: os homens podem enganar-se, e Allá permittirá que sejam falsas! Seu pae em odio ao recém-nacido, sobre cuja cabeça pairava tão negro vaticinio, desposou a uma christã, e aos filhos desta quiz dar por herança o throno de Granáda. Tu o sabes. Foi-me preciso muita coragem para lutar—muller e sósinha—contra meu marido que era rei e que odiava a seu filho: foi-me preciso empregar muito ardil, sustentar muitas lutas, e não recuei nem diante da guerra, por que defendia um filho, e queria sustentar na sua cabeça a corôa de seus paes que não passasse aos filhos da estrangeira.

MULEY.

Bem o sei, rainha!

AYXA.

Bem o sabes, sim; mas tu que foste sempre o braço armado dos meus conselhos,—o escudo sob cuja protecção dormia tranquilla a infancia de Boabdil, hem podes avaliar como não será profunda a minha dôr de ver que o reino tão disputado, adquerido a custo de tantas fadigas, de tantas vigalias, de tantas batalhas,

se vae pouco a pouco desmoronando por incuria de quem mais devera velar pela sua conservacão. Os christãos apresam os nossos rebanhos, talam os nossos campos, arrasam as nossas fortalezas, conquistam as nossas cidades, e nós descansamos em ocio, adormecemos ao som das dulcaynas, ao compasso da zambra; e não ha uma voz que nos arranque deste letargo, uma cabeça que pense por todos, um braço que defenda as conquistas do grande Miramolim! Não! não será assim.

MULEY.

E não o será se o quizerdes. Ponde Boabdil á nossa frente, e vereis como nós os arabes, que preferimos os combates ás festas; caminhamos alegres ao encontro da victoria. Porem Boabdil, rainha, com magoa o digo, herdou o nosso coração, mas não a nossa alma.

AYXA.

Boabdil é valente e corajoso, talvez demasiadamente inclinado aos prazeres: para que desperte da sua natural indolencia é mister um motivo muito poderoso. Parece-me que o achei, Muley Hassan: queres tu ajudar-me?

MULEY.

Disei, Senhora.

AYXA.

Não advinhas acaso o motivo porque Boabdil não procura defender-se dos christãos?

MULEY.

Creio que o advinho. Todo entregue aos amores de

Zorayma, não tem olhos senão para a ver, não te pensamentos senão para ella. Não é como convem q seja um guerreiro, nem como me parece que deve s um rei: é um homem que ama e nada mais. O moti é este: muitos outros lhe servem de pretexto.

AYXA.

—E se lhe tirassemos esse motivo?!

MULEY.

Eu, Senhora! não vos comprehendo! Nada mais s que um pobre guerreiro que nunca terá forças de var da espada contra uma pobre mulher, que se n defende!

AYXA.

E quem te falla em violencias contra mulher alguma! Estás louco! Não é com tudo porque eu não t nha coragem de sacrificar a uma mulher, quem que ella seja, quando se trata de resguardar um thro que é meu,—uma crença que é minha,—um rei que meu filho.—Eu a sacrificaria de boa vontade, por nhas proprias mãos se fosse preciso: mas a sua mo nos seria inutil.—Quero somente resgatar Boabdil seu jugo—e entregue elle de novo aos meus conselhos o crescente brillará outra vez no céu da Hespanha fronteira á cruz dos infieis!

MULEY.

Alláh vos ouça.

AYXA.

E me ouvirá.—Attende-me. Um Eunuchos que tra dos jardins do Generalifata levou ha pouco um ramo

flôres a Zorayma: eu o vi: Erá de certo uma mensagem de amor—de quem não sei: perguntei-lhe não m'o soube responder: era um extranho, algum dos nossos guerreiros ultimamente resgatados do captivo, —e talvez dos companheiros de meu filho. A mensagem chegou ao seu destino.

MULEY.

E consentistes?!

AYXA.

Assim era preciso.

MULEY.

E o que diziam as flores?

AYXA.

Que esta noite lhe iria fallar ao seu aposento.

MULEY.

Só?

AYXA.

E quanto basta. Boabdil conhecerá que é trahido—bade despreza-a, e o reino é salvo! Mas o insolente que se atreveu a levantar tão alto os olhos, não ficará sem castigo. Não, por minha alma,—não se dirá que fechei os olhos a crimes desta natureza, nem que um vil escravo zombou impunemente de um rei com afronta que um simples cavalheiro jámais deixa esquecida.

MULEY.

Estou ás vossas ordens!

AYXA.

Bem: o que te cumpre fazer.

MULEY.

Alguem se aproxima.

AYXA.

Retiremo-nos: com mais vagar saberás o resto.

Sabem.

SCENA II.

ALHAMUR - ABEN-HAMET.

ALHAMUR.

Que agradável surpresa me cansaste! Supunha-te captivo em poder dos christãos, morto talvez! e eis que de improviso me appareces mais glorioso que d'antes, e em favor para com o rei, um pouco desconhecido, sim,—um pouco mudado pelo sol dos combates: mas quando será que se não reconheçam os olhos de um amigo?

ABEN-HAMET.

Oxalá me não reconhecesses!

ALHAMUR.

Duvidei de te haver reconhecido quando na minha presença ouvi que o rei te chamava Aben-Hamet, e agora pelas tuas palavras vem-me ainda em duvida se o Aben-Hamet de hoje é o mesmo Ibrahim d'outr'ora!

ABEN-HAMET.

Ibrahim morreu! — Se em algum tempo te fui caro, — se alguma lembrança te ficou desse desgraçado Aben-cerrage, esqueça-te esse nome. Não sou mais Ibra-

him! Sou Aben-Hamet, o guerreiro sem brasões e sem familia, que no mundo só tem um desejo, só alimenta uma esperança!

ALHAMUR.

E esse desejo! essa esperança!

ABEN-HAMET.

Não me interrogues.

ALHAMUR.

Calar-me-heis: és senhor dos teus segredos, bem sabes que sou pouco exigente, — e que contra a tua vontade jámais reclamei a parte que me cabe em teus pesares. Tratemos de outro assumpto. Granada continúa a estar dividida em dois grandes partidos: os Zegrís de que é chefe Muley Hassan, e os Abencerrages de que na tua ausencia sou chefe. Os Zegrís caminham cada vez mais orgulhosos, fazem reviver as suas antigas pretensões, e querem em tudo e por tudo supplantar-nos. Os Abencerrages insubordinados e revoltosos, precisam de uma vontade forte que os dirija, de um braço que elles respeitem e de uma gloria que elles admirem. Tu chegaste enfim, e o seu commando te pertence. Eis a espada que me confiaste.

ABEN-HAMET.

Guarda-a, Alhamur: não a posso aceitar.

ALHAMUR.

E porque? Não foste sempre o nosso chefe — o cavalleiro mais liberal, mais valente, e mais rico dos Abencerrages — descendente de reis?

ABEN-HAMET.

Aben-Hamet nada tem com os nobres Abencerrages. Ibrahim jaz na sepultura do velho Mohamede, que não atraçoára o segredo de seu filho, e o coração de um amigo que tambem não será traidor—Eu tenho na terra, já t'ò disse, um só desejo, uma só esperança. Talvez uma missão de sangue em voz baixa e surda contra uma mulhier, Alhamur, contra uma mulher!

ALHAMUR.

Tu a odeias?

ABEN-HAMET.

Amo-a.

ALHAMUR.

Amas! e queres mata-la?!

ABEN-HAMET.

Amo-a, como se ama a vingança.

ALHAMUR.

E ella é?

ABEN-HAMET.

Não o deves saber! os nossos irmãos carecem de teu braço, dos teus conselhos—basta que eu morra! pausa. Cheguei e mandei pedir-lhe uma entrevista! Um eunucho se incumbiu da missiva,—era um simples ramo de flôres. Quero vel-a. ouvil-a!. não, basta vel-a: depois—alli -- de joelhos—a meus pés—mata-la, a ella e a mim.

ALHAMUR.

Allá se compadeça de ti!

ABEN-HAMET.

Oh! como eu a amava! Lembras-te da ultima vez em que nos vimos? Era noute —a dez horas:—bati, e tu mesmo me vieste abrir a tua porta. Um motivo urgente.

ALHAMUR.

Não m'o quiseste dizer então.

ABEN-HAMET.

Ella foi!

ALHAMUR.

Vinhas coberto de lama e de sangue!

ABEN-HAMET.

Ainda por amor della!

ALHAMUR.

Nada quiseste acceitar.

ABEN-HAMET.

Asilo por algumas horas—segredo por toda a vida.

ALHAMUR.

E partiste logo!.

ABEN-HAMET.

Como eu lhe havia promettido, como ella me havia promettido a mim de ser-me fiel. Seu pae negou-me a sua mão depois de m'a ter outorgado, recusou o seu consentimento a esta alliança com que por tão largo tempo me trouxe lisongeadado, a pretexto... nem eu sei de que—da minha verde mocidade, do meu nome pouco conhecido! Cobarde e perjuro!—Começavam então as nossas guerras contra os christãos, quiz voltar com tantos trophéos que me não podesse recusar

a mão de sua filha! Mas primeiro quiz vel-a, fallar-lhe antes de partir, dar-lhe alguma esperança e receber alguma consolação. Que votos os d'aquella fementida! que lagrimas não chorou aquella perfida! que adeoses os d'aquella embusteira! Já me retirava, quando me acommette a traição, apunhala-me cobardemente, vendendo-me sem armas, e lança-me n'um fogo julgando-me sem vida!. Tu sabes o resto!

ALHAMUR.

Sei, sim; mas ha ali alguma cousa que não comprehendendo! Quem foi esse que te recusou a mão de sua filha—á ti—o mais generoso, o mais bemquisto dos cavalheiros de Granada? De que tribu, de que reis descendia?

ABEN-HAMET.

Eu tinha um rival, Alhamur. Quem elle fosse não o soube então, e oxalá o não soubesse agora!

ALHAMUR.

Mas era elle mais, era tanto como tu? Poder-te-hia ser equiparado ao menos?

ABEN-HAMET.

Quiz Allah que elle fosse mais poderoso!

ALHAMUR.

Ceos! era o rei.

ABEN-HAMET, vivamente.

Cala-te. Tranquillo. Disse-o eu por ventura?

ALHAMUR.

Assaz o disseste! Se alguma coisa valem para comigo os meus rogos. Ibrahim emendando-se Aben-Hamet.

muda o teu proposito: deixa que ella viva entregue aos remorsos de haver despresado uma alma como a tua, um amor como o teu, e não queiras que se diga do primeiro dos Abencerrages que elle se cobriu de vergonha e de opprobrio vingando-se de uma mulher!

ABEN-HAMET.

Escuta-me Quando no meu exilio me chegou a dolorosa noticia das suas nupcias, não perdi a razão porque aprouve a Allah que a conservasse em toda a sua força pãra sentir dobradamente o amargor da sua cholera. Tentei esquecel-a, mas debalde: tentei expulsal-a do meu pensamento á custa de inaudito, de incrível trabalho—ainda debalde Eu a via sempre,—já sentada no seu elevado terrasso, gosando a viração da tarde, já descantando na sua guzla aquellas trovas singelas das nossas façanhas que tanto me apraziam ouvir na boca della: via-a graciosamente divagar pelos jardins da Veiga, pelas preguicosas do Xenil, juntos ás ondas do Daro, com as alvas roupagens fluctuando á mercê da brisa por baixo dos laranjaes e da oliveda. Via sempre—ouvi-a sempre! Julguei que a odiava quando o meu amor era cada vez mais forte!—Justas e torneios tudo affrontei para ver se em alguma parte encontrava a morte: não a encontrei nunca! Na batalha de Lucena tentei ainda morrer, tambem o não pude! Boabdil cercado por um troço d'infieis lia ser morto por alguns soldados electrizados pela victoria, que o não reconheciam na simplicidade do seu vestuario. Interpuz-me entre elle e os soldados que o procuravam ferir,

e cabi crivado de golpes. Elle viveu e eu não pude morrer! Boabdil vencido e prisioneiro ligou-se extremamente ao homem que o salvara com perigo da propria vida: quanto mais fugia da sua presença, mais me procurava elle; quanto mais o odiava, tanto maior se tornava a sua amizade. Eu que vi claramente a mão de Allah em todos estes acontecimentos, curvei humilde a cabeça, porque ante a sua vontade que vale o querer dos homens?

ALHAMUR.

Deos é misericordioso.

ABEN-HAMET.

E justiceiro.—Não ouviste tudo. Boabdil foi libertado, e eu fiquei prisioneiro. Mil vezes poderia ter-me evadido, e procurar a vingança que tão decentemente me sorria na febre da minha imaginação. Não o quiz nunca. Ficarei, dizia eu, ficarei eternamente captivo desta raça aborrecida; e as misérias do immercedo captivo me farão esquecer do que fui do que sou, e de quanto passei por amor della. Resgataram-me por fim, e eis-mé aqui!

ALHAMUR.

Mas porque vieste?

ABEN-HAMET.

Vim constrangido. Boabdil elevado ao throno, contra o costume dos reis, não se esqueceu que a um vassallo devia a vida: quiz premiar-me mão grado meu, porque só assim se poderia cumprir o seu e o meu destino.

ALHAMUR.

Aben-Hamet, não farás tu um ultimo, um derradeiro esforço?

ABEN-HAMET.

Nenhum mais.

ALHAMUR.

Se mores, eu morrerei tambem; se o teu proposito é irrevogavel, eu me sujeitarei tambem á tua sorte:—mas primeiro quero salvar-te. Sei que poderás frustrar as minhas esperanças, mas o que não poderás é obstar a que eu morra contigo, se mais te aprover morrer. Em favor de um amigo que assim se submete a tua bõa ou má fortuna não farás tu o que te peço?

ABEN-HAMET.

Falla amigo.

ALHAMUR.

Ao rei que nada te poderá negar pede permissão de partir, eu te seguirei, e por ventura que outra sorte nos espera longe destes muros, longe mesmo das terras de Hespanha—entre os nossos d'além mar.

ABEN-HAMET.

Pobre amigo! Ha alguma coisa mais forte que a intenção dos homens, é a vontade d'aquelle que lhes escreveu as acções nos astros em caracteres de fogo. Contudo seguirei o teu conselho, farei o que pedes,—irei supplicar ao rei que me permita deixar a sua corte e partir. Se for attendido, parto já—immediatamente, sem a ver, sem lhe fallar e não voltarei mais. Porem se elle fôr surdo aos meus rogos.

ALHAMUR.

Se assim fôr?

ABEN-HAMET.

Cumprirei o meu fado! Sahe.

ALHAMUR, depois de alguns momentos de reflexão.

Heide salvar-te, ou perecer contigo.

SCENA III.

MURA, ZEGRIS e GOMELES.

MURA.

Por aqui meus senhores, por aqui.—Convém que um pouco recobremos as nossas forças.—São estes saráus á semelhança das batalhas, e nós outros os Zegrís e Gomeles—isto é o que ha de mais puro e de mais generoso em Granada, assim como somos os primeiros nos combates, convém que sahiámos os últimos do festejo. As damas assim o querem, e nós assim o havemos praticado sempre.

1º GOMEL.

E que magnifico saráu!

2º GOMEL.

Que melodiosas dulcaynas!

3º GOMEL.

Que zambras devinas! Que expressão nas figuras!
Que harmonia nos concertos!

MURA.

Tudo é bom e bello. Haveis de confessar. meus

amigos, que para concertar uma destas festas, não ha outro como o nosso rei Boabdil que Allahi conserve e proteja! É rei nos gostos, no apparato e na magnificencia; é rei como não foi seu velho pae, que haverá de viver aborrecido entre as houris do propheta, como viveu aborrecido nos paços encontrados da Alhanbra!

3º GOMEL.

Certo que se estas festas continuiam não quereiei que tenha hauido entre os Kalifas de Bagdad nem um mais sumptuoso que o nosso rei Boabdil. Quer elle por ventura desmentir aquella negregada prophacia dos astrologos que lhe tiraram o hauroscopo por occasião do seu nascimento.

2º GOMEL.

Que prophacia foi essa?

MURA.

Não a sabeis?!

1º GOMEL.

Não a sabemos, não!

MURA.

Oh! pois e bem sabida.

2º GOMEL.

Contai-nos isso: contai-nos depressa.

SCENA IV

MULEY HASSAN *embuçado* e os MESMOS

MULEY.

Eu vol-a direi.

MURA.

E tu quem és?! Muley descobre-se.

TODOS.

Muley Hassan!

MULEY.

Sim, Muley Hassan, o guerreiro sem nome, sem fortuna, sem familia, e que vos diz a vós todos Zegrís e Gomeles, que vos vangloriais de ser os mais puros, os mais generosos cavalleiros granádinós:—Por vossa causa se cumprirá ainda a prophécia dos astrologos, e Granada cahirá em poder dos infieis.

1.º GOMEL.

Elle insulta-nos!

MULEY.

O poder de Hespanha vai crescendo a sombra dos nossos descuidos e do nosso desleixo! Alhama cahio! Zahara rendeu-se, Soxa foi tomada a traição, Ronda occupada á força, e Malaga resiste apenas ao poderio do rei catholico. E nós o que esperamos? e vós o que fazeis?

MURA.

Cala-te Muley.

MULEY.

Amolecidos pelos delectes, temeis o estrepito das armas, porque aos vossos membros afeitos as sêdas e aos brocados é sobejamente pesada a armadura do guerreiro, e cimitarra do combate!

MURA.

Mentes Muley.

1º GOMEL.

Elle nos provoca!

2º GOMEL.

Ameaça-nos!

3º GOMEL.

Insulta-nos!

MULEY.

Fracos!

TODOS.

Morra! morra!

MURA.

Suspendei. A offensa feita aos meus companheiros d'armas, diz respeito a mim, e não serei eu quem a deixe impune, nem que chame outro braço em meu auxilio. Arrancando a espada. Defendê-te!

MULEY.

Defender-me porque?

MURA.

Porque as palavras que proferiste deixam nodoa, que só com o sangue se apaga.

MULEY.

Mancebo, enverga a cota de malha, cinge o alfange, toma a lança, a adaga e o escudo, e vai primeiro onde os de Christo vos estão desafiando todos os dias—a todos os momentos. Toma uma bandeira, rende a um dos seus chefes, cativa um dos seus cavalheiros, e poderás depois pedir-me que retracte as palavras que proferi contra os da tua tribu.

MURA.

És um cobarde. Embainha a espada: aos seus. Rendei-o.

Lançam-se sobre Muley Hassan: este arranca da espada e põe-se em defeza.

SCENA V.

OS mesmos, BOABDIL e ABEN-HAMET.

BOABDIL.

Continuai, senhores, continuai!

TODOS, curvados.

O rei! Momento de silencio: o rei os encara mudamente, collocando-se no meio dell'es.

BOABDIL.

Creio que vos divertieis em amotinar o meu palacio! Já vos não bastam as ruas de Granada, as suas praças, os seus jardins, os seus arredores, testemunhas diarias dos vossos escandalos, para virdes aqui no meio de um saráu, na minha presença, alborotar com os vossos ferros a minha côrte. Por Mafoma, que haremos de pôr cobro a tanta audacia!—Fallai, Mura;—Muley Hassan dizei-o! Vós que deveis o exemplo da obediencia aos vossos Gomeles,—vós a quem os annos já deveriam ter feito mais circunspecto—dizei-o: onde estão os cavalheiros de Aviz e de S. Thiago? onde os christãos? onde os inimigos que haveis de combater? ou então porque estaes armados?

MULEY.

Rei, Senhor, servem estas armas para defeza d'a-

quelles aos quaes já não basta para segurança do seu corpo descansar sob os tectos que cobrem a V. M.

BOABDIL.

Tresvarias, Muley?

MULEY.

Perguntai—ao valente Mura, porque haviam os seus Zegris de prender-me dentro do vosso palacio.

BOABDIL.

Dentro do meu palacio!

MURA.

Escutai-me Senhor.

BOABDIL.

Dentro do meu palacio!

MURA.

Temos a prerogativa de vingar-nos por nossas mãos do insulto que se nos faz! Jámais um dos nossos não foi ante os reis vossos antecessores clamar justiça contra os damnos que dos inimigos recebessem, nem reparação de injurias que musulmands ousassem fazer-lhes; porque descendentes dos reis de Cordova!

BOABDIL.

Descendesseis vós dos Kalifas de Bagdad, do rei de Fez ou de Marrocos, ou do grande Miramolim que conquistou as Hespanhas, de que descendem os nobres Mencerrages, ainda assim, meus senhores, ainda assim fôra incrível, inaudito, estupendo o vosso ar-rojo.

MULEY.

Ref...

BOABDIL.

Quem ousa interromper-me! Porque sabeis que sou rei benigno e indulgente, porque fecho os olhos para não ver os vossos desvarios, porque vos não sujeito com varas de ferro, julgais que podeis affrontar-me impunemente, e que basta para desculpar-vos lançar-me como em desafio que sois descendentes dos reis de Cordova! Rei de Cordova! Que foram elles? Bastava aos meus antecessores dar um passo aqui onde estamos para os fazer tremer e vacilar no seu throno. E o que não haveríamos de soffrer a elles, o que elles não ousariam praticar, commetter um desacato igual ao vosso, havemos de ó soffrer— a vós que não sois senão uns simplicies cavalheiros, que não sois mais que meus vassallos? Desenganai-vos, senhores.

MURA.

Perdoai-nos!

Boabdil faz-lhe signal com a mão que se retirem.

SCENA VI.

BOABDIL, ABEN-HAMET.

BOABDIL.

Tu o vês Aben-Hamet—fôra, o rei catholico, que avança sobre nós com todas as suas forças, e dentro a cidade que se divide em bandos,—os cavalheiros que reciprocamente se combatem, e o povo atterrado com os vencidos que de todas as partes nos chegam clamando

do justiça a Allah, que os não escuta, e pedindo vingança a mim que só tenho a minha vontade que oppor aquelles que fôra nos accommettem, e os cá de dentro que todos os dias nos enfraquecem.— Que mais posso fazer?—Oh! não, de balde me appellidaram os meus o desditoso, porque desditoso é por certo aquelle a quem Allah escolhe na sua cholera para presidir aos destinos dos povos em tempos de crise, e de provação!—E em tal momento me queres tu deixar?

ABEN-HAMET.

Que serviços podeis esperar de mim, fraco ignorado e desconhecido até por vós mesmo!

BOABDIL.

Os da tua amizade, Aben-Hamet: não és tu o meu unico amigo? o unico a quem me confio? o unico em quem descanço?

ABEN-HAMET.

As vossas palavras me impõe dobrada obrigação de partir, que não mereço os vossos favores. Sabeis donde venho? que fado é o meu? sabeis mesmo quem sou?

BOABDIL.

És meu amigo:—o mais que importa? Nascesses embora em uma cabana e de paes mendigos, tens um coração de rei! Amo-te, Aben-Hamet, porque foste o unico dos que me cercam que te atreveste a ler fixamente o meu pensamento no meu rosto: e onde encontrar outro como tu, se quando abro os braços para receber um amigo, cahem-me todos aos pés como se fossem escravos!

ABEN-HAMET.

Eu poderia dizer-vos que a amizade dos reis é perigosa, que os seus favores pesam, que não me sinto com animo de a merecer.

BOABDIL.

Mais valera não ter nascido sobre o throno, se elle tem de custar-me um amigo,—se não podes amar senão a um vencido, se não podes offerecer a vida senão a um prisioneiro!

ABEN-HAMET.

Eu vos mentiria se vos allegasse aquelles motivos: são outros que vos não posso confessar,—mas quam fortes sejam elles podereis julgar pela minha insistencia.

BOABDIL.

Escuta, Aben-Hamet, tens uma paixão occulta e violenta!

ABEN-HAMET.

Céos!

BOABDIL.

Tu amas!

ABEN-HAMET.

Senhor, que apreço podeis fazer dos sentimentos de um homem obscuro?

BOABDIL.

Não é o rei,—é Boabdil que se interessa pela sorte de um amigo: confessa.

ABEN-HAMET.

Sim, rei, eu amo!

BOABDIL.

Muito?

ABEN-HAMET.

Como se ama o combate, o fogo, o sangue!

BOABDIL.

E nada poderei fazer por amor de ti?

ABEN-HAMET.

Nada!

BOABDIL.

É o rei quem falla: Nada poderei fazer por amor
de ti?

ABEN-HAMET.

Não sou amado!

BOABDIL.

Hade amar-te, sim. Não tens fortuna talvez?

ABEN-HAMET.

Tenho.

BOABDIL.

Não tens nobreza?

ABEN-HAMET.

Tenho.

BOABDIL.

E não te ama! Também é nobre?

ABEN-HAMET.

Como eu!

BOABDIL.

Poderosa?

ABEN-HAMET.

Como eu! Mas já vos hei dito, Sr.; podereis dar-me
nome fortuna, poderio, — o que não podereis dar-me,
o que me faltou sòmente foi o seu amor!

BOABDIL.

E quem é?

ABEN-HAMET.

Não vol-o posso dizer.

BOABDIL.

Está longe?

ABEN-HAMET.

Agora muito longe de mim.

BOABDIL.

Entendo: queres viver onde ella mora.

ABEN-HAMET.

Enganais-vos, Sr.,—irei para muito longe della, para onde a não veja, para onde possa esquecer que a amei, e que me trahiram.

BOABDIL.

Tanto melhor, que ficarás entre nós.

SCENA VII.

OS mesmos e um PAGEM.

O Pagem entra e curva-se profundamente.

BOABDIL.

O que ha?

O PAGEM.

Senhor, um sancto derviz chegado ha pouco de Velez de Malaga, diz que tem noticias importantes a communicar-vos.

BOABDIL.

De Malaga dizes tu!—que entre sem demora!

SCENA VIII.

O REI, ABEN-HAMET, O DERVIZ.

DERVIZ.

Allahi te guarde.

BOABDIL.

Aproxima-te. Vens de Velez de Malaga?

DERVIZ.

Tu o disseste. rei.

BOABDIL.

O inverno vai adiantado: os christãos preparam-se para levantar o assedio: não é esta a boa nova que nos vens trazer?

DERVIZ.

Tristes novas, Sr.

BOÁBDIL.

Como! tristes?

DERVIZ.

Funestas devèra eu dizer.

BOABDIL.

Conclui: nós te escutamos.

DERVIZ.

Com as novas artes que os christãos empregam na guerra não valem forças, nem brios de guerreiros. --
Aplainaram montes para o transporte da sua artilliaría,

asséstaram-na contra as nossas mais fortes murallas que se esboroam como por encanto.—O genio da destruição os acompanha. Malaga cahiu em poder dos christãos.

BOABDIL.

E Comarez?

DERVIZ.

Rendida tambem.

BOABDIL.

E Bentomiz?

DERVIZ.

Assolada.

BOABDIL.

E as villas da Axarquia, os castellos das Alpuxarras.

DERVIZ.

Rendidas, saqueadas:—destruidas muitas, vencidas todas!

BOABDIL.

Allah Achabar! Deos não permittirá nunca que o crescente se offusque em presença da cruz, nem que por culpa dos homens se perca o reino dos descendentes do propheta.

DERVIZ.

Rei, lembras-te do teu hauroscopo?

BOABDIL.

Palavras loucas que nunca se haverão de realisar!

DERVIZ.

Revelação celeste!

BOABDIL.

Calla-te!

DERVIZ

Callar-me porque? Antes fallarei bem alto por que as palavras de Deos devem de ser escutadas por todos os homens.

BOABDIL.

Insensato! que mal me poderá vir das tuas palavras, ou porque me temerei eu de que te escutem! Vinde.

SCENA IX.

OS mesmos—CAVALHEIROS. DAMAS. PAGENS. luzes.

BOABDIL.

Elles te escutam: falla.

DERVIZ

Em vez de te vestires de sacco, de cobrires a cabeça com cinza—em vez de rojares noute e dia no pavimento das mesquitas para apylacar a cholera de Allab, que te ha condemnado de toda a eternidade, que fizeste, rei? Entregue á moleza e aos praseres dos sentidos, mandaste embellesar, pintar, doirar o teu palacio: mandaste procurar de longes terras novas flôres para os teus jardins, novas odaliscas para o teu serralho, e fechaste os olhos para não ver a tua miseria, e a punição que te está imminente. .—Os christãos te assaltam e tu não resistes! devassam as tuas

têrras e não despertas do teu lethargo!—tomam as tuas villas, as tuas cidades, as tuas fortalezas...

BOABDIL.

Prendei-o.

DERVIZ, guarda.

Escutai-me; na minha juventude uma voz me fallou ao coração, deixei o mundo, fugi do tracto dos fiomens, e no meio de serras aridas, e broncas penedias escolli a minha habitação. Vivi de raizes silvestres, tendo por leito o cardo e o tojo: macerei o meu corpo para que, purificado elle, se tornasse o meu espirito digno de ser visitado pelo espirito de Deos. Longe do mundo meditei nas vicieştudes da vida, e na sorte dos imperios, e pude ler no livro do destino porque era Allah quem guiava os meus olhos para que não cegassem, e quem esclarecia a minha intelligencia para que os pudesse ler. Musulmanos, quem de vós se atreverá a tocar no inspirado de Deos?

BOABDIL.

E um embusteiro! prendei-o.

DERVIZ.

Boabdil—escuta a voz de Allah, que te falla por minha boca. Os teus defensores—aquelles que te poderiam salvar seriam cobardemente assassinados por ti! Vergarás a tua cabeça com o peso das tuas culpas, porque partiste o pão e o sal com os inimigos de Maloma: transformarás o sceptro em punhal, e o teu throno cabirá minado pelo sangue de tantas victimas innocentes! E aquelles que te deveriam amar, a quem

amas—esposa—mãe, amigos, serão a origem, o instrumento, a causa da tua perdição!

BOABDIL.

É um louco: soltai-o!

DERVIZ, ao sair da porta com gesto solenne.

Chora Boabdil, perdeste o reino!

FIM DO 1º ACTO.

ACTO II.

ACTO II.

Camara no Harem da Alhambra.

SCENA I.

ZOROYMA, entrando.

São horas! elle não pode tardar cahindo no sophá depois de alguns momentos de silencio. Oh! meu pae, meu pae, que mal te fez tua filha para que a sacrificasses á tua ambição, depois de ter acoroçoado este amor que era a minha vida, e que neste momento me está dilacerando o coração!—Ibrahim vive! vive! e eu já não posso pertencer-lhe! vive, e vem exigir de mim satisfação do horrivel attentado!. Allah! que eu haja de tremmer na presença d'elle, cujos pensamentos eram meus, —cujo só desejo era possuir-me, cuja unica ambição era o meu amor! Desditoso! como não será terrivel a sua desesperação, se ainda conserva lembranças d'aquelle tempo d'innocencia e venturas, que juntos passamos, se ainda sente por mim aquelle amor tão grande que se não devera acabar nunca!—Não, convem que parta, que evite a minha presença que seja

feliz longe de mim, se em alguma parte o espera a ventura.—Terei desejos de voar aos braços d'elle, de matar as saudades que tive na sua ausencia; de dizer-lhe quanto o amei, quanto o amo ainda: doa-se embora o meu coração, mas permaneça muda como a pedra de um jazigo.—Dir-lhei-he que o nosso amor era uma chimera, uma illusão que se acabou,—que eu não devia, não podia guardar memoria sua, no throno em que me sento, entre as louçanias que me cercam... Mimosos sonhos da minha juventude, se ainda podeseis! imagens feiticeiras, doces pensamentos, illusões da minha infancia descuidada, se ainda podeseis voltar outra vez! *Ouvem se passos.* É elle! porque tremer assim —cia! coragem. *Abre a porta resolutamente.* Entrai!

SCENA II.

ZORAYMA. ABEN-HAMET.

ZORAYMA.

Foi vossa por certo a missiva que hoje nos entregaram da parte de um estrangeiro.

ABEN-HAMET.

Minha foi!

ZORAYMA.

Nós a recebemos: que quereis pois.

ABEN-HAMET, *bruscamente.*

Ver-vos!

ZORAYMA, *a parte.*

Ah! que ia eu fazer! *alto.* Fallai.

ABEN-HAMET, baixo.

Nem me reconhece!

ZORAYMA.

Fallai Ibrahim.

ABEN-HAMET.

Ainda sabe o meu nome!

ZORAYMA.

E porque havíamos esquecer o vosso nome, quando talvez precisais do vosso valimento!—Creio que algum tempo estivestes ausente de Granada—podia nesse intervallo ter-se alguém apossado dos vossos bens. É isto! silencio. Se assim é podeis contar que vos serão restituídos! O mesmo silencio. Tambem poderia ser que fosseis dos guerreiros que tomaram voz pelo velho rei; e que houveram de expatriar-se com as victorias de Boabdil. Mui ha que vos não viram na cõrte! O mesmo silencio. Ou talvez, quem sabe?—pretendeis algum posto elevado no exercito, a defesa de algum castello ou praça de guerra! fallai, que não tereis de balde reclamado a minha protecção: somos alguma coisa em Granada, e não nos taxareis d'inconsiderada se de ante-mão vos promettemos conceder-vos a graça que nos pedirdes.

ABEN-HAMET.

Não, já se não lembra de mim!

ZORAYMA.

Que devo eu suppor do vosso silencio? Por minha alma, senhor, creio que zombais da vossa rainha! Pedistes-nos uma entrevista que vos deveríamos ter re-

ensado, mas que vos concedemos por vos suppor mal tratado ou perseguido! e quando esperamos que nos digais o motivo que tivestes para nos fazer tal pedido, —quando em a nossa benevolencia vamos ao diante da vossa vontade, todo vos cobris de silencio e mysterio, como se nós—vossa rainha e senhora—devessemos tremer na vossa presença!

ABEN-HAMET.

É o mesmo accento, o mesmo rosto, —é o mesmo que a outra—só não tem o mesmo coração.

ZORAYMA.

Por Mafoma! só vos esqueceu que não soffreriamos que se abusasse da nossa condescendencia,—e que a um aceno, a um chamado meu accorreriam todos os guardas do palacio.

ABEN-HAMET.

Chamai-os.

ZORAYMA.

Sahi, Sr., sahi!

ABEN-HAMET.

Zorayma!

ZORAYMA.

Sou a rainha!

ABEN-HAMET.

Seja—haveis de me escutar, rainha.

ZORAYMA.

Não vos repetirei as minhas ordens: proximos vigiam os guardas do Harem!—tomai tento no que ides dizer!

ABEN-HAMET.

Grande foi o meu arrojô, pedindo-vos uma entrevista, porem maior foi a vossa imprudencia, rainha, recebendo uma missiva de amores, e vindo vós mesma abrir-me a porta dos vossos aposentos: Terei algum motivo de tremer na presença da minha cumplice!

ZORAYMA.

Era pois isso o que nos queries dizer?

ABEN-HAMET.

Contar-vos-hei a historia dos meus amores; historia simples e singela, onde liam presas todas as minhas illções, todas as minhas esperanças!

ZORAYMA.

E escolhestes-me para vossa confidente!

ABEN-HAMET.

A vós, não rainha! mas a ti, Zorayma, a ti que mais odeio agora do que out'ora te amei. Quando ereis simples donzella, que não tinhas o orgulho de rainha, mas sómente um coração de mulher—e já era muito— agora o vejo! então quando eu te amava, que já era o que sou—talvez mais—Ibrahim, o mais rico, o mais bemquisto dos Abencerrages—não era pouco:—disse-te eu por ventura, dei-te ao menos a entender, Zorayma, que outros dotes não tinhas alem da tua belleza e da tua innocencia?—Quando teu pae a pretexto dos meus verdes annos, rebaixando os meus feitos, que não erão todavia sem gloria, como que me recusou a tua mão, disse-lhe eu por ventura que era sobrado orgulho em um guerreiro como elle regeitar-me a mim, a quem o

ultimo rei concederia a mão de sua filha, se lha eu pedisse,—a quem Boabdil offereceria a mão de sua irman se advinhasse que era minha intenção pedir-lha? Não, julguei no meu amor que merecias maiores sacrificios e resolvi-me a partir!

ZORAYMA.

Allah! que martyrio o meu!

ABEN-HAMET.

Quando—da ultima vez que nos vimos, depois daquelles protestos que juntos fizemos, e que—tu primeira esqueceste. Zorayma, teu pae me surpreendeu quasi a teus pés, quando me apunhalou cobarde e traçoeiramente, amaldiçoei por ventura o teu nome? Leste alguma arguição nos meus olhos, quando me parecia que pela ultima vez os fechava sobre a terra?

ZORAYMA, parece ter estado com attenção para fóra da scena.

Sinto passos! talvez alguém nos escute.

ABEN-HAMET.

Mandae que se calem, que se retirem—vós podeis tudo!

ZORAYMA, vae .. janella: com ansiedade.

Parece que se aproximam: se alguém te viu entrar: foge, eu t'o supplico!

ABEN-HAMET.

Ainda não disse tudo! Volto e te encontro tão outra tão differente do que sempre foste, que me não reconheces, nem já me sabes comprehender. Que fiz eu?—Fallei-te dos tempôs de que já te não querias lembrar? perguntei o que havias feito dos teus juramentos?

disse-te que havias subido ao throno á custa d'um perjurio e d'uma infamia? Disse-te eu isso?—Não, quiz ver-te ainda nma vez, não sentada no throno, nem cercada das gallas da côrte que enganam tanto!— quiz ver-te, mas a sós, e ler no teu coração se ainda não houvesse mudado, se ainda nelle soubesse ler. Se te achasse infeliz, retirar-me-hia para longe, des-terrava-me a mim proprio, porque no meu desespero poderia dizer a mim proprio: «Ella tambem soffre!»— mas encontro-te feliz, valida, orgulhosa!

ZORAYMA, muito anciosa.

Foge Ibrahim, foge—é a ti a quem procuram.

ABEN-HAMET.

Que me poderão elles fazer!

ZORAYMA.

Foge, eu t'o supplico pelo que mais amas!

ABEN-HAMET.

A ninguem amo.

ZORAYMA.

Elles te matarão na minha presença.

ABEN-HAMET.

És rainha.

ZORAYMA, cahindo de joelhos.

Sou uma triste mulher que te supplica, e a quem estás neste momento assassinando.

ABEN-HAMET.

Retirar-me-hei. . . com uma condição.

ZORAYMA.

Falla.

ABEN-HAMET.

Descerás á meia noite aos jardins do serrallio:

ZORAYMA.

Porque motivo?

ABEN-HAMET.

Eu o quero.

ZORAYMA.

A que fim?

ABEN-HAMET.

Não te importa.

ZORAYMA.

Impões condições porque me não suppões com a corâgem de denunciar-te: fazes-me justiça, Ibrahim, mas é esse o modo porque se houvera de portar um cavalheiro? Batem.

ABEN-HAMET.

Ao menos morreremos juntos!

ZORAYMA.

Allah! não quiseste fugir! o que será de nós?

ABEN-HAMET.

Dize uma palavra só!

ZORAYMA.

É tarde o que poderás fazer.

ABEN-HAMET.

Dize: irás?

ZORAYMA.

Irei!

ABEN-HAMET.

Jura.

ZORAYMÁ.

Não te basta a minha palavra.

ABEN-HAMET.

Jura.

ZORAYMA.

Por Mafoma. Ibrahim abre a janella: Zorayma com terror: Que fazes?

ABEN-HAMET, da janella.

No jardim do serralho—á meia noute! Precipita-se.

SCENA III.

AYXA, ZORAYMA, comitiva.

AYXA, baixo.

No jardim do serralho! á meia noute!

ZORAYMA, procurando encobrir a agitação.

Certo, Senhora, que vindes bem acompanhada! Deverei suppor que vindes para uma simples visita quando tão extraordinario sequito vos acompanha?

AYXA.

Não vos atemoriseis, minha filha. Diseram-me que um extranho se havia introduzido em palacio: a quem procuramos. Não o vistes acaso?

ZORAYMA.

Não sei de quem fallais.

AYXA.

É que o não vistes. E de mais quem se atreveria a penetrar no Harem em risco de vida? não serieis vós

quem houvesseis de o consentir: illusão foi dos que m'o disseram ou algures o teriamos encontrado. Não tratemos delle: — tenho tambem que fallar-vos, Zorayma: permiti pois que vos ronbe alguns momentos. Convem que estejamos sós. *Faz signal que se retirem.* Sentemo-nos.

ZORAYMA.

Tendes muito que me dizer?

AYXA.

Não vos impacientes, é quasi um nada. Sentai-vos, minha filha.

SCENA IV

AYXA e ZORAYMA.

ZORAYMA. *sentando-se.*

Eu vos escuto.

AYXA.

Viveis por assim dizer fechada dentro do vosso Harem, e o que fóra d'aqui se passa deve de offerecer poucos attractivos a vossos olhos. Tendes assim toda a desculpa, se ignorais porque tormentos passamos, e em que funestas circumstancias nos achamos as vezes— nós a quem ou a sôrte ou a necessidade incumbiu de reger os destinos dos povos.

ZORAYMA.

Pouco entendo das vossas rasões, senhora: cançame e não me interessam.

AYXA.

Não vos cançarão, minha filha. Não-de até interessar-vos quando souberdes que se trata da salvação do reino e do throno de vosso esposo.

ZORAYMA.

E compete-me a mim, ou estará em meu poder salvar-o?

AYXA.

A vós talvez mais do que ninguem. Os hespanhoes marcham sobre nós vangloriosos de alguns triumphos passageiros, que tem alcançado; e o desacoroçoamento começa a lavar entre os nossos guerreiros. Boabdil ama-vos, apaixonada, loucamente mais do que um rei pode, mais do que deve.

ZORAYMA.

Senhora!

AYXA.

Eu vol-o repito. Mais do que pôde, mais do que deve: porque de que serve ser rei, senão para ser súpior ao commum dos homens? senão para contemplar de longe, de bem alto, as suas fraquezas, as suas vaidades, as suas ambições mesquinhas, que devem para elle passar desaperecidas? Occupado de tantos e tão graves interesses, que todos os dias sollicitam a sua attenção, o amor para elle deve ser como uma dessas necessidades, que Allah quiz infligir a sua natureza para que o não semelhassem de perto. Mas amar como ama uma odalisca! vêde se não seria isso um absurdo! O seu amor deve ser a gloria das batalhas,

o poderio, o imperio sobre os homens. para isso foram creados: e para que um só momento elles se não distrahissem da sua missão sublime, mandou Allah que as Odaliscas cingissem todo o seu amor entorno de uma fronte coroada de gloria, como um menino afagando as crinas de um leão, que por piedade o não dilacera.

ZORAYMA.

Mas, Senhora, se o amor de Boabdil é tal qual o dizeis, se não convem que assim seja, por que lhe não ides vós mesmo dizer isso! Elle que é rei poderá melhor dar peso ás vossas razões, e seguir os vossos ditames.

AYXA.

Porque, Zorayma?—porque julguei que estas razões valeriam mais passando por vossa boca; porque julguei que vos não recusarieis dizer-lhe: «Estou que me parecerieis melhor, muito melhor se de uma bandeira christã ganha por vós no campo da batalha, fizesseis um turbante para sobre ella assentar a vossa corôa que vacilla mal firme na vossa cabeça.

ZORAYMA.

E quereis que eu lhe diga isso?

AYXA.

Certo o quisera e tanto contava com o vosso auxilio, que mandei avisar meu filho em vosso nome de que lhe querieis fallar.

ZORAYMA.

Vós, Senhora?

AYXA.

Eu, sim; pois não fiz bem em contar convosco?

ZORAYMA.

Muito mal.

AYXA.

Pois que! não lhe haveis de fallar! ou fareis acaso fechar as vossas portas ao vosso rei que vos honra em visitar-vos?!

ZORAYMA.

Grande honra, Senhora. Bate no tympano.

AYXA.

Que fazeis?

ZORAYMA.

Mando abrir de par em par as portas dos meus aposentos para que seja recebido com quanta honra merece—mas não lhe direi senão..

AYXA.

Senão o que, minha filha?

ZORAYMA.

Que elle é o rei e senhor!

AYXA.

Não me comprehendereis nunca, Zorayma! Não vedes que algum motivo ha para que vos falle com tanta brandura? Não percebeis que eu, acostumada a mandar, não desceria a supplicas senão com a certeza de ser obedecida?

ZORAYMA.

Quereis que vos diga por fim o que percebo, Senhora?—percebo não sei que surda ameaça murmu-

rando em vossas palavras cheias de brandura: percebo que simulaes a força e o poder que não tendes,—que pretendeis afastar Boabdil para reinar em vez delle, percebo tudo isto: dispensai-me pois de acrescentar cousa alguma.

AYXA.

Louca, quem estava neste aposento?

ZORAYMA.

A rainha.

AYXA.

Rainha! e eu, Senhora?

ZORAYMA.

Já o não sois.

AYXA.

Imprudente, que se me aprouvesse agora... mais baixo. Que hia eu fazer?—Eu vol-o supplico, Zorayma: fazei o que vos peço—um simples pedido—que vos custa? Talvez suppondes incrível como este sceptro, que os reis de Granada sustentaram por tanto tempo, haja de calir no momento em que delle vos apossais.

ZORAYMA.

Nada mais vos digo.

AYXA.

Attendei-me. Sabeis se alguma cousa me custou pôr a corôa na cabeça de meu filho, e sental-o no throno de Granada.—Lutei contra seu pae que era um homem poderoso, um guerreiro, um rei—lutei e venci!—Vede agora se para conservar esta corôa e este throno empregarei menos esforços do que para

ganhal-o; ou se recuarei diante de uma mulher mais fraca, mais inexperiente que eu.

ZORAYMA.

Fazei o que vos aprouver!

AYXA.

Assim pois quereis ter-me por contraria?

ZORAYMA.

Antes que por amiga.

SCENA V.

OS mesmos UM EUNUCO entra e curva-se.

ZORAYMA.

Falla.

O EUNUCO.

Rainha, o rei se aproxima!

ZORAYMA.

Que se abram todas as portas. Bate no tympano entram as odaliscas.

AYXA.

Ainda uma vez, Zorayma!

ZORAYMA.

Ainda uma vez, Senhora, eu vos digo que tanto valem para mim os vossos rogos, como as vossas ameaças.

SCENA VI.

BOABDIL, AYXA. ZORAYMA.

BOABDIL.

Zorayma, sempre bella e meiga como a luz do romper d'alva, aqui me tens a teus pés. Doces me são estes momentos que passo contigo, nem horas mais felizes me correram nunca na anpulheta da vida.

AYXA.

Nem me viu!

ZORAYMA.

Senhor!

BOABDIL.

Porque sempre essa palavra? Se algum de nós obedece, não és tu! se alguém manda aqui não sou eu! Bem o sabes, és a minha rainha e senhora; outros desejos nunca tive que ver-te feliz!—outra ambição que o teu amor!

AYXA.

Allah vos guarde, meu filho!

BOABDIL.

Vós aqui!

AYXA.

Importuna-vos a minha presença?

BOABDIL.

Nunca, Senhora: nem podia ser esse o meu pensamento. Sei quam pouco sympathisam os vossos genios, em quanto seria eu bem venturoso se vos podés-

se ver unidas, vós—a pessoa que mais respeito — e Zorayma a quem mais amo.

ZORAYMA.

Era o que me dizia vossa mãe!

BOABDIL.

O que?

ZORAYMA.

Que me amaveis louca e apaixonadamente.

BOABDIL, á Ayxa.

Dissestes isso?

AYXA.

Disse-o!

BOABDIL.

E dissestes a verdade. A Zorayma. Não acreditaste em suas palavras?

ZORAYMA.

Como não aacredital-as com suas sobradas provas do vosso amor! Mas—é vossa mãe quem falla!—Senhor, um rei não pode não deve amar assim!—Nada mais faço que repetir as suas palavras.

BOABDIL.

Por Deus, Senhora. que ainda dissestes a verdade, quando as mulheres discorrem sobre os deveres de um rei, que resta a um destes senão amar como se fosse mulher?

AYXA.

E é isso o que vos perderá, Boabdil!—Tudo entregue a efeminados deleites mais do que o comporta a authoridade de um monarcha, não sentis que a terra

em que pisaes vacilla debaixo dos vossos pés, nem vedes os hespanhoes, que vem correndo pressurosos para desthronar-vos, arrancando-vos a corôa mal firme na vossa cabeça.

BOABDIL.

Senhora, por uma descuidada condescendencia de que mil vezes me tenho arrependido, consenti em levar mão de uma corôa para satisfação do vosso orgulho: soffri o imperio da vossa vontade, por tantos sacrificios como os que já haveis feito por mim, não pude recusar-vos o unico prazer que vos podia dar cumprindo os vossos desejos. Foi isto assim não o nego, nem o quero negar! O primeiro juiz das nossas acções somos nós! e quem quer que se arroja a censurar-nos, porque vivemos não como elles querem mas como melhor nos parece, incorre em pena capital! São estes os nossos direitos, que faremos respeitar por todos, quem quer que sejam, e ainda mesmo por vós!

AYXA.

Fazei-o Sr., que vos podereis gloriarse de ter ao mesmo tempo decapitado o throno de Granada!

BOABDIL.

Quero lembrar-me de que sois minha mãe, e só vos digo, que jamais consentirei em repartir com pessoa alguma o poder que aprouve a Allh confiar-me: podeis gravar estas palavras na vossa memoria.—Não vos detenho mais!

AYXA.

Eu me retiro,—mas antes quisera dizer-vos duas palavras.

BOABDIL.

Fallai.

AYXA.

Quisera que estivessemos a sós!

BOABDIL.

De tanta importancia é o que tendes a commu-
nicar-nos!

AYXA.

Vós o julgareis. Boabdil fica como irresoluto. Despedi-as se-
nhor!

ZORAYMA.

Se me permittis.

BOABDIL.

Sim, Zorayma: por um momento apenas: já te sigo.
Adeus. Zorayma sahe—a comitiva. Ide-vos! sahem.

SCENA VII.

BOABDIL e AYXA.

AYXA.

Extremamente delicado é o que tenho para vos
dizer, Boabdil; nem eu sei como vol-o diga—Atten-
dei-me e vede se o'podeis conjecturar das minhas
palavras!

BOABDIL.

Dizei-o logo, Senhora!

AYXA.

Que farieis se uma grande desventura vos acontecesse?

BOABDIL.

Não vos demoreis por quem sois!

AYXA.

Não a saberieis supportar com resignação? Não vos saberieis aproveitar dos males que Allah vos mandasse para vosso bem?

BOABDIL.

Sou rei; podeis fallar.

AYXA:

Tende coragem, meu filho!

BOABDIL.

Ha um seculo que vos estou escutando!

AYXA.

E se essa desventura não dissesse respeito ao vosso throno, mas ao vosso coração; se dissesse respeito não ao vosso imperio, mas ao vosso amor?

BOABDIL.

De quem fallais, Senhora.

AYXA.

Não o advinhais?

BOABDIL.

Ouvi.—Sois minha mãe;—comtudo objectos ha para mim tão sagrados que quem quer que nelles ouzasse tocar ainda de leve, mesmo vós, não incorreria em menor indignação da minha parte, que o impio que em minha presença blasfemasse do nome do propheta.—Agora podeis continuar!

AYXA.

Boabdil, quando abriste os olhos á luz da vida, a

única pessoa que velou sobre a tua infancia desvalida, fui eu:—quem sempre e incessante te protegeu, quem te elevou á posição em que te achas agora—fui ainda eu, nem desses extremos me peza, porque se eu podesse scismar melhor grandeza, se a podessem executar forças de creatura humana, eu o teria feito por ti, que és meu filho, e a quem amo mais do que a mim propria, mais do que talvez o imaginas. Pois em recompensa desse amor nunca desmentido, e desses desvellos aturados, dessa solicitude constante,—eu t'ó supplico, varre da tua alma a lembrança dessa mulher, que te não merecia o teu amor; e não esqueças, que para te consolar da sua perda ainda te fica a ambição da gloria e o poderio da magestade.

BOABDIL.

Escuto as vossas palavras como um som confuso de que se não pode perceber cabalmente o sentido. Parece-me que estais dizendo cousas extranhas, monstruosas, impossiveis, a que a minha intelligencia recusa prestar-se. Explicai-vos: que mulher é essa de quem fallais?

AYXA.

Revesti-vos de toda a vossa coragem, meu filho, mostrai que sabeis soffrer quando Allah permite que seja vossa mãe quem vos dê tão fundo golpe, para que ao mesmo tempo derrame balsamo sobre a ferida do vosso coração.

BOABDIL, querendo occultar a sua agitação.

Por minha alma! Não me vedes aqui socegado,

tranquillo á espera das vossas palavras? Não sei que antipathisaeas com Zorayma? Vossa imaginação vos terá illudido—ter-vos-hão enganado.

AYXA.

É Zorayma de quem fallo.

BOABDIL, vivamente.

Mas o que disse, o que fez, que crime lhe podeis imputar?—mais pausado, mas muito agitado. Bem vedes: nada tenho de cioso—estou tranquillo, descansado, indifferente: bem sei que Zorayma é fiel, mas se ella me trahisse!.

AYXA.

Ella vos atraicôa.

BOABDIL.

Zorayma!

AYXA.

É infiel.

BOABDIL.

As provas?

AYXA.

Eu o ouvi.

BOABDIL.

Quem ouvistes?

AYXA.

Achei um homem aqui fechado a conversar com ella.

BOABDIL.

É falso: se um amante aqui estivesse, ella não me quizera na sua presença. Foi ella quem me mandou chamar.

AYXA.

Fui eu, ella nada sabia.

BOABDIL.

Fostes vós!. — Quem era esse homem?

AYXA.

Não o vi: estavam fechados!

BOABDIL.

E não reconhecestes a voz?

AYXA.

Tambem não.

BOABDIL, com explosão.

E não tremestes, Senhora, de vir dar semelhante noticia sem me offerecerdes no mesmo instante largo pasto á minha vingança! E dizeis que sois minha mãe, que velais sobre mim, que velais sobre a minha tranquillidade! Um homem no meu serralho! vós o ouvistes, e não chamastes os meus guardas, não fistes arrombar as portas, não o assassinastes! Certo que eu vol-o agradecera: e vindes fria e calculadamente atormentar-me, quando não posso adivinhar quem seja o infame que assim me ultraja, quando não me vale ser rei para vingar-me!

AYXA.

Ainda pude ouvir estas palavras: Á meia noute, nos jardins do serralho!

BOABDIL.

Ainda bem! Bate no tympano.

AYXA.

Que fazeis?

BOABDIL.

Nada. Ao pagem que entra. Procura Aben-Hamet por toda a parte até que o encontres: dize-lhe que lhe preciso falar—que o espero: vai,—não te demores!

AYXA.

Assim vais communicar a um estranho, que mal conheces, um segredo que faria cabir a cabeça de quem quer que o possuísse!

BOABDIL.

Aben-Hamet é meu amigo.

AYXA.

De que data? Um forasteiro, talvez mercenario que encontraste no campo da batalha:—sabes quem é, donde vem—que familia é a sua?

BOABDIL.

Aben-Hamet é meu amigo, Senhora, é meu amigo! Em verdade que é inconcebível o prazer que tendes de me contrariar em tudo, de myrrhar as minhas affeições as mais queridas! Basta que os meus olhos procurem uma creatura, que o meu coração se incline a uma affeição agradavel, tenho logo a certeza de que vos heide encontrar quando menos o espere!

AYXA.

Pobre filho! sangra-te ainda o coração da ferida que recebeste e sobre mim recahe toda a tua cholera! Não me poupes, não! desabafa comigo todos os teus sentimentos, derrama no meu peito todas as tuas dores, e mitiga o pezar dessa illusão que perdeste. desse amor que tão pouco te merecia!

BOABDIL.

Já a não amo!

AYXA.

Bem, meu filho!—Se já a não amas, facil será esqueçel-a! Outros cuidados te devem occupar agora: empregar-te-has todo na segurança do teu reino, trabalho fastidioso, mas que sempre interessa por fim! Não me escutas?

BOABDIL., pensativo.

Zorayma infiel!

AYXA.

Ainda te lembras desse nome?

BOABDIL.

Lembro-me para vingar-me.

AYXA.

Não, para esqueçel-a; és rei e deves saber perdoar!

BOABDIL.

E soffro eu menos porque sou rei?

AYXA.

Não, mas tem mais vasta arena diante de si, deve ter outro animo, outras ambições, que a de ser amado por uma mulher!—Póde ser falsa a mulher que se ama,—pode ser trahidor o amigo que se presa sobre tudo,—sómente a gloria é estavel e duradoura, vai crescendo com os annos,—e nem no sepulcro nos abandona!

BOABDIL.

Tarda muito o pagem!

AYXA.

És novo, corajoso, valente: que futuro o teu, se a tua espada tornasse a reluzir nos combates, se te aprovesse procurar a gloria das batalhas!

BOABDIL.

É tarde!—Perdoai-me, careço de estar só. *Ayxa sahe.*

SCENA VIII.

BOABDIL., depois de largo silencio.

Trahir-me—é absurdo! impossivel! Parece que a tinha neste momento diante de mim, que a vejo qual sempre a vi formosa e deslumbrante, pura nas palavras, meiga nos olhos, doce nos movimentos, a encantar-me, a arroubar-me com a sua modesta singelleza! A fé que eu tinha em seu amor: a tranquillidade, o descanso, a placidez que eu desfructava a seu lado, esses não voltam mais! Não voltam, não!—E era de outro! toda de outro! era, sim, que de outro modo como poderia eu soffrer tanto! Eu dormia descuidoso em seu regaço sem que a sombra de uma suspeita me corresse o pensamento! era feliz, porque amava,—feliz porque acreditava em seu amor! Agora me está cá dentro esta suspeita a torturar-me o coração! Nenhuma certeza tenho, não creio, duvido ainda, mas a duvida—eis o que mata!—E não heide vingar-me! Acabem-se estas suspeitas,—morra embora o meu amor; porém o vil que me ultraja. acabe, morra tambem!—Heide

saber quem seja, heide alcançal-o ainda que se esconda nas entranhas da terra,—e quando eu o colher ás mãos, quando o tiver em meu poder,—quando lhe puder contemplar as feições, e lèr nellas toda a sua vilesa!.. Oh! minha vingança, porque tardas tanto?!

Batem. Entrai.

SCENA IX.

BOABDIL, ABEN-HAMET.

BOABDIL.

Aben-Hamet enfim!

ABEN-HAMET.

Aqui estou, Senhor.

BOABDIL.

Aproxima-te:---mais perto—escuta: fui gravemente ultrajado!

ABEN-HAMET.

Vós!

BOABDIL.

Eu mesmo!—Quero vingar-me.

ABEN-HAMET.

De quem Senhor?

BOABDIL.

De um homem!

ABEN-HAMET.

Porque antes o não entregais as vossas justiça?

BOABDIL.

A justiça sou eu!

ABEN-HAMET.

E que vos fez esse homem?

BOABDIL.

Ultrajou-me! Preciso do teu auxilio.

ABEN-HAMET.

Fallai.

BOABDIL.

Toma contigo os homens de que careceres: irás onde te eu mandar—prende os que lá encontrares...

ABEN-HAMET.

Eu o farei, Senhor.

BOABDIL.

Seja quem fôr, mesmo a rainha.

ABEN-HAMET.

A rainha!

BOABDIL.

É infiel.—Posso dizer-t'o a ti, que és meu amigo.

ABEN-HAMET.

Zorayma?

BOABDIL.

Já t'o disse: vai aos Jardins do serralho—a meia noite...

ABEN-HAMET.

Céos!...

BOABDIL.

Admiras-te!—Sim, tu que és generoso e leal não comprehendes como tanta baixeza se póde occultar

em um coração de mulher! Admiras-te, porque não podes conceber como a pessoa em quem mais descansamos nos atraicão cobardemente illudindo-nos, assassinando-nos com um sorriso!

ABEN-HAMET.

Triste e pênoso é o encargo de que me quereis incumbir!

BOABDIL.

É uma prova de confiança: accitas?

ABEN-HAMET.

Senhor—quantos outros se não dariam por muito felizes, se lhe quizesseis confiar este mandado?

BOABDIL.

E esses outros são meus amigos?—posso contar com a sua lealdade?

ABEN-HAMET.

E que interesse teriam em trahir-vos?

BOABDIL.

Ella porque o fez?

ABEN-HAMET.

Senhor, desculpai-me: porque não ides vós mesmo:—talvez fosse isso melhor.

BOABDIL.

Eu posso não saber conter-me quando os vir juntos: quero-os vivos—na minha presença—criminosos, timidos—réos de morte—sem que possam negar o seu delicto.

ABEN-HAMET.

Ainda uma vez, Senhor, desculpai-me..

BOABDIL.

Ausenta-te: já não careço de ti.

ABEN-AMET, baixo.

E não poder prevenir Zorayma! Boabdil vai encontrar-a ^{alto}. Senhor, não se dirá que uma só vez careceste de mim e que eu me recusei a servir-vos. Estou as vossas ordens.

BOABDIL.

Irás?

ABEN-HAMET.

Irei, Senhor.

BOABDIL.

Prende a quantos lá encontrares: não deixes nenhum fugir,—não mates a nenhum,—a nenhum, entendes? a nenhnm.

ABEN-HAMET.

Sereis obdecido.

BOABDIL.

Vai ^{Aben-Hamet sahe.} Oh! se estas suspeitas fossem falsas!

ACTO III.



ACTO III.

Jardins do serralho.—Uma moita de rosas brancas á direita: caramanchões no fundo com sahida por ambas as extremidades:—vê-se por cima das arvores e do lado esquerdo a parte superior da Alhambra.

SCENA I.

AYXA MULEY

AYXA.

Foi isto assim, Muley!

MULEY.

E ousarei eu perguntar-vos o que vos disse o rei?

AYXA.

Nada: mandou chamar a um desconhecido, um estranho, um aventureiro,—sei lá quem!—destas aves de bôa nova, que apparecem em tempos de bonança, a quem o rei chama seu amigo.

MULEY.

E sem razão, Senhora, são commissões de tal magnitude, que me parece que para ellas não ha prudencia de sobra, nem lealdade assás experimentada.

AYXA.

Sem razão, por certo.—Mal fez o rei, e sou eu em

que me peze a primeira a confessal-o: pois não acharia elle entre os que o cercam homens leaes, prudentes, e experimentados, de quem se podesse em toda a segurança confiar?—Tu, por exemplo, Muley!

MULEY, despeitoso.

Oh! não fallemos de mim, Senhora! Quem sou eu para que por um momento se dignassem de abaixar sobre mim os olhos do meu soberano? Alguns serviços lhe tenho prestado, é verdade, vós mesma o confessais: mas que monta isso?

AYXA.

Tudo, e bem o provaria, se elle, melhor aconselhado, se quisesse guiar pelo apreço que de ti faço.—Mas podes nesta occasião vingar-te de seu menospreso como se vingam os corações generosos. O mesmo acontecimento lhe fará ver, como espero, quanto vales, e por ventura que então te será feita justiça, como a mereces, e como eu de ha muito te faço.

MULEY.

Sois bondosa para commigo Senhora, e se me tendes em tão boa conta, é por que me apreciaes não pelo pouco que sou, que nada valho, mas pelos meus desejos em servir-vos, que são muitos.

AYXA.

Sabes o que te cumpre fazer?

MULEY.

Vós m'o dissestes.

AYXA.

Ainda t'o recommendo: distribue a tua gente em

silencio e com cautella,—que não façam rumor, que não despertem a attenção: do contrario sahiriam frustrados os nossos planos.

MULEY.

Descançai:—está isso feito.

AYXA.

Bem: conheces o uniforme dos guardas do rei?

MULEY.

Perfeitamente.

AYXA.

Quem quer que fôr trajado por diversa maneira—seja preso, impreterivel, necessariamente.

MULEY.

Se resistir!..

AYXA.

É criminoso: matem-n'õ.

MULEY.

E o chefe?—não dizeis que é um desconhecido, um estranho? como o reconhecerei?

AYXA.

Chama-se Aben-Hamet: elle dirá o seu nome.

MULEY.

Se o disser?.

AYXA.

Matem-n'õ.

MULEY.

Matal-o-hei, Senhora: mas quem me protegerá contra a cholera do rei?

AYXA.

Eu.

MULEY.

Sereis obdecida!

AYXA.

Triumpharei!—Isento deste amor que o deslustra, Boabdil terá tempo de ser rei, e os hespanhoes o encontrarão á frente dos nossos exercitos. Allah permitirá que elles sejam vencidos, e Granada é salva.

MULEY.

Salva,—ainda não; alguns cavalheiros de Calatrava foram vistos hontem a percorrer como que explorando o terreno, e dizem os que os viram bem de perto, marchando em silencio para melhor nos surprehenderem.

AYXA.

É verdadeira essa noticia?

MULEY.

É má, rainha: hade ser verdadeira, além de que as Atalayas dão rebate do inimigo em nossas terras.

AYXA.

As nossas murallas são fortes, teremos tempo de realisar o nosso intento: vai, sê deligente.

Sae Muley e Ayxa apoz elle por outro lado.

SCENA II.

ALHAMUR. ABEN-HAMET.

ALHAMUR.

Onde vais, Aben-Hamet.

ABEN-HAMET.

Onde me levam meus passos.

ALHAMUR.

Attende!

ABEN-HAMET.

A nada attendo.

ALHAMUR.

Escuta.

ABEN-HAMET.

Não.

ALHAMUR.

Lonco! que esperas encontrar aqui?

ABEN-HAMET.

O amor!

ALHAMUR.

A morte.

ABEN-HAMET.

Embora, heide cumprir meu fado!

ALHAMUR.

Véla nas trevas o punhal: seguro e firme o assassino escolhe o lugar da frida, calcula o golpe para o desfechar traiçoeiramente!

ABEN-HAMET.

Fira embora.

ALHAMUR.

Não dorme nunca a vingança, Aben-Hamet: tu offendes ao rei—teme—teme a sua cholera!

ABEN-HAMET.

Oh! pudesse este coração não ter outro sentimento

senão esse, pudesse minha alma não ter outro pensamento senão o ignobil receio da morte! Por grande que elle fosse, verias. Alhamur, verias que fragil barreira me seria a vingança implacavel do rei, comtanto que eu a pudesse ter um momento nestes braços—um momento só—que a pudesse suffocar de amor, de desespero e de ciumes, e arrastal-a commigo a presença de Allah tingida no seu e no meu sangue.

ALHAMUR.

Pois que outro receio podes ter?

ABEN-HAMET.

O de infamar-me!—A unica esperanza que me alumiaava, o fim unico da minha vida—roubaram-mos!

ALHAMUR.

Como! explica-te!

ABEN-HAMET.

Vais saber tudo! Quando ha pouco fallava com Zorayma no seu aposento, sentimos o rumor de passos que se aproximavam. Agora penso que talvez me procurassem, porque o rei a creê infiel, sem saber comtudo quem seja o seu amante. Então não me occorreu tal pensamento. Zorayma, que até ali se tinha mostrado orgulhosa e sobranceira tornou-se humilde e supplicante, e metade a instancias—metade a ameaças jurou por Mafoma de não faltar a esta entrevista. Era preciso retirar-me: a porta estava tomada, precipitei-me pela janella.

ALHAMUR.

Desgraçado!

ABEN-HAMET.

Nada me aconteceu.—Já me retirava a esperar que fossem as horas marcadas, quando um pagem do rei me trouxe uma mensagem da sua parte requerendo-me á sua presença!

ALHAMUR.

▶ Sabia tudo!

ABEN-HAMET.

Nada sabia! nem eu me assustei com isso: Se o rei alguma cousa houvesse suspeitado, haveria de me ter mandado alguns soldados que me prendessem, antes que um pagem com um simples recado. Obedeci.

ALHAMUR.

E viste-o!

ABEN-HAMET.

Vio-o. Sombrio, carrancudo, avaro de palavras, desordenado nos gestos, pude ver quam grande tempestade lhe hia lá por dentro empolando as ondas d'aquella alma irascivel e cinmenta! Vi-o e folguei! Soffri como um prazer que me retalhava o coração, mas que eu dera a minha vida por tornar a senti-lo, quando o vi tambem ralado por aquelles affectos, que são ha tanto o meu alimento de todos os dias. Tive remorsos depois.

ALHAMUR.

E o que te disse o rei?

ABEN-HAMET.

Incumbiu-me de velar sobre a sua honra!

ALHAMUR.

E acceitaste?!

ABEN-HAMET.

Estou aqui!

ALHAMUR.

Tu, Aben-Hamet.

ABEN-HAMET.

Bem o vês.

ALHAMUR.

Se de um Abencerrage me contassem que elle houvesse trahido a confiança de um homem, quem quer que elle fosse—peão ou cavalleiro—rico ou pobre—poderoso ou fraco—não o crêra nunca. Mas quando todos o praticassem jamais o acreditára de ti, Aben-Hamet, se neste mesmo instante não estivessem meus ouvidos escutando o testemunho vivo de quam differente estás hoje do que foste n'outro tempo.

ABEN-HAMET.

Tens razão: o homem de quem foste amigo, morreu já: os sentimentos generosos que elle tinha, que elle alimentava como uma segunda crença—esses morreram tambem.—Perverteram-lhe a indole, seccaram-lhe o coração, poluíram-lhe a alma,—gastaram quanto nelle havia de bom: que extranhas pois?—Vai—deixa-me lutar sozinho com o meu fado, quebra a nossa amizade, separa dos meus os tens destinos: sê feliz—adeos.

ALHAMUR.

Desleal é teu comportamento, e todavia não te posso faltar nesta occasião para que se não diga que te abandonei na hora do perigo, quando precisavas de um

peito que te servisse de escudo. Que fiques, que te retires—hei de seguir tens passos. Não queres talvez que se diga que esta amizade podia ser mais bem empregada.

ABEN-HAMET.

Venceste, amigo, venceste! mas não será inútil o teu sacrificio, fallarei a Zorayma, pois que já me não é possível evitar este colloquio. *Boabdil* salvou-a—dir-lhe-hei adeus e partirei para sempre: viva feliz entre as gallas e louçanias da côrte, que ella ama tanto,—viva feliz embora, e deslembada de mim, que máo grado meu, jamais me poderei esquecer de que a amei!

ALHAMUR.

Desditoso amigo!

ABEN-HAMET.

Bem desditoso, sim: que para vingar-me daria a minha vida, a minha salvação talvez—e eis-me fraco, sem poder, sem forças, porque um homem depositou em mim a sua confiança.—Não, não o trahirei jamais. Separemo-nos ainda uma vez, amigo—um breve instante sómente.

ALHAMUR.

No entanto velarei sobre ti.

ABEN-HAMET.

Eil-a: ausenta-te! Alhamur sahe.

SCENA III.

ABEN-HAMET e ZORAYMA.

ZORAYMA. *Entra lentamente: depois de alguns instantes de silencio.*

O que quereis, o que pertendeis de mim? *Aben-Hamet permanece silencioso.* Obrigastes-me por um juramento solemne a cumprir esta ordem vossa, e aqui vim ter em despeito de quanto me cerca, de quanto me ameaça, de quanto me devo a mim propria, ao meu estado, a minha condição. Aqui vim ter, affrontando perigos e obstaculos, usando fingimento e disfarce, palpando cautelosamente as trevas, temendo ao minimo arruido, ao minimo som que feria os meus ouvidos. Aqui vim ter, envergonhada como uma criminosa, e mil vezes arrependida de ter posto a minha confiança em vós, que tão pouco a merecieis. *Pausa.* Vim tambem para dizer-vos, Aben-Hamet, quam pouco digno foi o vosso comportamento, e quam deslealmente vos haveis portado para comigo. Julgava eu que carecieis do meu valimento ou que em alguma cousa vos podia ser util; porem jamais cuidei que me arrependeria de vos conceder esta entrevista que com tanto risco me pedieis. E o que fizestes vós, Aben-Hamet, esquecestes-vos de todas as leis da cavallaria, e vos aproveitastes d'aquelle ensejo para me impôr uma condição tão odiosa, que della me euvergonho, acreditai-o, mais por vós do que por mim. Era isto o que me pesava sobre o coração, e que me

importava a mim dizer-vos Ibrahim, para que fiqueis sabendo em que conceito vos tenho desde então.

ABEN-HAMET.

Se algum de nós devesse curvar-se de joelhos pedindo perdão de culpas em que pudesse ter cahido para com o outro, não julguei nunca que esse fosse eu! Ainda ha pouco ardendo em cholera, louco d'aquelle amor que m'inspirastes, era o meu só desejo vingarme, apagar em sangue o furor do meu ciume, porque antes vos quisera ver morta, apunhalada a meus pés, do que saber que ereis feliz nos braços d'outro.—No entanto, Zorayma, sou eu quem vos peço perdão, e esquecimento do passado.

ZORAYMA.

Confessais que não fostes cavalheiro! eu vos perdôo.

ABEN-HAMET.

Peço perdão de vos haver compromettido.

ZORAYMA.

A mim?

ABEN-HAMET.

A vós mesma: o rei sabe da nossa entrevista.

ZORAYMA.

Foge, desgraçado!

ABEN-HAMET.

Ah! tu me perdoas!

ZORAYMA.

Se soubesses como é terrivel a cholera de Boabdil, como é cioso e desconfiado no seu amor!

ABEN-HAMET.

Nada temas. Fui eu a quem elle incumbio de vigiar os teus passos.

ZORAYMA.

A vós, Sr.! e acceitastes?

ABEN-HAMET.

Para te salvar.

ZORAYMA.

Depois de me haver atraídoado!

ABEN-HAMET.

Não vos ireis contra mim, Zorayma: apenas temos alguns momentos, e eu preciso delles para explicar o meu proceder porque ainda renunciando ao vosso amor, não quero desmerecer para convosco. Se vos amei, prova-o a minha vida inteira desde o instante em que vos conheci, o meu voluntario degredo, a minha presença nestes lugares.—Entre as cicatrises do meu corpo talvez podesseis encontrar algumas menos gloriosas.

ZORAYMA.

Ibrahim!

ABEN-HAMET.

Não vos accuso. Digo-vos estas cousas porque parece que haveis deslebrado o meu amor e bem sabeis se eu vos amava! Imaginai, Zorayma, imaginai agora que terrivel me não foi aquelle momento, quando eu tranquillo, e seguro da vossa lealdade como de mim mesmo, ouvi que já ercis de outrem! O que fiz então não sei, —o que senti em que o quisesse não

vol-o poderia dizer! Tornado a mim d'aquelle espasmo de dôr que me tinha como alienado de mim mesmo, pensei que mais valera não vos tornar a ver, deixar-vos entregue aos vossos remorsos, se os—podesseis sentir, se recordações minhas alguma hora vos assaltassem! Zorayma quer interrompê-lo. Não me interrompa! Tanto tempo soffri commigo que agora sinto não sei que amargo prazer em avivar as feridas do meu coração que ainda goteja, e em vos dizer pela ultima vez que eu vos amava, como nunca foi amado ouri do propheta. — Muitas vezes do alto das Alpujarras vi correr na planice as hostes hespanholas, os cavalheiros de Aviz e S. Thiago, — tremulavam as bandeiras aos ventos, soavam trompas e clarins, o meu corsel nitria,—e eu no entanto indifferente áquelle magestoso espectaculo que tantas vezes antes me arrebatava, pondo a mão sobre o coração me convencia— ai com que dôr!—que mellhor que as espadas castelhanas me havia morto a vossa indifferença! Se estou aqui, não é minha a culpa,—mandei o ramo não sei como,—fui a entrevista irreflectida, irresistivelmente. — não vos apunhalei não sei porque.

ZORAYMA.

E tivestes esse pensamento?

ABEN-HAMET.

Admiras-te?

ZORAYMA.

Não, que antes o houvesses praticado.

ABEN-HAMET.

Zorayma!

ZORAYMA.

Antes, sim; que não me obrigarias a commetter este passo, com que fico parecendo criminosa aos olhos de todos, e de mim propria me envergonho.

ABEN-HAMET.

Perdoa-me, não foi essa a minha intenção.—Quando no meio das gallas da tua côrte saboreasses a longos tragos o perfume da realesa, eu quisera sómente que os teus olhos me descortinassem n'um canto, quasi nas tervas, sombrio, carrancudo, arguindo-te com o meu silencio, ameaçando-te com a minha presença—isto só—e que então te vexasses comtigo mesma, e que por fim conhecesses quam pouco vale o throno, que se adquire a custo de um perjurio. Se conseguisse intornar uma gota de absyntho na taça dos teus prazeres,—esta só vingança me bastava.—Mas desejar procurar que uma nodoa infamante manchasse a reputação da mulher, que nma vez julguei digna do meu amor, não, nunca foi meu tal pensamento. Involuntariamente te causei todo este damno perdoa-me, adeos!

ZORAYMA.

Partes?

ABEN-HAMET.

Para sempre.

ZORAYMA.

Para onde?

ABEN-HAMET.

Para longe.

ZORAYMA.

Quando?

ABEN-HAMET.

Cedo—tanto que o poder—talvez amanhã, talvez esta noite.

ZORAYMA.

E se eu te revelasse um segredo.

ABEN-HAMET.

Guarda-o contigo.

ZORAYMA.

No ultimo momento em que nos temos de ver, ser-me-hia demasiadamente penoso ficar com uma cousa sobre o coração, que a ninguem mais posso commu-
nicar. Vou dizer-t'a, Ibrahim.

ABEN-HAMET.

Não a quero saber.

ZORAYMA.

Quero-a eu dizer, porque se no teu desterro te pôde ser de alguma consolação saber que sou desditosa, que vivo amargurada,—alegra-te, pouco terás de soffrer.

ABEN-HAMET.

Tu infeliz, Zorayma?!
 4

ZORAYMA.

Soffro porque fui obrigada, constrangida a pertencer a outro, e no entanto agora me está parecendo que com mais algum esforço o poderia ter evitado! Soffro como nunca soffreste porque sou culpada a teus olhos, soffro porque a cada dia, a cada hora, a cada instante, sou obrigada a compôr o meu semblan-

te, a dizer palavras que não sinto, a sorrir-me quando minha alma se despedaça,—a ouvir protestos de amor, a que devo responder com afagos, quando me está pedindo o coração de calir-lhe aos pés e de pedir-lhe entre soluços que me não assassine mais com as suas palavras chorando no seio de Aben-Hamet.

ABEN-HAMET.

Anjos do céu! onde estão os meus sofrimentos que já os não sinto agora.

ZORAYMA.

A ti, a ti só amo, a ti só quero, a ti só desejo sempre: tua foi sempre minha alma, teu meu coração, a minha vida é tua! Foi teu —o meu primeiro suspiro de amor, os meus extasis, os sonhos da minha juventude. Será teu o ultimo pensamento da minha alma, o ultimo som dos meus labios, o ultimo lampejar dos meus olhos, o ultimo arfar do meu coração. Meus desejos, minhas saudades, meus pensamentos, minha vida, minha morte, são teus, sou tua!

ABEN-HAMET.

Alah! porque me não fulminas deste momento?!

ZORAYMA.

Repelle-me dos teus braços que não tenho forças para me tirar delles! Parte, parte, sem demora,—deves partir, bem o vês. Puz-me á mercê da tua honra, e não te poderia resistir depois desta confissão. Sou mulher, sou fraca e te amo.

ABEN-HAMET.

Insensata! queres que en parta, e dizes-me essas

palavras que me enlouquecem, e apertas-me contra o seio que me abrasa. e encostas o teu rosto ao meu para que eu veja os teus olhos. e sinta o teu halito. e encontre os teus lábios!

ZORAYMA.

Piedade: compadece-te de mim! Ouve-se rumor. Céos!...

ABEN-HAMET.

O que te assusta?

ZORAYMA.

Rumor,—não ouviste?...

ABEN-HAMET.

Nada ouvi!

ZORAYMA.

Ali n'aquella moita de rosciras.

ABEN-HAMET.

Foi illusão.

ZORAYMA.

Um som de passos, ouvi distinctamente.

ABEN-HAMET.

Não vês como tudo dorme? corre a noite serena. não luz uma estrella—tudo repousa—tudo dorme,—sòmente a viração da noite sussurra na folhagem. Vem, Zorayma: estamos sós,—ninguém nos ouve.—ninguém nos vê.

SCENA IV.

OS mesmos e ALHAMUR.

ALHEMUR, entrando precipitadamente.

Foge! foge!

ZORAYMA, cobrindo o rosto com o véo.

Ah!

ABEN-HAMET.

Que temes Alhamur?

ALHAMUR.

Armaram-te uma horrivel cilada, o jardim está cheio de guardas.

ZORAYMA, desfalecendo.

Eu morro!

ABEN-HAMET.

Zorayma! Zorayma!. sem sentidos. Depressa, Alhamur, sahe-lhes ao encontro que não cheguem até aqui. Alhamur sahe. Zorayma!. véo maldito! Arranca o véo e lança-o por terra torna a ti! Maldição divina! cil-os que se aproximam!

ZORAYMA.

Quem me chama?

ABEN-HAMET.

Sou eu,—Ibrahim.

ZORAYMA.

Ah!. fujamos! fujamos!

SCENA V.

MULEY HASSAN—ZEGRI.

MULEY.

Então o cavalheiro?!

O ZEGRI.

Fugiu.

MULEY.

Cobardes! tantos contra um e o deixastes fugir!

O ZEGRI.

Mas se era um abencerrage.

MULEY.

Estás certo disso?

O ZEGRI.

Marlota branca!

MULEY.

Bem: onde estavas tu?

O ZEGRI.

Naquella mata de roseiras!

MULEY.

Um véo! depois de ter examinado. Oh! fortuna! guarda-o no
seio. E ouviste?

O ZEGRI.

Quanto diziam.

MULEY.

E viste?

O ZEGRI.

Beijavam-se.

MULEY.

Muito bem. Ouve-se estrepito de armas. Vê que arruído é aquelle. O zegri sae. O véo de Zorayma! certo que não perdemos tudo.

SCENA VI.

ABEN-HAMET, MULEY, SOLDADOS.

ABEN-HAMET.

A tua espada!

MULEY.

A minha espada! tens acaso direito para m'a pedir.

ABEN-HAMET.

Estás preso!

MULEY.

À ordem de quem?

ABEN-HAMET.

Do rei.

MULEY.

Mas de que me accusam?

ABEN-HAMET.

De te haveres introduzido furtivamente nos jardins do serralho.

MULEY.

Mentiram.

ABEN-HAMET.

Talvez!

MULEY.

Provo-o.

ABEN-HAMET.

É inutil.

MULEY.

Tomae a minha espada, cavalleiro, mas escutae-me
Esse a quem procuraes foi a pouco encontrado pelos
meus soldados.

ABEN-HAMET.

Quem era?

MULEY.

Não sei ainda, mas havemos de descobril-o.

ABEN-HAMET.

Tanto melhor para ti.

MULEY.

Ouvi-me!

ABEN-HAMET.

Sei quanto basta: levai-o!

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV.

ACTO IV.

Sala do juigamento.

SCENA I.

BOABDIL lendo.

«Senhor.—Percorri todos os jardins do serralho, a
ninguem encontrei senão Muley Hassan com alguns
soldados, que parecia andar na mesma deligencia:
prendi-o segundo a ordem que me dêste e poderás
interrogal-o. Elle affirma ter visto um individuo que
escapára á sua escolta. Por mim não creio que lá hou-
vessem outros além delles e dos que me acompanha-
vam. Nada mais sei, nem vi. Tranquiliza-te, ó rei.
Zorayma é innocente. *Aben-Hamet.*»—Nunca palavras
mais amigas poderiam pronunciar os teus labios, Aben-
Hamet—nem me poderias dar outra noticia mais agra-
davel. Bom amigo, bem hajas tu que assim me isen-
tas de cuidados avigorando-me este amor sem o qual
me seria a vida um martyrio insupportavel. Pobre Zo-
rayma! Cego e louco fui eu em dar ouvidos a mal fun-

dadas suspeitas, que por um momento enturvaram esse brilho da existencia que me luz dos teus olhos: deveria ouvir-te, mas a ti sómente, deveria crêr, mas só em ti, que és a minha felicidade, e junto a quem não tenho coração para soffrer, senão para amar! *Bate no tympano.*

SCENA II.

BOABDIL, e um EUNUCO.

Dize a rainha que a espero, não—dize-lhe antes que eu desejaria fallar-lhe, que eu lho peço. *O Eunuco sahe.* Quanto amor, quantos desvellos me não serão precisos para apagar a lembrança de ingratidão tão feia? Oh! Zorayma, foi-me preciso cahir em tal fraqueza para conhecer quam fundamente imperas neste coração.

SCENA III.

AYXA BOABDIL.

Venho pedir-vos justiça. Senhor, e espero que m'a fareis! Fui atrocmente insultada por algum dos que vos servem, e que dizia cumprir assim as vossas ordens: era impossivel ainda quando determinasseis quebrar o instrumento da vossa grandeza, não deverieis nunca rebaixal-o, porque seria rebaixar-vos a vós mesmo na minha pessoa.

O ser eu vossa mãe não é razão bastante para que

os vossos escravos zombem e menosprezem o meu nome--para que me insultem impudicamente na vossa côrte?

BOABDIL.

Por Deos, Senhora, de que vos queixais?

AYXA.

De que me queixo? Um homem em quem deposito a minha confiança, um guerreiro que ha tantos annos nos tem servido lealmente, a mim com os seus conselhos, e a vós com a sua espada e com o seu sangue, foi preso hontem á noite pelos vossos guardas, porque o julgaram suspeito! Julgaram-no suspeito, quando a estima que delle faço publicamente, e não de agora, deveria ser documento bastante da sua fidelidade para com o seu soberano! Ora acontece que pela primeira vez o meu nome foi pronunciado debalde em Grauada--e é admiravel, Senhor, que isto aconteça logo no vosso reinado! Notai que entre mim e vós não é tão grande a distancia que vos julgueis seguro quando principiam a desacatar-me!

BOABDIL.

Quem é esse homem?--quando e porque o prenderam? dizei-o breve, que folgaremos de fazer justiça sobre esse quem quer que foi, que ousou offender-vos.

AYXA.

Chama-se Muley Hassan: prenderam-no.

BOABDIL.

Muley Hassan! foi preso nos jardins do serrallio, não é verdade?

AYXA.

Assim foi.

BOABDIL.

E dizeis que lá estava por ordem vossa?

AYXA,

Por minha ordem.

BOABDIL.

E o que fazia Muley Hassan nos jardins do serralho hontem á noite?

AYXA.

Velava sobre a vossa honra.

BOABDIL.

Sobre minha honra!. Escutai-me, Senhora, e sejam estas as ultimas palavras que entre nós se hajam de pronunciar sobre semelhante assumpto. Em quanto vos contentastes de dispôr das substancias dos meus thesouros, das fortunas e vidas dos meus vassallos, de nomear governadores para todos os meus castellos e fortalezas, de nomear juizes para todas as alçadas, de levantar soldados e subsidios, de fazer paz ou guerra, como melhor vos parecia,—consenti que reinasseis em meu nome e que em tudo e por tudo obrasses livremente segundo o vosso talento. Consenti-o, ainda que por vezes dir-vol-o-hei por fim, as vezes me doia n'alma de ver como contra mim se indispuham os meus vassallos; e que eu houvera de incorrer na censura de quantos actos vos lembrasseis de praticar.—Mas isto vos não bastava! quizestes sujeitar-me a um jugo de ferro, escravisar-me como um Nazzareno,—

não me permittiste mesmo aquillo que se permite aos homens das infinitas classes, ao mais miseravel de todos—aquillo que nem o Cádi nos tribunaes, nem o Muezzim nas mesquitas podem tolher a crente algum—a liberdade de amar livremente.—Não me posso vingar de vós que sois minha mãe—mas pois que tivestes a imprudencia de escolher um cumplice!...

AYXA.

Senhor!

BOABDIL.

Dai-lhe o nome que vos aprouver!—Um homem que se encarregou de vellar sobre a minha honra!—como se ella tivesse necessidade de ser guardada por esse modo e por homens taes como esse!—como se ella podesse ser manchada pelo que diz um espião ter visto ou ouvido para fins que devem ser bem infames visto que carecem de tantos subterfugios.—Difficilmente me esqueço dos serviços que me prestam, mas tambem difficilmente perco a lembrança do que uma vez me offendeo! Percebeis isto?

AYXA.

Não vos entendo.

BOABDIL.

Digo-vos, Senhora, que ha segredos que matam, e que é perigoso o mister de confidente.—Não contente de me haverdes induzido ao mais deploravel de todos os erros, ides ainda assoalhando por quantas pessoas conheceis que tive a fraquesa de vos querer, irrogando a uma pobre e inoffensiva creatura a mais cruenta

injuria que se pode fazer a uma mulher! E vindes pedir-me justiça quando fui eu o offendido,—vindes queixar-vos de um desacato, quando o desacatado fui eu.

AYXA.

Fostes desacatado, é certo, mas não menos razão tenho para me admirar da injuria que soffrestes que da vingança que pretendeis tomar! Como! por que uma mulher vos atraiçôa, julgais que sobre todos igualmente deve recahir a vossa cholera—sobre mim que vos revelo o engano em que vos tinham—sobre Muley, que não fez senão servir-vos lealmente ainda incorrendo no vosso desagrado?

BOABDIL.

Ainda persistis na vossa accusação?

AYXA.

Se persisto! E havia eu de retratar-me só para vos comprazer?

BOABDIL.

Jurai-o!. Não, vós não! Hassan! -- Guardas! Entram alguns soldados. Trazei Muley Hassan á minha presença. Os soldados sabem. Esse que o diga, que o affirme, que o jure; condemnada seja sua alma por toda a eternidade, e tão inexoravel lhe seja o propheta como eu que não heide perdoar o seu crime.

AYXA.

E condemnada seja eu tambem.

BOABDIL.

Calai-vos, Senhora, calai-vos.

AYXA.

Condemnada seja eu por toda a eternidade.

BOABDIL.

Não tenteis a justiça divina!

AYXA.

Se não ouvi distintamente a voz de um homem que fallava com Zorayma, fechado a sós com ella no seu aposento.

BOABDIL.

Allah! não lbe escuteis este perjurio!

AYXA.

Louco! não vos disse eu que os onvi!---ouvi-os como vos oiço, e tão incrível me pareceo tal arrojo, como agora me parece a vossa cegueira! Mas se vos não bastam as minhas palavras, os meus juramentos, se preferis o testemunho de um miseravel, eu vos mostrarei aquelle dos vossos eunuchos que se incumbio de levar o ramalhete do desconhecido, em que se pedia uma entrevista a Zorayma.

BOABDIL.

E esse eunucho?

AYXA.

Está preso.

BOABDIL.

E ainda vive.

SCENA IV.

OS mesmos UM PAGEM.

PAGEM.

A rainha!

BOABDIL.

Não entre, não quero vê-la,—não poderia supportar a sua presença.

SCENA V.

OS mesmos e ZORAYMA.

ZORAYMA.

Senhor!

BOABDIL, asperamente.

Que viestes aqui fazer?

ZORAYMA.

Um recado que recebi de vossa parte.

BOABDIL.

Mudei de vontade!

ZORAYMA.

Retiro-me, senhor. Vai para sahir.

BOABDIL.

Zorayma! . . . Ella volta-se. Perdoai-me.

ZORAYMA.

O que, senhor?

BOABDIL.

Não era isso o que vos queria dizer! Não sei o que digo.—Escutai-me: não é o rei, é um amigo quem vos falla respondei-me singelamente.

ZORAYMA.

Eu vos escuto.

BOABDIL.

Depois que Allah e vosso pae me deram possuir-

vos, jurei a mim mesmo empregar todos os momentos da minha vida em cumprir os vossos desejos, em fazer-vos senão feliz, ao menos tão afortunada quanto uma mulher o pudesse desejar.

ZORAYMA.

Porque me dizeis isso, Sr.?

BOABDIL.

Porque?!... porque talvez não tenha feito quanto me tinha prometido, quanto vós mesma poderíeis ter esperado de mim. Por isso vos pergunto: Tendes encontrado no meu palacio o agasalho que esperaveis? Faltei jámais com as attentões que devo ao lugar que junto a mim occupais, com os desvellos de um homem extremoso com a solicitude que merece o vosso amor.

ZORAYMA

Sempre vos houvestes como um rei.

AYXA com voz surda.

Como um nazareno!

BOABDIL. Depois de ter fitado Ayxa por alguns momentos.

Como um nazareno, poderias dizer. Zorayma: por que foi entre elles que vi praticado aquelle trato gentil e honesto galanteio, que já o vosso amor me havia feito adivinhar. Não era muito tratar-vos como um rei, bem o vedes.—Contente de vos amar, de vos possuir,—feliz e venturoso de vos ter a meu lado, de vos ouvir sempre, facil me seria esquecer-vos, por cuidar sómente da minha ventura,—de julgar-vos feliz e satisfeita só porque eu nada mais desejava!

ZORAYMA.

Acaso me queixei eu?

BOABDIL.

Não vos queixastes nunca: digo isto por dizer: sei que sois bôa e generosa, mas já vol-o disse: Não é o rei, é um amigo quem vos falla respondei-lhe francamente. Poderia alguma vez na nossa vida intima, sem querer sem pensar, sómente porque algum cuidado me preocupasse a fantasia, porque algum pensamento me estivesse dilacerando o coração, ter-vos dito alguma palavra. talvez o não saibais?!... Ha palavras que se engastam n'alma como a ferrugem na lamina de uma espada: crescem, tomam corpo, avultam com o tempo, não se apagam, não se esquecem nunca.—Acaso vos disse eu algumas destas palavras—poderia ser—lembrai-vos!

ZORAYMA.

Não; mas permiti..

BOABDIL.

Ainda uma pergunta: tendes confiança no meu amor?

ZORAYMA.

Senhor!

BOABDIL.

Bem vejo, duvidaes!...

ZORAYMA.

Nunca me deixastes duvidar.

BOABDIL.

Bem. Assim que, Zorayma, se vos chegasseis a persuadir de que vos era impossivel a felicidade pas-

ando a vida a meu lado. deixai-me concluir—se entissemos brotar, enraizar-se em vossa alma um sentimento irresistível por alguém ou por alguma cousa, eríeis confiança em mim, não é verdade? Bem sei que os affectos não se governam: não ha contra elles vontade, nem esforços que valham. Nós outros os mulumanos muitas vezes nos desquitamos das nossas esposas, o que outros fazem por mero capricho, por que não o faria eu por amor? Sou bom, procuro ao menos ser bom para com todos,—e a vós Zorayma ainda que muito me custasse, ainda que me fosse de grande sacrificio, o que me pedireis vós que eu houvesse de vos negar.

ZORAYMA.

Perdoai-me, Sr., vejo que me tratais com a bondade que sempre usastes para commigo; mas ha nas vossas palavras alguma cousa que não comprehendo. Se vos dignasseis de explicar-vos melhor!

BOABDIL.

Digo-vos que se assim vos houvesseis portado, seria esse comportamento de uma alma grande e generosa, que não sabe trahir a confiança de ninguém, nem posergar os seus mais sagrados deveres!

ZORAYMA.

Rei, sou vossa escrava, porque insultaes-me quando não facilmente me podeis fazer morrer.

BOABDIL.

E ai de vós, Zorayma, ai de vós se vil e indignamente zombastes da minha credulidade! Ai de vós!

porque en mesmo com estas mãos, que só me peza de as não poder despedaçar porque tantas vezes vos apêrtaram cóntra o meu seio, convertido em odio o amor grande, que outr'ora senti por vós— aqui neste momento, com a primeira arma que no meu furor encontrasse

Arranca o punhal.

ZORAYMA, com terror.

Boabdil!

BOABDIL, deixa cahir a arma: para AYXA.

Oh! ella é innocente! vede que ella é innocente! Em vão mil sentimentos contrarios se debatem furiosos nesta alma, que os ciumes, a cholera, a vingança tão crnamente despedaçam. Ainda retinem em meus ouvidos as vossas palavras, mas quando todo o mundo se alevantasse para me^s attestar a sua inconstancia, a sua infidelidade — um poder occulto que tão alto a defende no meu coração, eternamente me estaria clamando aqui dentro com voz que não posso deixar de esentar: Ella é innocente.

AYXA.

Lembra-te do meu juramento.

BOABDIL.

Pobre Zorayma! Sabes de que elles te accusam? de mil cousas monstruosas, nem en mesmo sôei dizer-te quaes sejam! Defende-te, dize que nada viste, que nada sabes, acreditarei o que disseres. Não, nada digas! Como podia por tanto tempo viver tranquillo, se tu me fosses falça! Como tanto prazer sentia de achar-me a sós contigo, se me trahias! Nada digas: em tempos

mais felizes por ventura que me agradecerás de haver eu sózinho acreditado na tua innocencia nesta dura provação porque passamos agora.

AYXA.

O Eunucho recebeu a grinalda Muley Hassan os viu!

BOABDIL.

Pois vós Muley Hassan, e eunucho, todos! mudando de tom. Oh! minha mãe, se soubesseis como eu vivia tranquillo antes que me viesseis despertar do meu lethargo! se soubesseis como venturosos me corriam todos os instantes da vida! não me virieis roubar este alegre engano d'alma, em que eu vivia tão ditoso e ha tanto tempo! Embora fosse falsa. eu era feliz, que me importava o resto?

AYXA.

Rei fraco!

BOABDIL.

Chamai-me antes cruel, Senhora; porque se não me poderdes convencer a ponto que eu não possa duvidar da minha deshonra, lembrar-me-hei que sou rei para punir-vos, como vos esquecestes que creis minha mãe para me fazer soffrer tantos tormentos. Destes exemplos, e por motivos menos ponderosos, estão cheias as nossas historias. Fostes vós quem primeiro solicitastes a nossa justiça—ainda bem—que não tereis de queixar-vos se a torre que minais com tanto custo, desabar enfim sobre a vossa cabeça!

SCENA VI.

OS *mesmos* e um PAGEM.

O PAGEM.

Muley Hassan!

BOABDIL.

Que entre.

AYNA.

Em fim!

O pagem sahe.

BOABDIL.

Vou saber a verdade!

ZORAYMA.

Rei, fortes e poderosos são os meus inimigos,—eu sou fraca e só.

BOABDIL.

O meu amor te defende.

ZORAYMA.

Embora! Quando elles na vossa presença levantarem a voz para me accusarem, não serei eu quem lhes responda: não quero que diante de mim se acobardem, nem tomar-lhes o campo para as suas arguições.

AYNA.

Ficai, rainha!

ZORAYMA.

Vi-os muitas vezes affadigados armando laços a meus pés, — despondo-os cautelosamente para que nelles me

embaraçasse. Poderia frustrar as suas maquinações, fazendo reverter sobre elles os damnos de que me ameaçavam. Era trabalho de mover o braço, ou quando muito de vos dizer uma palavra: nada fiz. Que me prestava isso? Esta vida minha tão cançada que vos pertence, se a não defendeis vós, Senhor, deixai-a que também eu a não defenda.

BOABDIL.

Travo de lagrimas sinto eu nas palavras que me fallas: seja-me Allah testemunha de quanto ellas me pesam, melhor testemunha ainda de que te não hão de affligir impunemente. *Zorayma sahe.*

SCENA VII.

BOABDIL. AYXA, MULEY HASSAN.

MULEY.

Aqui estou Senhor.

BOABDIL.

Aproxima-te. *Senta-se.* Tens de me fazer uma denuncia.

MULEY.

Rei, antes se poderam chamar revelações de um yassallo, que tem servido os primeiros cargos junto á pessoa de V. M.

BOABDIL.

Escravo, um espião só denuncia.

AYXA.

Embora, Senhor: maior obrigação lhe ficais deven-

do, se elle para bem vos servir não se recusou a descer tanto.

BOABDIL.

A quem interrogo?—Sabes que alcance poderão ter as tuas revelações?

MULEY.

Conjecturo.

BOABDIL.

Sabes contra quem as dirigis?

MULEY.

Sei.

BOABDIL.

Sabes que estimo essa pessoa; que a amo; que a injuria commettida para com ella, reputarei feita a mim proprio?

MULEY.

Tambem sei.

BOABDIL.

Bem, agora escuta. Tenho provado a tua fidelidade, tens-me servido lealmente, mas apesar de tantos serviços, que castigo merecias tu, se um dia me apon-tasses um alfange ao peito?

MULEY.

A morte.

BOABDIL.

E terás a morte se eu descobrir a minima falsidade nas tuas asserções. Não creias que rasões fingidas, allegações especiosas possam depois do teu delicto, apagar o meu justo resentimento, ou torcer a minha

justiça. Serei inexoravel para com o culpado, seja quem fôr. Mas se preferes callar-te, retira-te. Julgarei que foste constringido a praticar uma acção menos airosa para um guerreiro, e que melhor aconselhado te retractas. Serei indulgente em favor dos teus serviços, esquecer-me-hei do teu erro, perdôo-te.

MULEY.

Senhor, morrerei satisfeito se ainda a custo do meu sangue vos puder convencer que sou verdadeiro e desinteressado.

BOABDIL.

Falla.

MULEY.

Incumbido de rondar os jardins do Harem, introduzi-me furtivamente para haver de observar o que ali se passasse.

BOABDIL.

Sei isso!

MULEY.

Um dos que me acompanhavam, ouviu alguns passos distante de si, duas vozes que conversavam naturalmente como segnos de que ninguem os espreitava.

BOABDIL.

Que mais?

MULEY.

Aproximou-se não sentido ao bosque de roseiras brancas, e dahi protegido pelo reparo da folhagem pôde melhor ouvir o que conversavam.

BOABDIL.

Que ouviu?

MULEY.

Apênas algumas frases cortadas.

BOABDIL.

Não bastam.

MULEY.

Eram de sobra para convencer os mais incredulos.

BOABDIL.

Que diziam?

MULEY.

Palavras ardentes, juramentos, protestos de amor.

BOABDIL.

Quem eram?

MULEY.

O homem trazia uma comprida marlota, que lhe descia até aos pés. Não era facil distinguir-se-lhe o talhe do corpo.

BOABDIL.

E a mulher! a mulher?

MULEY.

Doida de amores, perdido o siso e o pudor se arrojara aos braços delle: apertavam-se, abraçavam-se, murmuravam nos ouvidos um do outro palavras incomprehensíveis!

BOABDIL.

Quem era a mulher?

MULEY.

Apertados entre si extremamente se afóra delles se houvesse aniquillado o mundo, cegos, freneticos,

como se todo o fogo da eterna condemnação lhes ardesse no peito.

BOABDIL.

Basta!

MULEY.

Beijavam-se entre suspiros e soluços.

BOABDIL.

Calla-te!. —Quem era a mulher.

MULEY.

Vós o sabeis, Senhor.

BOABDIL.

As provas?

MULEY.

Eil-a entregá-lhe o véo.

BOABDIL.

Depois de ter examinado, esfrega-o entre as mãos, e deixa-o cahir por terra.

Quem era o homem?

MULEY.

Eu o poderia ter descoberto, mas como sabeis fui preso e toda a investigação desde logo se me tornou impossivel.

BOABDIL.

Aben-Hamet é um nobre cavalleiro: não lhe deverei confiar tal missão.

MULEY.

Senhor!

BOABDIL.

Enganei-me, confesso que me enganei!—Esse homem que os espreitava, não o viu, não o reconheceu.

não pôde conjecturar quem elle fosse pelas maneiras, pelos gestos, por outro qualquer signal?

MULEY.

Talvez que isto vos possa servir: o unico homem que no serrallio encontramos foi um Abencerrage!

BOABDIL.

Quem era?

MULEY.

Só pelo trajar o reconhecemos!

BOABDIL.

Por que o não prenderam, porque o não mataram?

MULEY.

Não cheguei a vê-lo: defendeu-se como um verdadeiro Abencerrage e evadiu-se sem que os meus soldados lhe podessem pôr obstaculos!

BOABDIL.

Era um Abencerrage! *pensativo.*

MULEY.

Attendei, Senhor: é certo que encontramos um Abencerrage, mas parece que o homem da entrevista não usava do mesmo vestuario.

BOABDIL.

Que fazia um Abencerrage nos jardins do meu serrallio, e que outro a não ser dessa tribu odiosa, teria a audacia de levantar tão alto os olhos, e de se encontrar commigo!—Os Abencerrages conheço-os pelo genio turbulento, faccioso, promptos a commetterem empresas, e a tratarem amores nos disturbios da guerra. Miseraveis, que se proclaman descendentes

dos reis, e que obedecem como escravos!—por muito os soffro!

SCENA VIII.

OS *mesmos* e um SOLDADO.

O SOLDADO.

Senhor, os meus companheiros ha muito que estão em armas, e aguardam ainda as vossas ordens.

BOABDIL.

Que esperem!

O SOLDADO.

Começam alguns a impacientar-se.

BOABDIL.

Que se retirem.

O SOLDADO.

Dizem que os hespanhoes se aproximam.

BOABDIL.

Que esperem ou que se retirem: façam o que lhes aprouver.

O SOLDADO.

Que lhes direi, Senhor?

BOABDIL.

Não me ouviste?!—O soldado sahe: gritos da parte de fóra. Que não me deixem um instante ser homem!

SCENA IX.

OS *mesmos* ALHAMUR.

ALHAMUR.

Senhor, as tropas começam a revoltar-se. o povo se enfurece, dizem que os hespanhoes se aproximam da cidade!

BOABDIL.

És abencerrage?

ALHAMUR.

O chefe. Senhor, julguei que vos era conhecido!

BOABDIL.

És chefe? melhor!

VOZ DE FÓRA.

Canta algumas coplas da cantiga—Ay de mim Alhama.

BOABDIL.

Conheces aquelle solão?

ALHAMUR.

Temerario arrojô é de quem o canta, Senhor: vós o tinheis prohibido.

BOABDIL.

Pódem agora fazel-o imponemente: Quem era o Alcaide da Alhama—lembras-te?

ALHAMUR.

Éra um Abencerrage.

BOABDIL.

Sabes o que lhe fizeram.

ALHAMUR.

Vosso pai lhe mandou cortar a cabeça por haver mal defendido o castello, cuja guarda lhe tinha sido confiada.

BOABDIL.

Que te parece d'aquelle castigo?

ALHAMUR.

Que foi merecido, Senhor.

BOABDIL.

Foi injusto.

ALHAMUR.

Dizeis?.

BOABDIL.

Que foi injusto. Se punimos o descuido com pena capital como havemos de punir a traição e a vileza?

ALHAMUR.

Tendes razão, Senhor, mas os Abencerrages que podem cair em falta jámais poderão ser traidores.

BOABDIL.

Dizes?.

ALHAMUR.

Que são leaes.

BOABDIL.

São leaes. Bem sei que que são leaes.. com quantos poderei contar da tua tribu?

ALHAMUR.

Somos cincoenta os principaes, e afóra destes muitos outros somenos, que são entre os primeiros dos vossos

soldados. Podeis dispor delles quando mellhor vos aprouver.

BOABDIL.

Bem—Todos, sem excepção. haveis de apresentar-vos hoje mesmo no pateo dos leões.

ALHAMUR.

E ouzaria eu perguntár-vos para que?

BOABDIL.

Lá o sabereis.

ALHAMUR.

Perdoai-me; quando tantos perigos nos ameaçam de perto, releva que eu dê uma razão um motivo aos meus companheiros d'armas.

BOABDIL.

Para o que vos posso querer no meu palacio?.

ALHAMUR.

Para algum conselho talvez.

BOABDIL.

Assim pois vireis desarmados.

ALHAMUR.

Senhor, temos o direito de entrar com todas as armas nos vossos conselhos.

BOABDIL.

Assim é; mas não ha muito, que alborotastes o meu palacio encontrando-vos com os Gomeles vossos inimigos: não quero que taes scenas se reproduzam comprehendéis agora?

ALHAMUR.

Sereis obedecido. Sahe.

SCENA X.

BOABDIL, MULEY HASSN.

BOABDIL.

Ouviste?

MULEY.

Ouví.

BOABDIL.

Comprehendeste?

MULEY.

Pouco.

BOABDIL.

É facil vai ao pateo dos leões com os teus soldados, os Abencerrages que entrem desarmados—um por um. O mais fica a teu cuidado.

MULEY.

Senhor eu vos supplico! . . .

BOABDIL.

Entendo: chamarás os Gomeles em teu auxilio.

MULEY.

Creio que dos Abencerrages depende agora a salvação do estado, se ides assustar a população com semelliante castrophe.

BOABDIL.

Obedece.

ACTO V

ACTO V.

Salla do julgamento.

SCENA I.

BOABDIL, MULEY HASSAN.

BOABDIL.

Dêste as tuas ordens?

MULEY.

Estão dadas Senhor.

BOABDIL.

Os Zegrís, os Gomeles já entraram?

MULEY.

Estão no pateo dos leões.

BOABDIL.

Armados?

MULEY.

Estão promptos.

BOABDIL.

Crês tu que executem cegamente as tuas ordens?

MULEY.

Senhor, bem sabem elles que a obediencia é o seu primeiro, senão unico dever.

BOABDIL.

E não se arrependirão de haverem nesta occasião obedecido. *Momento de silencio.* Que disse ella?

MULEY.

A rainha?

BOABDIL.

Zorayma—o que disse ella?

MULEY.

O mesmo que sempre disse.

BOABDIL.

Teima então em asseverar acintemente que o seu cúmplice é esse infeliz mancebo.

MULEY.

Esse mesmo, Senhor—o filho de Mohamed—abencerrage morto, segundo é voz na sua tribu, ha já alguns annos.

BOABDIL.

Imprudente! até aos mortos atraicôa!

SCENA II.

OS mesmos e AYXA.

AYXA.

Perdoai-me se vos interrompo.

BOABDIL, a Muley Hassan.

Cumpre as minhas ordens. *Muley sahe.*

AYXA.

Senhor, será acaso verdade o boato que ouço na boca de todos?

BOABDIL.

Que boato, Senhora?

AYXA.

Que havendo reunido os vossos guerreiros com a promessa de que vos ieis por á sua frente para marchar contra os hespanhoes, mandastes repentinamente e sem outro motivo mais que um capricho inexplicavel que se debandassem!

BOABDIL.

É certo.

AYXA.

E será tambem certo que na mesma occasião convocastes os Abencerrages para com elles vos aconselhardes sobre os negocios do estado!

BOABDIL.

Acreditai-o: ninguem vol-o prohibe!

AYXA.

Rei, não serei eu quem vos acoroçoe a progredir na estrada, onde a passos desenvoltos ides caminhando para a vossa perdição. Não é esta occasião de se desperdiçar o tempo com palavras innuteis. O que premeditaes fazer, Senhor?—Derrubar o vosso apoio mais forte, cercear ao throno de Granada os seus mais seguros defensores? E o motivo qual é? Porque cego pelo amor de uma mulher, que vos foi traidora, tão irreflectido na escolha das pessoas em quem vos confiaes, como inconsiderado e injusto em punir todos os membros de uma familia pelo crime de um só?

BOABDIL.

Basta: fostes vós quem sollicita pela minha honra lançastes mão de tudo para me convencer da minha vergonha: fostes vós quem com os vossos desvellos pela minha felicidade não cessaveis de clamar a todo o momento nos meus ouvidos que eu era rei e trahido!—Acordastes o leão que dormia: eis-o agora de crinas irriçadas; tremei, mas não deveis queixar-vos.

AYXA.

Queixar-me-hei, não porque perdeis o throno que é vosso, mas porque vai com elle a sancta religião de Mafoma,—não porque abandonais os vossos vassallos à furia castelhana, mas porque entregais manietados os crentes aos incredulos, --porque destruis as esperanças, deste imperio arabe que se havia de estender pelas Hespanhas e pelo mundo: porque sois o primeiro a cavar os alicerces, onde bem cedo se hade erguer o estandarte de Christo sobre o turbante do propheta.—Se só vos contenta a matança dos Abencerrages nada vos será mais facil. mandai abrir as portas de Granada, mostrai-lhe ondè estão os inimigos, e podereis depois subir a uma das mais elevadas torres de Granada para vêr como elles acabam às mãos dos infieis:—O sangue das suas feridas vos não hade então enfurrugar a corôa por que elles morrerão como guerreiros no campo da batallia.

BOABDIL.

Morrerão como traidores: não merecem outra morte.

AYXA.

Um só homem poderá talvez pôr as mãos no peito a fortuna contraria que nos ameaça. Rei, sabeis quem seja este homem? É um Abencerrage!

BOABDIL.

Morrerá também.

AYXA.

Longe da corte por muitos annos não pôde ter parte no crime de que á sua tribu accusais. Apareceu entre nós como um milagre da providencia e foi recebido com enthusiasmo pelo povo que já tratava de resguardar os seus thesouros, e as pessoas que tinham mais caras. Rei confiai o mando dos vossos exercitos ao Abencerrage Ibrahim.

BOABDIL, vivamente.

Ibrahim! dizeis que se chama Ibrahim?

AYXA.

É esse o seu nome.

BOABDIL.

O filho de Mohamed, o Abencerrage?

AYXA.

Esse é.

BOABDIL.

E sabeis que está em Granada: não vos enganaram?

AYXA.

Eu o vi!

BOABDIL.

Oh! Mafoma eu t'o agradeço! pausa. Dizeis então?

AYXA.

Que é o unico homem capaz de vos salvar.

BOABDIL.

Não trato disso: como foi recebido?

AYXA.

O povo festeja-o como um amigo que volta de uma longa peregrinação,—querem-n'ò por chefe, aclamam-no, e levam-n'ò em triumpho pelas ruas.

BOABDIL.

Então vale muito com o povo?

AYXA.

Muito. —mais do que o podeis imaginar.

BOABDIL.

Tendes razão: mandai-o chamar.

AYXA.

E haveis de perdoar-lhe, haveis de pô-lo á frente do vosso exercito: não é assim, meu filho?—É isto de bom conselho alem de ser um acto de justiça.

BOABDIL.

É o homem de quem mais careço nesta occasião, fazei-o vir a minha presença já.

AYXA.

Confio na vossa palavra.

BOABDIL.

Nada prometto! emendando-se. Não vos posso dizer senão que o heide premiar segundo as suas obras.

AYXA.

Ainda melhor.

BOABDIL.

O tempo urge!

AYXA.

Allah vos abençõe men filho.

SCENA III.

BOABDIL só.

Ibrahim está vivo! e heide perdoar-lhe! heide po-lo á frente dos meus exercitos para que vá combater os meus inimigos, e volte depois carregado de loiros afrontar-me com redobro d'insolencia! E eu de mãos atadas para o galardão como para o castigo heide agradecer-lhe a conservação de uma corôa já tingida em tanto sangue. E com a fronte baixa, heide ouvir a narração dos seus feitos julgando-me vil na minha consciencia! Não! pereça embora este throno malfadado, onde jámais me tem corrido uma hora de ventura: pereça o meu nome e gloria e acabe a minha geração comigo: mas não se dirá nunca que deixei vivo o miseravel que me injuriou cobardemente,—nem que por amor de um premio vil, de uma corôa mal soffrida, consenti em lhe ser agradecido! Hassan! Hassan! Não ouves, Hassan!

SCENA IV

BOABDIL, MULEY HASSAN.

MULEY.

Aqui me tendes, Senhor.

BOABDIL.

Faze conduzir Zorayma para o pateo dos leões—já, quanto antes.

MULEY.

Senhor, pois tambem ella?

BOABDIL.

Quero que assista a execução.

MULEY.

Meditai, Senhor. . .

BOABDIL.

Não ouviste ainda? Quero-a no pateo dos leões.

SCENA V

OS *mesmos*, e em ABENCERRAGE.

BOABDIL á Muley.

O mais saberás depois. Muley sae.

ABENCERRAGE.

Senhor perdoai-me se me demorei: os hespanhóes começam a atacar-nos.

BOABDIL.

És o primeiro que chegas: não tens que pedir desculpas.

ABENCERRAGE.

Tanto peor, senhor, que se não empregardes toda a deligencia, com magoa o digo, Granada cairá hoje mesmo em poder dos infieis.

BOABDIL.

Já deliberei tudo.

ABENCERRAGE.

E o que determinaes?

BOABDIL.

Podes entrar.

ABENCERRAGE.

Pois quereis sempre reunir conselho?

BOABDIL.

Entra. O Abencerrage sahe.

SCENA VI.

BOABDIL---2.º ABENCERRAGE.

2.º ABENCERRAGE.

Começou o ataque da parte dos hespanhoes—alguns dos nossos bastiões já cahiram em seu poder.

BOABDIL.

Podes entrar. O Abencerrage sahe.

SCENA VII.

BOABDIL---3.º ABENCERRAGE.

3.º ABENCERRAGE.

Senhor, senhor! valei-nos!

BOABDIL.

Entra. Ouve-se um grito—o Abencerrage que vai para entrar recúa.

3.º ABENCERRAGE.

Não ouvistes?

BOABDIL.

O que?

ABENCERRAGE.

Um grito de arripiar as carnes,—um ronqueijar de quem se debate entre as vascas da morte.

BOABDIL.

Vê o que é. O 3.º Abencerrage sahe. Entrão muitos outros: Boabdil com a mão lhes indica a porta por onde devem entrar.

SCENA VIII.

BOABDIL. ABEN-HAMET.

BOABDIL.

Tu, Aben-Hamet! que vieste aqui fazer?

ABEN-HAMET.

Senhor, não me querieis fallar?

BOABDIL.

Em verdade, és a pessoa que eu menos desejava ver neste lugar e neste momento.

ABEN-HAMET.

Se a minha presença vos é agora importuna.

BOABDIL.

Nunca! nunca. Se te não desejava agora era só para que não fosses testemunha de um espectáculo bem triste.

ABEN-HAMET.

Para vós, Senhor?

BOABDIL.

Para todos.

ABEN-HAMET.

E não poderei saber qual a causa que tanto vos afflige?

BOABDIL.

Podes, sim; mas antes de tudo: Quando outro dia rondavas os jardins do serrallio, não viste nenhum vulto desconhecido? não descobriste nenhum indício que pudesse confirmar as minhas suspeitas?

ABEN-HAMET.

Porque essa pergunta, Senhor?

BOABDIL.

Não duvido da tua deligencia, não te crimino: és leal, és meu amigo.—Mas sabe: desde aquella noite adquiri a fatal certeza de que Zorayma.

ABEN-HAMET.

Acabai! . . .

BOABDIL.

Basta: bem me entendes.

ABEN-HAMET.

E o que pretendeis fazer?

BOABDIL.

Vingar-me!

ABEN-HAMET.

De quem? conheceis acaso o criminoso?

BOABDIL.

Pouco importa! Quando em uma casa se commette um grande delicto, arrasam-se-lhe as paredes com o solo, e no lugar que ella deixou vasio planta-se canhamo e linho para que de todo se apague a lembrança do attentado commettido.

ABEN-HAMET.

E se o criminoso se viesse offerecer á vossa vingança pedindo-vos que vos compadecesteis d'aquella pobre e desgraçada creatura e que sobre elle sómente cahisse todo o peso da vossa cholera?

BOABDIL.

Não, nunca!

ABEN-HAMET.

Ponderai, senhor, quam grande é a fraquesa de uma mulher—quam facilmente se pode deixar arrastar pelos protestos talvez lisongeiros, talvez fingidos de uma lingua mentirosa. Facilmente seduzidas pela lisonja, mal podendo resistir a paixão que se lhe revela entre lagrimas. . . a natureza as criou fracas, mas são os homens que as fazem trahidoras.

BOABDIL.

Fraquesa de vibora que assassina mordendo!—Mede o crime não pelo que é em si, mas pela qualidade da pessoa offendida, e verás depois se sou rigoroso em demasia, ou se basta o sangue dos Abencerrages para lavar a nodoa que a sua infamia lançou sobre o meu nome!

ABEN-HAMET.

Os Abencerrages!

BOABDIL.

Morrerão todos.

ABEN-HAMET.

E Alhamur, senhor! Alhamur! Tambem o condemnastes?

BOABDIL.

Já morreu!

ABEN-HAMET.

Rei, pois que a tal ponto vos cega a paixão que sacrificaes sem motivo a flor dos vossos cavalleiros, pois que punis milhares de innocentes por um só criminoso, sem attenção ao bem do vosso estado, á dedicação da vossa nobresa, que melhor acabaria n'um dia de batalha morrendo por amor do vosso throno, —pois que basta pertencer á mais nobre, á mais generosa, á mais guerreira tribu de Granada para incorrer no vosso desagrado, para merecer a morte por mão de um carrasco,—aqui me tendes: sou eu. enendando-se. Sou tambem Abencerrage!

BOABDIL.

Peza-me de os não poder odiar sem excepção de um só!

ABEN-HAMET.

Digo-vos que sou Abencerrage! A excepção que fazeis de mim, quando mandais trucidar os meus irmãos, os meus amigos, os meus companheiros d'armas—é uma vergonha—um insulto—ponderai bem que é um insulto: eu o regeito.—Mandai que vos tragam o cepo do padecente, o cutello do algoz, os aprestos desta horrivel carnificina, mandai que me decepem a cabeça na vossa presença, e não cubraes d'infamia o homem de quem, ao menos vós o dissestes, de quem já fostes amigo.

BOABDIL.

Tardias são as tuas palavras. Aben-Hamet.—A mim delles não concederia eu a vida nem pela tua amizade nem por todos os thesouros do Kalifa.—Quanto ao mais, ainda que eu agora o quizesse, movido pelos teus rogos, já não é tempo de perdoar-lhes.

ABEN-HAMET.

É sempre tempo para a clemencia, senhor.

BOABDIL.

Não, já não é tempo. Vê tu mesmo. Abre-se o reposteiro do fundo—e vê-se entre sómbra os Zegrís e os Gomezes: Zorayma entre os soldados—e os cadaveres dos Abencerrages

ABEN-HAMET.

Horror! Horror!

SCENA IX.

OS mesmos e ZORAYMA lançando-se ao meio da scena

ZORAYMA.

Foge. Ibrahím, foge.—Não são homens os que vês, são feras carniceiras, que respiram soffregas o odor do sangue: a morte é para elles um banquete, e as agonias do passamento um concerto que os embriaga. Fôge, eu t'o supplico: foge se ainda é tempo.

BOABDIL.

Tu chamas-te Ibrahím?

ABEN HAMET.

Ver-te assim entregue nas mãos dos teus algozes, e não ter forças, não ter posses para te arrancar do

abysmo onde eu te precipitei com a minha imprudencia! Oh! Zorayma, sómente agora é que posso lêr na sorte que te espera quam grande foi o meu delicto! mas por grande e horrendo que seja, basta, é de sobra este momento para apagar a sua lembrança na memoria do meu mais encarniçado inimigo!

BOABDIL.

Tu és Ibrahim?

ABEN-HAMET.

Eu sou: se a mais tempo vol-o não confessei não foi por disputar esta vida que de bom grado vos cedo: mas ia com ella a sorte de outra creatura!

BOABDIL.

Tambem és Abencerrage: agora o creio!

ABEN-HAMET.

Rei, dai um só momento áquelle que para todo o sempre vai comparecer perante a justiça do eterno. Não vos peço mercê.

BOABDIL.

Ibrahim! Aben-Hamet---o nome do homem que me era mais caro---o nome da creatura que mais aborrecia --um traidor---um amigo---e são ambos uma só creatura: era isto. E que outra coisa poderia ser se não um monstro para resumir em si as mais violentas, as mais disparatadas affeições da minha alma.

ZORAYMA.

E eu sou que te denuncio!—Quando julgava ter a ira de Deos accumulado sobre a minha cabeça todas quantas miserias podem sobrevir a uma triste crea-

tura, por cumulo de infortunio sou eu quem te condemna à morte! sou eu quem te mata! eu, cuja unica consolação nos meus derradeiros instantes seria saber que ficavas em vida guardando a memoria d'aquelle nosso amor da infancia, lembras-te? Oh! tão piro! e tão desgraçado tambem!

ABEN-HAMET.

Anjo do céo! bem vindá me seria a morte que eu recebesse das tuas mãos; mas a folha da minha vida rompeu-se á primeira gota de sangue abencerrage, que por meu respeito se derramou! Nobres e desgraçados irmãos! Como poderia eu viver depois deilles, e depois de tí Zorayma? Morrerei, sim, morrerei, sem queixar-me, e mil vezes benidito seja Allah, que na sua bondade me permite esta derradeira, esta grande consolação, que não mereço--a de morrer contigo!

BOABDIL:

Oh! quando o' homem na vida passa por uma destas terriveis provaças que apraz a Allah mandar aos seus filhos miseraveis como um raio de maldição implacavel, descrê da sua justiça, e da humanidade, e comsigo mesmo se envergonha de pertencer a indigna especie que produz tão negros fructos!

SCENA X.

OS MESMOS e AYXA.

AYXA.

Senhor, os hespanhoes penetraram na cidade: já cor-

rem pelas ruas, incendiam as casas e os templos, os vossos soldados sem chefes—um punhado apenas pe-
 lejam desacoroçoados, disputando a subida de Viva-
 rambla que dá entrada para o castello. Boabdil conserva-se
 pensativo e silencioso. Por Deos, senhor, que silencio é este?
 Vosso throno se espedaça como uma arvore tocada
 pelo raio: vossos soldados carecem de chefes: um ulti-
 mo esforço pode ainda salvar-vos, e reunis no palacio
 os Zegrís, os Gomeles, mandais assassinar os Aben-
 cerrages, e vos conservais tranquillo e socegado como
 se isto fosse apenas um alevante da plebe! Silencio. Já
 que o terror vos tolhe a falla, tratarei de salvar-vos,
 máo grado vosso—eu fraca mulher que não sei ma-
 nejar o alfange, nem cavalgar um corseil de batalha.
 Vem commigo Ibrahim!

BOABDIL.

Ibrahim! Quem fallou em Ibrahim?

AYXA.

Eu! Ouvem-se descargas.

BOABDIL.

Que arruido é aquelle?

AYXA.

São os hespanhoes que atacam o vosso palacio.

BOABDIL.

Guardas, guardas!—Zegrís, Gomeles.

AYXA.

Em fim acordastes!

SCENA XI.

OS mesmos e GUARDAS.

BOABDIL.

Segurái-o.

AYXA.

A quem?

BOABDIL *com força*.

Segurái-o!

ABEN-HAMET.

Rei, deixai-me primeiro correr ao encontro dos vossos inimigos: eu vol-o peço de joelhos: vencedor ou vencido fica-vos a minha vida ou o meu cadaver para saciar a vossa vingança.

AYXA.

Não sabeis que esse é Ibraim, senhor, que loucura é a vossa?

BOABDIL.

Pelo inferno: matai-o, matai-o!

ZORAYMA.

Morreremos ambos, morreremos juntos, exhalaremos juntos o ultimo suspiro.

ABEN-HAMET.

Vem, só a morte agora te poderá tirar d'aqui onde devèras ter vivido sempre!

BOABDIL.

Separai-os!

AYXA *com desprezo*.

Insensatos!

ZORAYMA.

Quem de vós se atreverá a tocar-me?

BOABDIL.

Séparai-os! Cobardes! Arranca-a dos braços de Aben-

Hamet.

ABEN-HAMET entre os soldados.

Ai de ti, rei, se em quanto me resta um alento de vida te atreves a levantar a mão contra Zorayma! ai de ti, se insultas uma mulher que se não defende, que não tem forças para te resistir!

BOABDIL.

Matai-o! matai-o! Cresce fóra o tumulto.

ABEN-HAMET.

Ai de ti, porque despedaçando estas fracas prisões dos teus soldados—esta barreira desprezível que oppões a minha furia!

ZORAYMA.

Ibrahim!

BOABDIL.

Calla-te.

ZORAYMA.

Emquanto a minha voz te puder chegar aos ouvidos escuta-me: Eu te amo!

BOABDIL.

Calla-te!

ZORAYMA.

Eu te amo.

BOABDIL.

Calla-te! Suffocando-a.

ZORAYMA.

Eu te amo!

BOABDIL.

Calla-te! Apunhala-o.

ABEN-HAMET.

Ah! ^Acahe apunhalado. Perdoai-me rei: tu Zorayma perdoai-me!

BOABDIL.

Eu te odeio!

ZORAYMA cahindo.

Eu te perdôo!

(Cahê o panno.)

INDICE

DO

VOLUME QUINTO.

LEONOR DE MENDONÇA.

	PAG.
Prologo.	9
Acto I .	25
II	73
III	103

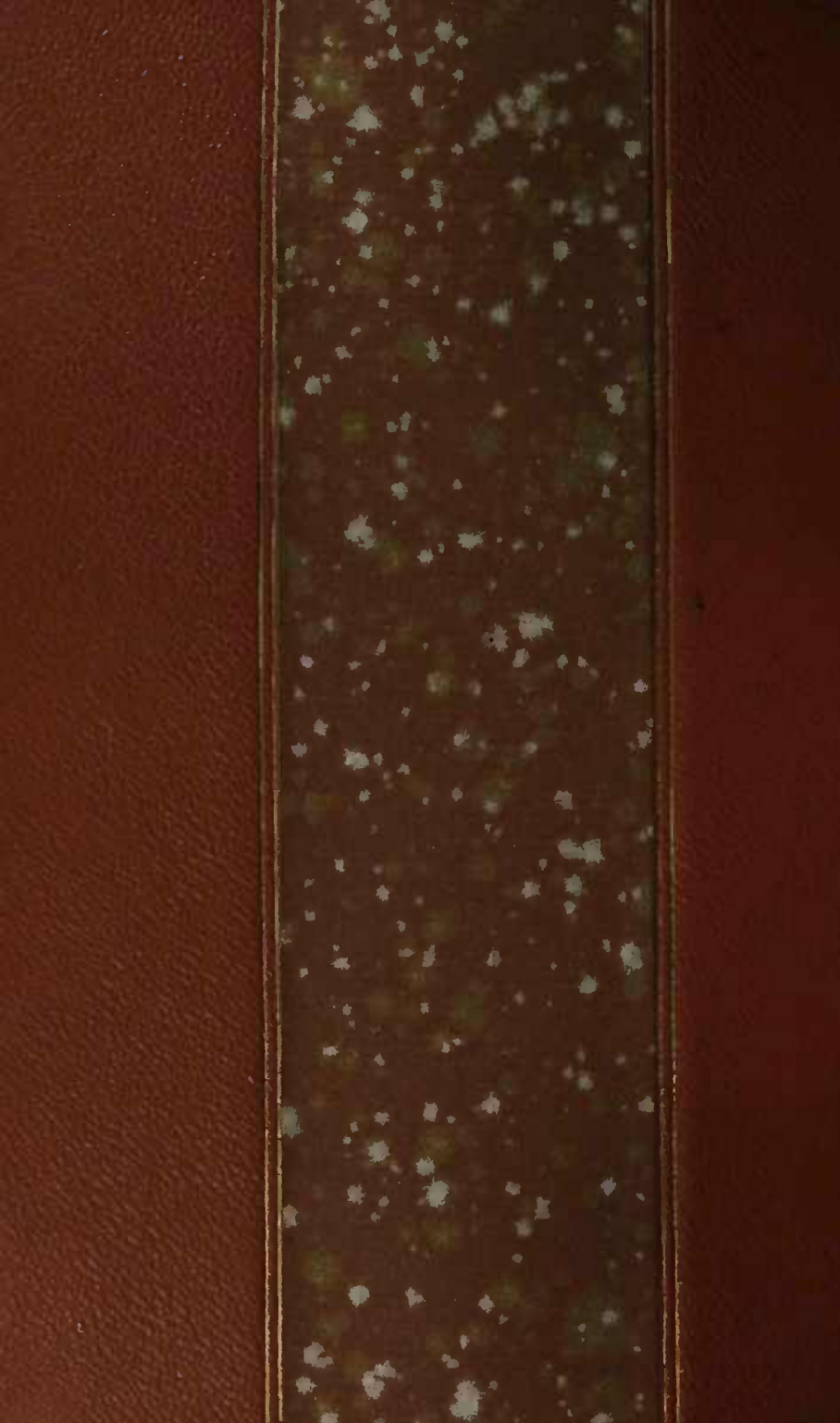
BOABDIL.

Acto I .	149
II .	181
III .	213
IV	237
V	265

FIM DO INDICE.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).